

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

Cláudio Oliveira da Gama

Insatisfação corporal de universitários no Brasil: conceitos e evidências empíricas

Rio de Janeiro

2021

Cláudio Oliveira da Gama

Insatisfação corporal de universitários no Brasil: conceitos e evidências empíricas

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Epidemiologia em Saúde Pública, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Epidemiologia Geral.

Orientadora: Prof.^a Dra. Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel.

Coorientadores: Prof.^a Dra. Valéria Nascimento Lebeis Pires e Prof. Dr. José Ueleres Braga.

Rio de Janeiro

2021

Título do trabalho em inglês: Body dissatisfaction of university students in Brazil: concepts and empirical evidence.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

G184i Gama, Cláudio Oliveira da.
Insatisfação corporal de universitários no Brasil: conceitos e evidências empíricas / Cláudio Oliveira da Gama. — 2021.
169 f. : il. color. ; tab.

Orientadora: Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel.
Coorientadores: Valéria Nascimento Lebeis Pires e José Ueleres Braga.
Tese (doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2021.

1. Imagem Corporal. 2. Insatisfação Corporal. 3. Estudantes.
4. Educação Superior. 5. Saúde Pública. 6. Educação. I. Título.

CDD – 23.ed. – 306.4613

Cláudio Oliveira da Gama

Insatisfação corporal de universitários no Brasil: conceitos e evidências empíricas

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Epidemiologia em Saúde Pública, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Epidemiologia Geral.

Aprovada em: 30 de julho de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Amparo Villa Cupolillo
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alexandre Palma de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Wanderson Fernandes de Souza
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Enirtes Caetano Prates Melo
Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Prof.^a Dra. Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel (Orientador)
Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Rio de Janeiro

2021

Dedico esta tese

Primeiramente a Deus, por me capacitar (com força, vontade, dedicação e disciplina), por fazer sonhos virarem realidade.

Aos meus pais, Luiz e Wanda, pelo amor, dedicação, cuidado, carinho, zelo e fé. Pelos princípios ensinados ao longo de minha vida.

Ao Gláucio, meu gêmeo, meu clone, pela parceria de vida.

Ao Luizinho e Luiz Felipe, irmão e sobrinho.

Aos que torceram, ainda que de longe, DEU CERTO!

Com Amor

AGRADECIMENTOS

Deus, pela oportunidade de viver, experimentar, de sentir e existir...

Minha orientadora, prof^a. Dra. Elvira M. Godinho Seixas Maciel, por aceitar esta parceria, por me inspirar em seu trato com o outro, pelas palavras de carinho e incentivo, pela inteligência, empatia, verdade e, principalmente, pela leveza de como conduz e transmite seus valiosos conhecimentos.

Minha segunda orientadora, prof.^a Dra. Valéria Nascimento Lebeis Pires, pela parceria, trocas, conversas, confidências, aprendizado e carinho que sempre teve comigo, que nossa amizade se estenda por toda a vida.

Ao meu terceiro orientador, professor Doutor José Uelers Braga, por partilhar seu conhecimento, pelo olhar preciso, por me apresentar a pesquisa e o fazer ciência de uma forma inspiradora e cuidadosa. Pelos momentos cruciais do trabalho, minha gratidão.

Meus orientadores de Iniciação Científica e Mestrado, Prof. Dr. Luiz Celso Pinho e Prof.^a Dra Amparo Villa Cupolillo, por serem os responsáveis pela minha maturidade acadêmica.

Meus queridos amigos e companheiros de curso Breno, Larissa, Luciana, Kevin, Helen e Rocindes, pela parceria e união em vários momentos intensos de estudo, com vocês tudo foi possível. Em especial ao amigo Breno pelas madrugadas a fio de muito estudo, conversas e risadas.

As instituições UFRRJ, UFF, UERJ, UNIRIO, UGF, UFRJ, UAB e FIOCRUZ representados pelos Professores que influenciaram minha busca pela sabedoria, pelos ensinamentos ao longo do meu percurso acadêmico.

Aos professores Dina Czeresnia, Luis David Castiel, Leticia Cardoso, Enirtes Caetano e Elomar Barilli, pelas ricas vivências e aprendizados ao longo do curso.

Aos professores Eliane Vargas e Marisa Theme, pela participação e ensinamentos na qualificação de meu projeto. Em especial a professora Marisa Theme, por instigar-me na superação de meus limites.

A Banca de defesa, por aceitar o convite e partilhar deste momento importante de minha trajetória.

A CAPES, pelo incentivo a pesquisa.

A FIOCRUZ, magnífica instituição, meu obrigado pela receptividade e crescimento profissional.

A ENSP por me abrir portas, foi uma honra passar esses 4 anos nesta escola, esta cumpre com excelência sua função estratégica na Saúde Pública brasileira.

A SECA, pelo apoio e acolhimento em todos os momentos.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Epidemiologia em Saúde Pública.

Ao grupo de pesquisa LECOM/UFRRJ.

Aos Mestres, que inspiram minha caminhada.

Aos familiares e amigos que em todos os momentos estiveram presentes,

Há muito mais a quem agradecer. Aqueles que, embora não nomeados, me incentivaram de diversas maneiras e apoiaram em distintos e cruciais momentos. Por suas presenças afetivas, a minha gratidão!

*Com certa exatidão na dosagem, loucura e caos podem
positivar os seres humanos, capacitando-os para a perfeita arte do viver*

Do autor da tese

RESUMO

A imagem corporal é construída social e culturalmente pelos indivíduos, sendo também influenciada ou limitada pelo aspecto biológico e ambiental. Na sociedade contemporânea atual, há uma atenção privilegiada, que realoca o corpo em uma posição destacada e expoente nas relações sociais. A idealização de corpo formada supostamente por padrões impostos socialmente, principalmente em jovens, tem despertado preocupações na comunidade científica e em setores da saúde, como os da saúde mental e coletiva. Este estudo procurou conhecer o constructo de insatisfação corporal de jovens universitários no Brasil, buscando entender sentidos e nexos que se relacionam aos aspectos psicológicos, sociais e culturais que exercem atuação dinâmica na formação da identidade corporal. A presente pesquisa objetiva revisar os conceitos de imagem corporal e insatisfação corporal, a operacionalização desses conceitos no âmbito da pesquisa científica e conhecer a prevalência de insatisfação corporal de estudantes de graduação de universidades brasileiras. A Tese é apresentada no formato de “coletânea” pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz com a proposta de três artigos, intitulados “Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos”, “Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa” e “Prevalência de insatisfação corporal de universitários no Brasil: revisão sistemática com metanálise” apresentados na seção de resultados do estudo. Buscou-se conhecer os fatores estudados relacionados em pesquisas de prevalência de insatisfação corporal com a finalidade de promover reflexões e diálogos que fomentem propostas que possam prevenir o surgimento bem como o agravamento de problemas de saúde acerca de uma imagem corporal negativa. A prevalência de insatisfação foi analisada por meio de revisão sistemática com metanálise incluindo artigos nacionais publicados sobre a temática de insatisfação corporal em universitários avaliada pelo instrumento *Body Shape Questionnaire* (BSQ). Os dados foram reunidos consultando as bases Lilacs, Medline e Embase e literatura cinza com seleção de 49 artigos. Aponta-se prevalência global de 30,2% com IC95% (25,39; 35,27) de insatisfação corporal nos estudantes do Brasil com grande heterogeneidade entre os estudos, se mantendo alta mesmo após análise por subgrupos de características populacionais e metodológicas. A meta-regressão evidenciou como influenciadoras da heterogeneidade as variáveis de sexo e de ponto de corte do instrumento utilizado ($p = 0,001$). Ainda que a literatura nacional apresente vários estudos com dados de prevalência, esta medida precisa ser melhor discriminada tamanha a heterogeneidade observada na metanálise. É necessário que pesquisadores da temática infor-

mem pontos importantes sobre a população estudada e metodologia empregada nas publicações. Espera-se que este trabalho norteie pesquisadores e auxiliem gestores na criação de medidas de políticas públicas de saúde e educação em favor de atenuar os efeitos da insatisfação corporal na saúde de universitários.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Insatisfação corporal. Universitários. Saúde Pública. Educação.

ABSTRACT

The body image is socially and culturally constructed by individuals, being also influenced or limited by the biological and environmental aspects. In today's contemporary society, there is privileged attention, which relocates the body in a prominent and exponential position in social relations. The idealization of the body supposedly formed by socially imposed standards, especially on young people, has aroused concerns in the scientific community and in health sectors, such as mental and collective health. This study sought to understand the construct of Body Dissatisfaction of young university students in Brazil, seeking to understand meanings and connections that relate to the psychological, social and cultural aspects that play a dynamic role in the formation of body identity. This research aims to review the concepts of body image and body dissatisfaction, the operationalization of these concepts in the context of scientific research and to know the prevalence of body dissatisfaction among undergraduate students from Brazilian universities. The Thesis is presented as a "collection" by the Postgraduate Program in Epidemiology in Public Health of the Sergio Arouca National School of Public Health, from the Oswaldo Cruz Foundation, with the proposal of three articles, entitled "Body, beauty and youth in contemporaneity : reflective notes", "Body, identity and body image: a narrative review" and "Prevalence of body dissatisfaction among university students in Brazil: systematic review with meta-analysis", presented in the study results section. We sought to know the factors studied related in surveys of prevalence of body dissatisfaction in order to promote reflections and dialogues that foster proposals that can prevent the emergence as well as the worsening of health problems about a negative body image. The prevalence of dissatisfaction was analyzed through a systematic review with meta-analysis including national articles published on the topic of body dissatisfaction among university students, assessed using the Body Shape Questionnaire (BSQ) instrument. Data were gathered by consulting Lilacs, Medline and Embase and gray literature with a selection of 49 articles. There is an overall prevalence of 30.2% with 95%CI (25.39; 35.27) of body dissatisfaction among students in Brazil, with great heterogeneity between studies, remaining high even after analysis by subgroups of population and methodological characteristics. The meta-regression evidenced as influencing heterogeneity the variables of gender and cutoff point of the instrument used ($p = 0.001$). Although the national literature presents several studies with prevalence data, this measure needs to be better discriminated due to the heterogeneity observed in the meta-analysis. It is necessary for researchers on the subject to inform important points about the

studied population and the methodology used in the publications. It is expected that this work will guide researchers and help managers in the creation of measures for public health and education policies in favor of attenuating the effects of body dissatisfaction on the health of university students.

Keywords: Body Image. Body dissatisfaction. College students. Public health. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Dimensões da avaliação da imagem corporal.....	50
Quadro 2	Instrumentos que avaliam a prevalência de insatisfação com a imagem corporal.....	54
Quadro 3	Classificação de insatisfação corporal medidos pelo BSQ.....	64
Quadro 4	Fatores associados à insatisfação e alteração perceptiva da imagem corporal.....	67
Quadro 5	Especificação da pergunta da revisão.....	73
Quadro 6	Descritores e estratégia de busca utilizada segundo base de dados selecionadas.....	73
 Artigo 3:		
Quadro 1	Descritores e estratégia de busca utilizada segundo base de dados selecionadas.....	145
Quadro 2	Avaliação da qualidade dos estudos.....	127
Figura 1	Escala de silhuetas de Stunkard.....	55
Figura 2	Escala de silhuetas de Thompson e Gray.....	56
Figura 3	Escala de silhuetas de Kakeshita.....	58
Figura 4	Questionário de imagem corporal (BSQ).....	61
Figura 5	Fluxograma da seleção dos estudos.....	76
 Artigo 3:		
Figura 1	Fluxograma da seleção dos estudos.....	122
Figura 2	Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal segundo sexo de universitários brasileiros.....	129
Figura 3	Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal segundo sexo de universitários brasileiros.....	130
Figura 4	Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal segundo tipo de universidade brasileira.....	147

Figura 5	Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal segundo regiões do Brasil.....	148
Figura 6	Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal no Brasil segundo tipo de universidade.....	149
Figura 7	Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal segundo regiões do Brasil.....	149
Figura 8	Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal no Brasil segundo ponto de corte do BSQ.....	132
Figura 9	Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal no Brasil segundo pontos de corte do BSQ.....	133

LISTA DE TABELAS

Artigo 3:

Tabela 1	Características da população dos estudos sobre prevalência da insatisfação corporal em universitários brasileiros.....	124
Tabela 2	Características metodológicas e populacionais dos estudos sobre prevalência da insatisfação corporal em universitários brasileiros.....	126
Tabela 3	Coeficientes da metaregressão dos estudos da prevalência de insatisfação corporal de universitários brasileiros.....	134

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BSQ	<i>Body Shape Questionnaire</i>
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
IMC	Índice de Massa Corporal
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OMS	Organização Mundial de Saúde
CEP	Comitê de ética em pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UGF	Universidade Gama Filho
LECOM	Laboratório de Estudos do Corpo e Movimento
PICO	P: população; I: intervenção; C: comparação; O: desfecho
LILACS	Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
MEDLINE	<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>
PUBMED	<i>National Library of Medicine and National Institute of Health</i>
EMBASE	<i>Biomedical and pharmacological bibliographic database</i>
JBI	<i>Joanna Briggs Institute</i>
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	JUSTIFICATIVA	21
3	REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1	CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE	23
3.1.1	Características do jovem na atualidade	25
3.1.2	Os desejos e necessidades do cuidado com o corpo	29
3.1.3	Discursos corporais de manutenção do estado jovem	31
3.1.4	Desafios, projeções e perspectivas dos modelos corporais atuais	33
3.2	CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL	35
3.2.1	A identidade corporal sob a ótica do consumo	35
3.2.2	Conceituando a imagem corporal	38
3.2.3	Imagem corporal e seus determinantes contemporâneos	40
3.3	IMAGEM CORPORAL E O CONSTRUCTO INSATISFAÇÃO CORPORAL	44
3.3.1	Dimensões e avaliação da imagem corporal	45
3.3.1.1	Avaliação perceptiva da imagem corporal.....	47
3.3.1.2	Avaliação atitudinal da imagem corporal.....	49
3.3.1.3	A insatisfação corporal.....	50
3.3.1.4	Considerações adicionais da avaliação da insatisfação corporal.....	51
3.3.1.5	Instrumentos de avaliação da imagem corporal.....	52
3.3.1.6	Considerações sobre mensuração da prevalência da insatisfação corporal (critérios, pontos de corte e classificação)	62
3.3.2	Avaliação da imagem corporal de universitários no Brasil: pressupostos iniciais	65
3.3.2.1	Estudos de imagem corporal em universitários.....	68
4	OBJETIVOS	70
4.1	OBJETIVO GERAL	70
4.2	OBJETIVO ESPECÍFICOS	70
5	METODOLOGIA	71
5.1	ABORDAGENS METODOLÓGICAS E DESENHO DE ESTUDO	71
5.2	PROCEDIMENTOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA	72

5.2.1	Construção da pergunta de pesquisa.....	72
5.2.2	Estratégia de busca bibliográfica.....	73
5.2.3	Seleção dos estudos.....	74
5.2.4	Avaliação da qualidade dos estudos.....	77
5.2.5	Análise dos dados.....	78
6	RESULTADOS.....	79
6.1	ARTIGO 1- CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE: APONTAMENTOS REFLEXIVOS.....	79
6.2	ARTIGO 2 - CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL: UMA REVISÃO NARRATIVA.....	100
6.3	ARTIGO 3 - INSATISFAÇÃO CORPORAL DE UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA COM METANÁLISE.....	115
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	153
	APENDICE: PERSPECTIVAS DE ESTUDOS DE IMAGEM CORPORAL NO PÓS-PANDEMIA:NOTAS DO AUTOR.....	166
	ANEXO A: CERTIFICADO DE ACEITE DE PUBLICAÇÃO, ARTIGO: CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE: APONTAMENTOS REFLEXIVOS.....	168
	ANEXO B: CERTIFICADO DE ACEITE DE PUBLICAÇÃO, ARTIGO: CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL: UMA REVISÃO NARRATIVA.....	169

1 INTRODUÇÃO

“Não existe sujeição tão perfeita quanto aquela que conserva a aparência de liberdade.”

Rousseau

Ao longo da história o corpo tem assumido diversos papéis nas relações humanas, de coadjuvante (quando ele era considerado apenas um receptáculo para alma e mente) a protagonista. No protagonismo vivido nos últimos séculos, padrões de beleza têm se mostrado transitórios com remodelações e mudanças na representação social. Tais variações são reveladas e percebidas na ciência e cultura. Padrões estéticos ganham destaque especial na atualidade na forma de incentivo ao consumo seguindo uma lógica de produção de modelos de corpos, portadores de atributos cobiçados. Assistimos, nas últimas décadas, o investimento no corpo tornar-se obsessão, passando a produzir e legitimar adjetivos do ser social de indivíduos e grupos. As opções de investimento nos corpos interferem no estilo, desejo, consumo e modo de viver, com impacto na saúde e qualidade de vida. Corpo e moda passam a conviver de forma unificada (como se fossem uma só entidade) em prol da produção de modelos de sucesso, considerados elos fundamentais na vida social (GOLDENBERG, 2002; SANT'ANNA, 2004; COSTA, 2005). No novo estilo de vida, crianças, jovens, adultos e idosos passam a corresponder aos anseios do *marketing* que direciona o consumo em uma ótica estimulada pela convivência, disciplina e por hábitos cada vez mais homogêneos, na busca da aceitação social pautada por corpos idealizados e modos de vida quase impostos aos coletivos.

A tese parte de uma lacuna surgida no desdobramento de pesquisas iniciadas em 2007, desenvolvidas sobre a temática de corpo, e que levaram à dissertação de Mestrado intitulada *A influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do ensino médio*, defendida em 2016, um estudo qualitativo que teve por objetivo estudar os motivos de insatisfação em um grupo específico de jovens estudantes do ensino médio. Durante o grupo focal realizado na pesquisa, os participantes dialogaram sobre preconceitos e necessidades cotidianas que têm levado ao cumprimento de “manuais da boa forma”. Foi observado por meio dos relatos que os participantes se sentiam influenciados a seguirem as tendências da moda, numa espécie de “condenação consentida” à aparência contemporânea valorizada.

Atualmente vivemos em regime de atuações positivas do poder sobre os corpos:

“positiva, aqui, não quer dizer ‘menos dolorosa’, mas que, em vez de anular o corpo, colocou-o sob exposição de condições que potencializaram suas forças” (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 99). Foucault (2004) discorre sobre como a disciplina (que constitui uma forma de exercício do poder sobre os corpos) desloca as manifestações do exercício do poder pelo soberano para imposição da ordem. Ao contrário da “soberania” na qual o poder se mostra na destruição dos corpos, o poder disciplinar exerce nos corpos um tipo de controle que o modifica, produzindo habilidades num modo contínuo de vigilância hierárquica, aprendizado e desenvolvimento de habilidades: o escolar, o soldado, o operário. Trata-se de um poder positivo e produtivo, que ensina comportamentos e ofícios, produz corpos dóceis, fortes e ágeis – os atletas seriam um bom exemplo. Segundo o filósofo, o poder age negativamente quando se vale apenas da repressão, de impedimentos, atos de censura, punição (FOUCAULT, 1982). Tal argumento mantém a força na atual forma da sociedade ocidental contemporânea.

Fazer parte de um grupo aceito socialmente para os pesquisados se torna um aspecto importante na aquisição de conquistas pessoais e profissionais. As principais virtudes e hábitos corporais deixam de ser as de caráter moral, passando a ser aquelas vinculadas à qualidade de vida exteriorizada em corpos belos e com virtudes atléticas (GAMA, 2016). Foram relatados desejos frustrados de uma conquista distante de ser alcançada e preconceitos com a não adequação de padrões corporais. Os participantes do estudo reconstruíram um modelo de corpo idealizado: termos como ser “sarado” foram destaque.

Vale ressaltar que, quanto aos estudantes selecionados, com referência ao ano de ensino em curso (atual terceiro ano do nível médio), precede o possível ingresso na universidade. Para o autor, os resultados obtidos dão suporte ao interesse de continuar a investigação, em numa nova proposta de estudo, com foco para a população universitária. Sob a luz deste cenário no âmbito educacional e acadêmico, orquestrado por questões que envolvem consumismo, produtivismo e relações sociais, propõe-se nesse trabalho evidenciar importantes aspectos do constructo da imagem corporal, mais especificamente enfocando a prevalência de insatisfação corporal em universitários brasileiros.

Para subsidiar esta investigação, foram produzidos artigos científicos que integram o referencial teórico envolvendo temáticas que envolvem o corpo, identidade, beleza e juventude no cenário contemporâneo de estudantes de cursos de graduação de universidades brasileiras. São questões norteadoras do presente estudo: Qual a prevalência de insatisfação corporal dos universitários? Existe um padrão populacional ou alguma característica que explica esta prevalência?

A Tese é apresentada - no formato “coletânea” - ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). Ela inclui três manuscritos: “Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos”, “Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa” e “Prevalência de insatisfação corporal de universitários no Brasil: uma revisão sistemática com metanálise”, sendo o primeiro e segundo, pela natureza do objeto, incluídos no referencial teórico e apresentados no formato de publicação em revista científica na seção Resultados. O terceiro, ainda não submetido, encontra-se apresentado exclusivamente nos Resultados.

Seguindo-se à Introdução, as demais seções são dispostas: Justificativa, Referencial teórico, Objetivos, Métodos, Resultados e Considerações finais.

O Referencial teórico encontra-se subdividido em três subcapítulos, para contemplar aspectos conceituais do objeto de investigação dessa tese. Dois deles correspondem aos manuscritos submetidos e aprovados para publicação em revista científica internacional.

O primeiro subcapítulo, “Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade”, é um ensaio sobre o culto ao corpo, beleza e juventude na sociedade contemporânea. A existência de padrões contemporâneos de corpo e a busca obsessiva de determinados padrões parece ocupar lugar de destaque na vida de algumas pessoas. Também se evidencia tanto a necessidade de possuir atributos de beleza quanto a vontade de manter pelo maior tempo possível a aparência jovial. Neste contexto, o que parecia ser próprio de uma fase da vida, aponta para uma espécie de necessidade e busca pela beleza permanente.

No segundo, o texto “Corpo, identidade e imagem corporal” apresenta reflexões acerca da valorização do culto ao corpo na construção da identidade, assim como da imagem corporal e, assim, são trazidos conceitos e definições para o embasamento e a discussão do estudo. A formação da identidade corporal inclui a autopercepção do corpo, a produção e desenvolvimento da própria imagem, e a experiência vivida. Com o imbricamento de fatores ligados à saúde e aqueles com fins estéticos, determinados padrões de imagem corporal acabam sendo interpretados de forma distorcida, podendo desencadear hábitos e comportamentos prejudiciais à saúde, como os relacionados à alimentação, os distúrbios alimentares.

No terceiro, “Imagem corporal e o constructo insatisfação corporal”, apresentamos aspectos implicados na Imagem Corporal, destacando pontos considerados importantes para uma avaliação da Imagem Corporal na população brasileira, especificamente na população de universitários, foco do presente estudo.

A Seção Métodos contém a descrição dos procedimentos metodológicos usados na revisão sistemática e metanálise usados para empiricamente revelar a magnitude do fenômeno na população de universitários brasileiros.

A Seção Resultados inclui os manuscritos “Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos”, “Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa” já apresentados sumariamente e o terceiro “Prevalência da insatisfação corporal de universitários brasileiros: revisão sistemática com metanálise” e outros achados não incluídos no artigo a ser submetido. Esse estudo foi conduzido para sintetizar o conhecimento disponível sobre a prevalência de Insatisfação Corporal (IC) nesses estudantes aferida com o instrumento *Body Shape Questionnaire* (BSQ) por Revisão Sistemática. Por fim, na seção Considerações finais, uma reflexão dos principais pontos e importância desses para o programa de investigação da insatisfação corporal no Brasil.

2 JUSTIFICATIVA

A tese surge inspirada por inquietações que perfazem uma trajetória de pesquisa. A intenção atual é a de compreender o desejo em obter ou manter determinada aparência ou forma física e os prejuízos potenciais do exagero na busca dessa forma física.

A literatura científica sobre o tema diz que a imagem corporal não permanece a mesma durante toda a vida. Acontecimentos tais como o ingresso na universidade ou na prática de atividade física podem interferir na construção da imagem corporal, considerando que a insatisfação com o corpo, um desfecho desencadeado por uma autoimagem negativa, é influenciada por fatores como a idade, sexo, atividades profissionais, locais frequentados, experiências afetivas, pertencimento a diferentes grupos culturais.

O presente estudo justifica-se por não haver, na literatura especializada, sobre a população de universitários, evidência científica da magnitude de insatisfação corporal de universitários no Brasil utilizando o instrumento BSQ. Aponta-se que a crescente preocupação com a aparência física, relatada tanto na literatura científica quanto constatada pelo senso comum, indica a necessidade de avaliação deste desfecho por considerá-lo um relevante passo para o fomento de ações educativas em saúde que minimizem distúrbios de comportamento e outras formas de adoecimento acarretados pela exacerbação do culto ao corpo ameaçando a promoção da saúde. Assim, no cenário dos debates sobre saúde, doença e estilos de vida destaca-se a importância da detecção e ações voltadas para a prevenção da insatisfação corporal em nome da saúde e estilo de vida saudável.

Verifica-se que a determinação da prevalência da insatisfação corporal em adultos jovens tem sido foco de trabalhos científicos em todo o mundo. No Brasil, estudos têm apresentado divergências quanto a forma de aferição, seja por instrumentos, seja pelos critérios de classificação adotados, com autores sugerindo que estudos probabilísticos de comparação em todo o território nacional, com padronização de instrumentos sejam realizados (SOUZA; ALVARENGA, 2016).

A produção de conhecimento nessa área deve ser escrutinada e metodologicamente avaliada para aperfeiçoar esse programa de investigação e embasar intervenções no campo da saúde e qualidade de vida da população jovem brasileira, vulnerável ao desfecho de insatisfação corporal. Faz-se necessário, com essa finalidade, ter discernimento tanto em relação à abordagem conceitual quanto à aplicação de instrumentos adequados para cada constructo, considerando as características individuais e coletivas da população envolvida.

Esta tese pretende revisar conceitos e avaliar ferramentas de aferição frequentemente usadas nas pesquisas para, com base nesse diagnóstico, indicar necessidades de aperfeiçoamento das investigações e padronização de instrumentos e procedimentos metodológicos do estudo da insatisfação corporal no Brasil.

Os achados deste estudo serão divulgados em revistas científicas, mídias sociais, academias de ginásticas e instituições educacionais como escolas e universidades de forma a fomentar debates e reflexões sobre os temas corpo, alimentação, autocuidado, atividade física e saúde.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O Referencial Teórico está estruturado nos seguintes subcapítulos: (1) Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade; (2) Corpo, identidade e imagem corporal; (3) Imagem corporal e o constructo insatisfação corporal.

3.1 CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE

A contemporaneidade pode ser definida como a era do corpo utilizado pelo consumismo, servindo ora como produtor, ora disseminador de hábitos, práticas e estilos de vida que se propagam pelos mais variados veículos de comunicação midiáticos, reforçando e/ou rechaçando modelos de corpos, sendo estes, elementos indissociáveis das instituições culturais e sociais (JAEGER; CÂMARA, 2015). Se, durante séculos, grandes empreendimentos de esforços foram feitos para convencer indivíduos de que não tinham corpo, “teima-se hoje, sistematicamente – após um longo período de puritanismo –, em convencê-las de que o próprio corpo é central em suas exigências e afetos” (GOLDENBERG, 2002, p. 33).

Correntemente, as características visuais dos perfis corporais de sucesso apresentam qualidades inerentes a felicidade, plenitude e status social condicionados ao cumprimento de seus ritos, cuja magia é dirigida pelo próprio sistema das relações sociais constitutivas do ritual (ASSÊNSIO; OLIVEIRA JÚNIOR, 2015), atreladas em seu eixo basilar ao perfil físico jovem. A juventude no presente, pelas circunstâncias da época, geralmente valoriza a beleza corporal e quer construir uma maneira eficaz de se relacionar socialmente, quer ser vista, desejada e valorizada. Neste cenário inovador (sob o ponto de vista da visibilidade) o corpo assume protagonismo nas relações, uma vez que permite ascensão social, todavia, precisa ser moldado, lapidado e adequado aos padrões e normas vigentes, impostos por uma sociedade que tem implicações na indústria cultural (LOPES; MENDONÇA, 2016). Corroborando com a afirmativa dos autores, Souza e Alvarenga (2016) situam o corpo em uma dimensão que ultrapassa o fisiológico, por meio de sensações físicas, emoções, pensamentos, sentimentos, crenças e história, expressando a comunicação do indivíduo com o universo que o cerca. Ao mostrar essas arestas, é possível compreender que o corpo é uma entidade que supera os limites físicos e biológicos e adquire sentido na medida em que se vincula aos espaços sociais, culturais e políticos. Ainda neste contexto, Lopes e Mendonça (2016) expõem que corpo e juventude são socialmente cultuados a partir de conexões que

atrelam a beleza ao corpo jovem. Trabalhos científicos apontam que jovens estão cada vez mais vulneráveis a mudanças de comportamento e hábitos desencadeadas pela proximidade da vida adulta e ingresso em ambientes, como o universitário, profissional ou de práticas físicas que proporcionam novas relações sociais e podem implicar em alguns fatores prejudiciais a sua saúde e a uma imagem corporal positiva. Com o intuito de evitar generalizações, reducionismos, essencialismos ou polarizações, o texto reflete sobre a cultura ocidental contemporânea, cujos representantes principais são Estados Unidos da América e Europa (ALVES et al., 2009), estes, principalmente, são os grandes estimuladores de valores, hábitos e costumes que influenciam as demais culturas (esclarecemos que ainda há diferentes formas de “ser corpo” em distintos grupos sociais no interior desses territórios/lugares). E ainda, para evitar confundimentos derivados de conceitos polissêmicos, o presente texto trata estética e beleza como sinônimos, sendo estes termos utilizados para designar em nosso contexto aspectos do exterior do corpo, mais precisamente de elogio, contentamento e satisfação corporal, tratados usualmente como virtudes na sociedade ocidental contemporânea/atual, vislumbradas como artificios de desejo e perseguição individual e coletiva (de forma genérica), exaltadas pelos veículos de informação. Para padronizarmos os conceitos utilizados no presente texto, consideramos também o termo contemporâneo compreendendo o período histórico atual, embora também esteja sendo reconhecido como pós-modernidade por muitos autores. No contemporâneo, segundo Nascimento e Afonso (2014), o homem não se compreende como um corpo, mas sim como possuidor de um corpo, fruto consequência de um processo histórico de desvalorização. Sob um novo olhar para o corpo, o conceito de corpos ideais, embora seja relacionado a fatores culturais específicos, vem se tornando semelhante em diferentes sociedades ao longo dos anos, onde atualmente vive-se a cultura do magro. Em relação ao Brasil, desde a década de 1970, um novo padrão emergiu, com um corpo modelo similar daquele julgado nos demais países do ocidente (LAUS, 2013). No padrão estético que vigora no presente a beleza corporal tem se associado a um símbolo de conquista e de prestígio social, desta maneira, refletir e problematizar sobre padrões, hábitos e estilos de vida pautados em discursos de saúde, qualidade de vida e de semblante jovem constitui-se eixo pilar de estudos sobre a temática. Assim, pretende-se refletir e fornecer conteúdo para uma melhor compreensão do fenômeno que, ao longo dos anos, desperta interesse crescente tanto para a comunidade científica, quanto para o senso comum. Destaca-se a importância que a temática tem assumido na atualidade, onde a busca pela beleza “a qualquer custo” apresenta quadro preocupante para o campo da saúde, estudos têm apresentado em seus resultados

desdobramentos relacionados aos efeitos da imagem corporal negativa, mais precisamente de insatisfação com a imagem corporal, com expressiva associação de variáveis ambientais, sociais e culturais, sendo a insatisfação corporal uma realidade para ambos os sexos e um resultado direto do não enquadramento em padrões estético-culturais (ALVES et al., 2009; GAMA, 2016; PIRES, 2017; SOUZA; ALVARENGA, 2016; SOUZA, 2017).

Considerando que a busca pelos ideais de corpos do sucesso pode levar ao desencadeamento de comportamentos nocivos a saúde, tais como dietas restritivas, procedimentos estéticos, medicamentos e práticas físicas exaustivas, nosso estudo assume um compromisso social e científico pois problematiza as relações com o corpo no presente com a finalidade de minimização dos danos observados/causados. Neste contexto, este ensaio propõe reflexões sobre o que é ser jovem na sociedade ocidental, os desejos de ser aceito em grupos sociais e as angústias pela adequação ou não a comportamentos vinculados a moda contemporânea.

Importa ressaltar que o termo jovem que outrora nos remetia a uma fase da vida, hoje se expande, ao tornar-se parte constituinte de atributos físicos desejáveis, carregando indivíduos no cumprimento de rituais da cultura ocidental. Ainda que reconheçamos que a concepção de beleza difere de acordo com a etnia/sociedade de pertencimento, ao longo da história, a cultura foi fator decisivo nas relações humanas, o corpo neste contexto passou por diferentes graus de importância para os indivíduos e estamos a assistir uma verdadeira divinização de corpos belos (ALVES et al., 2009). Cabe ponderar, inicialmente, algumas características sociais e culturais do jovem na sociedade ocidental.

3.1.1 Características do jovem na atualidade

Ao ser inserido na sociedade do consumo e trabalho, o jovem enfrenta complexos e contínuos processos de descobertas, a principal diz respeito ao período em que passa a ser o responsável pelos seus atos (transição da adolescência para a idade adulta), ressalta-se que ao longo do texto a adolescência, ainda que considerada uma fase temporal, é utilizada dentro de contextos e características comuns ao jovem, uma vez que a adolescência é parte integrante desta fase. Por ser considerado um período bem complexo, no que tange a formação de identidade e de uma imagem corporal consolidada e aceita coletivamente, este grupo é o que mais sofre influências socioculturais do meio em que está inserido, uma vez que ao sair da infância e entrar no período da adolescência, e, posteriormente, de adulto jovem, é natural e compreensiva a necessidade de indivíduos jovens logo desejarem fazer parte de um grupo, e o mais importante, serem aceitos. Almeida (2010) considera

que jovens se aproximam de um grupo geralmente através da proximidade de sua rede social, seja ela por convite ou até mesmo curiosidade. Sendo que as condições para que jovens possam aderir ou não a grupos sociais está fortemente ligada ao consumo de determinados produtos ou como compartilham determinados significados atribuídos aos afazeres individuais e coletivos. Deste modo, entende-se que o motivo da aproximação do jovem a um grupo envolve desde a busca por relações afetivas, até afinidades ideológicas, com sua relação com o grupo sempre mediada de experimentação: “experimentam-se relações, concepções, desejos, expectativas...e com o passar do tempo esta experimentação torna-se identificação” (ALMEIDA, 2010). É por meio da identificação com o grupo que o jovem começa a “superar suas apreensões para afirmar sua identidade aos olhos dos outros” (LE BRETON, 2009, p. 46). Por identidade, Rocha (2019) compreende um movimento inacabado e que sofre múltiplas transformações, nesse caminho há sua permanência e consolidação como processo de relacionamento social em que o indivíduo possuirá muitas formas de identidades se afirmando através da relação pelo outro, pelo grupo que pertence, assim como também mediada por outros fatores, como o uso e consumo de bens. Neste cenário dinâmico de construção identitária, o sujeito contemporâneo se figura como ser em constante mutação, comportando-se de diferentes formas nos mais variados contextos (SANTOS; MEZZARROBA, 2013).

Oportunamente, os jovens não procuram o outro por suas diferenças, mas sim unem-se e valorizam-se pelas suas semelhanças, o que é confirmado por Le Breton (2009) ao revelar que nenhum jovem se parece com outro, contudo, em nossas atuais circunstâncias sociais, inúmeros traços os reúnem, sendo o modo mais eficiente de alcance desta aceitação quando apresentam similaridade em traços físicos, hábitos e comportamentos de membros pertencentes de seu meio social. Conforme o exposto, convivência e aceitação em grupo ou na coletividade seria então uma forma do jovem encontrar uma mediação com a sua existência, reforçando ou rechaçando valores veiculados pelos meios de comunicação, pelo pensamento religioso ou pelas expressões culturais estabelecidas na formação de suas identidades, em contraste, por estarem numa fase de transição, suas vontades por liberdade apresentam muitas características peculiares, onde “não há uma adolescência como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas” (BOCK, 2004, p. 42). A adolescência é uma fase temporal do desenvolvimento humano (de transição para adulto jovem) iniciada após o período da infância e que apresenta um patamar de estágio do ciclo de vida bem

distinto (por ser considerada uma fase rebelde), caracterizada por mudanças psicológicas, emocionais, somáticas, cognitivas e, contemporaneamente, por influência da sociedade têm apresentado súbito aumento da preocupação com a aparência física. Além destas, outras características são bem específicas, como rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, variabilidade nos níveis de hormônios, tendência à oposição, crescimento, busca da identidade e de independência (BOCK, 2004). A adolescência é, sobretudo, “uma época de enfrentamento do mundo com uma vontade de experimentar seu corpo, sentir seus limites, tocar o mais perto possível sua existência” (LE BRETON, 2009, p. 38). Pela fase conturbada, entende-se que esta seja a principal precursora de riscos associados ao jovem, na pressão pelo enquadramento dos modelos corporais socialmente impostos. Silva et al. (2012) corroboram com esta afirmativa ao revelarem que a insatisfação com a imagem corporal é mais prevalente no final da adolescência e início da fase adulta, onde nota-se pela experiência dos jovens do século XXI, que a necessidade de testar limites tornou-se uma condição de sobrevivência do sentido, onde, para Melucci (1996), sem atingir-se o limite não pode haver experiência ou comunicação, assim, frequentemente, sua relação com os mais velhos. Neste quadro, por exemplo, Bock (2004) afirma que geralmente esta relação se dá de forma conflituosa, um traço característico a oposição aos pais e ao mundo adulto, tornando-se habitual que jovens adotem uma postura que tema não ser “normal”, por não corresponder às expectativas dos outros e não estar à altura deles (LE BRETON, 2009, p. 33). Para Ceballos-Gurrola et al. (2020) jovens geralmente apresentam afinidade pela beleza e estética disseminada culturalmente, isso faz com que estejam frequentemente preocupados com seu corpo, um fator comum e desencadeador dessa relação são os transtornos, sejam os alimentares e os relacionados à imagem corporal, um importante componente do complexo mecanismo de identidade pessoal (KAKESHITA; ALMEIDA, 2006).

Slade (1994) define imagem corporal como uma ampla representação mental da figura corporal, com sua forma e tamanho influenciadas por vários fatores. Mataruna (2004) corrobora com este conceito apontando a imagem corporal como contínua, dinâmica e representativa do esquema postural, acompanhando o indivíduo desde o seu nascimento até o último suspiro, sofrendo adaptações e transformações de acordo com o momento vivido.

Por influência de características contemporâneas, a formação da identidade, bem como da imagem corporal são mediadas por fatores socioculturais; o grupo jovem, por ser

considerado o mais vulnerável pelos descritos anteriores, apresentam frequentes insatisfações com o corpo e alterações na percepção de sua própria imagem, tais ocasiões originam-se pelas dificuldades em lidar e aceitar sua imagem corporal ao confrontá-las com as imagens disseminadas pelas mídias e pelos padrões de estética atuais (ALVARENGA et al., 2010; SILVA et al., 2018; SOUZA; ALVARENGA, 2016). De modo mais severo, quadros de não aceitação corporal pode chegar até em consequências de distúrbios severos da imagem corporal como anorexia, bulimia e vigorexia nervosa.

Segundo Pires (2017), a insatisfação corporal associa-se a fatores sociais, culturais, antropométricos, percepções e preocupações dos pais sobre o estado nutricional dos filhos, a pressão da cultura dominante nos ambientes e grupos frequentados, padrões veiculados nos meios de comunicação e redes sociais. Nessa esteira, Souza (2017) também associa insatisfação corporal às consequências nocivas, como baixa autoestima, depressão, ansiedade, diminuição da qualidade de vida, ideação suicida, desenvolvimento e manutenção de transtornos alimentares, bem como a comportamentos e atitudes alimentares disfuncionais, correntemente atrelada a um julgamento ruim, negativo de seu corpo, de sua imagem corporal, em comparação com os demais sujeitos.

No que diz respeito as crises associadas a preocupações com a aparência, Le Breton (2009, p. 32), refere que podem ter seus indícios vinculados ao jovem, por ser esta fase considerada “uma época de ruptura, de metamorfose, de confusão, momento de uma entrada delicada em uma idade adulta cujos contornos ainda estão longe de se anunciar com precisão”. Os limites da busca incessante pela beleza ainda são desconhecidos tendo em vista uma ampla cadeia de possibilidades e caminhos tornando neste sentido um problema fundamental para os adolescentes de hoje (MELUCCI, 1996). Nessa conjuntura, evidencia-se problemáticas que emergem do contemporâneo social e cultural envolvendo este grupo de indivíduos, iniciando-se por crises típicas da idade e progredindo para a aceitação grupal em busca de uma identidade original, que permitam realizações individuais, sociais e coletivas. Partindo desse pressuposto, entende-se os motivos deste público jovem ser o principal grupo de risco para insatisfação corporal em comparação aos demais grupos, pela emergente necessidade de aceitação e pertencimento, bem como pelos rituais disseminados socialmente, onde o atributo da beleza física passa a ser motivo de cobiça deste e de outros grupos, como discute-se a seguir.

3.1.2 Os desejos e necessidades do cuidado com o corpo

Para Ghiraldelli Jr. (2008) a vida urbana do jovem atual é considerada como um fenômeno de tribos, onde há relações mais ao modo de comportar e vestir do que necessariamente a um ideal. Para o autor, cada vez mais a identidade moral e a própria personalidade ou caráter se cruzam com a identidade visual, e esta, por sua vez, é regrada pelo império do corpo. Neagu (2015) considera o corpo enquanto entidade biológica, representando um papel funcional, porém, no campo social, o corpo apresenta uma forma visível de expressar e representar a identidade de alguém, em se tratando da formação da identidade moral “hoje, somos o que aparentamos ser, pois a identidade pessoal e o semblante corporal tendem a ser um só e mesma coisa” (COSTA, 2005, p. 198). Como ambas - pessoal e corporal - passam a ser consideradas sinônimas, Sayão (2014) expõe que os cuidados com o corpo na contemporaneidade englobam aspectos do campo moral, afetivo, físico e psicológico passando a ter um papel central na formação das identidades e “na moral do entretenimento e das sensações, o estado psicológico corrente é o da insatisfação e receio perenes quanto à autoimagem” (COSTA, 2005, p. 84). Essa frequente preocupação que gera insatisfação com a aparência pode ter um impacto negativo sobre a autoimagem, podendo acarretar aparecimento de baixa autoestima, depressão e tantos outros malefícios a saúde.

Deste modo, a construção do sujeito e sua constituição como membro de um grupo torna-se diretamente relacionada não só à saúde do corpo, mas também a sua estética (SAYÃO, 2014). Como a busca utópica ao corpo perfeito, presente no mundo contemporâneo, passa a ser atrelada aos traços jovens (tanto para fins de melhoria do estado de saúde, quanto para a conquista da boa forma), seus fins acabam direcionados para rituais de beleza, neste âmbito, a compulsão da boa forma se tornou tática de proteção da identidade em prol de uma banalização do semblante corpóreo (COSTA, 2005). Estes aspectos sociais e únicos presenciados no contemporâneo culminam por influenciar a forma valorativa do corpo, sendo possível associarmos aos postulados de Giddens (1991) que vão situar o corpo como parte integrante no processo de modernidade, inferindo-o como agente desse projeto e não como objeto passivo suscetível de ser simplesmente moldado por um processo social de construção. Portanto, importa entender de que forma a relação do indivíduo com seu próprio corpo e com os outros modelos de corpos pode interferir na sua saúde, no comportamento preventivo, e sobretudo, investigar os desafios destas perspectivas na contemporaneidade.

Neste contexto criado pelo consumismo, a beleza corporal para o grupo jovem adquire importância singular, é ele que vai comandar as relações sociais, logo, modificações corporais, quaisquer que sejam, adquirem a capacidade de alterar a identidade e são alçadas a critérios de valoração, podendo qualificar ou desqualificar o sujeito e definir sua posição em uma hierarquia (SAYÃO, 2014). Como o corpo adquire poderio suficiente para qualificar sujeitos (como melhores e piores que o outro) é através dele que vão se agregar estilos de roupas, visuais (cortes de cabelo, tatuagens etc.) e a participação em grupos que carregam identidades distintas que representam valores apenas nestes grupos particulares. Segundo Melucci (1996) todas essas características funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros. Assim é a juventude, uma etapa da vida em que o corpo é objeto de valoração e idealização social que, no geral, conta com fatores biológicos a seu favor (LOPES; MENDONÇA, 2016).

Vive-se atualmente uma era que estimula, por meio dos veículos de informação, a busca por modismos de beleza física e estilo de vida pautados pelo saudável e estas condições permitem a possibilidade para o nascimento de um culto ao corpo na cultura ocidental contemporânea que, em demasia, transforma-se numa corpolatria. Sueitti e Sueitti (2015), consideram a corpolatria como resultado de uma ideologia cuja aparência corporal é o fim em si mesma, nela o sujeito deve buscar excessivamente a perfeição corporal. Socioculturalmente, constrói-se a ideia de que o corpo pode e deve ser transformado pela atividade física, intervenções cirúrgicas ou recursos estéticos, caracterizando, assim, a monopolização do corpo padronizado pela beleza corporal. A atitude em relação ao corpo e as práticas corporais (incluindo o gerenciamento da aparência corporal e o de comportamentos) refletem valores de cada sociedade em particular, por exemplo, embora a gordura seja considerada símbolo de saúde e bem-estar dentro de tradicionais culturas, nas modernas significa baixo nível de autodisciplina, preguiça e falta de controle (NEAGU, 2015).

Com discursos de um culto ao corpo hipervalorizado, o contemporâneo passa não apenas a considerar ambientes universitários, de academias de ginásticas, de dietas e regimes alimentares, mas também acabam por se infiltrar em hábitos diários de saúde e de estilos de vida, que acabam por disciplinar e moldar condutas em prol de uma beleza que se constrói socialmente e culturalmente sob os alicerces dos discursos de saúde e práticas saudáveis.

Tais afirmativas se sustentam em estudos científicos que testam hipóteses, a exemplo do estudo realizado por Paixão e Lopes (2014) que verificou percepções, atitudes, comportamentos e sentimentos de identidade subjacentes às narrativas de universitárias (grupo de maioria jovem) submetidas a cirurgias estéticas de alteração corporal para atender ao padrão de beleza corporal prevalente na sociedade atual. Diante das constatações e dos resultados analisados neste estudo, foi possível encontrar prevalências nas universitárias por ideais de corpos estabelecidos no âmbito social. A partir disto, decorre um sentimento de pertencimento e identidade a um grupo social de referência, ou seja, composto por pessoas que detêm ou se esforçam para manter o corpo em consonância aos padrões ideais de beleza.

Neste seguimento os jovens no contemporâneo representam um grupo de indivíduos que, para serem reconhecidos em seu ciclo social, persistem a busca pela aceitação, sendo esta baseada em gestos, atitudes e comportamentos permeados muitas vezes em traços estereotipados de beleza. Em relação a beleza corporal, este grupo tem apresentado cuidados com o corpo distantes dos preconizados no clássico conceito de saúde difundido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), relacionado ao pleno bem-estar.

3.1.3 Discursos corporais de manutenção do estado jovem

Como a construção do corpo físico tem sido historicamente fruto dos efeitos dos discursos do consumismo que dão consistência simbólica a sociedade presente, “a ânsia contemporânea pela eterna juventude produziu, de fato, corpos que permanecem jovens por muito mais tempo” (KEHL, 2003, p. 258). A partir da construção de imagens de corpos belos e perfeitos veiculada e disseminada socialmente, cria-se uma suposta receita para a felicidade, padronizando um modelo de corpo a ser seguido, ignoram-se os que não apresentam biótipos adequados, seja por traço genético, “preguiça ou desleixo” ou ainda, por suposta crítica aos modelos corporais existentes. Nesse quadro, a ideia é postergar, através de recursos biotecnológicos características corporais jovens, seja para os que se enquadram ou não as exigências da boa forma e beleza. Envelhecer bem e envelhecer bem-sucedido tornaram-se temas importantes para descrever como os indivíduos mais velhos devem evitar o envelhecimento (BROWN; KNIGHT, 2015). Ferramentas tecnológicas, médicas, nutricionais, manuais de vida saudável e tantas outras contribuem para o rejuvenescimento do corpo com o forte apelo de permanecerem jovens, onde o discurso de “estilo jovem” para todas as faixas etárias têm mais efeito sobre os corpos do

que todas as vitaminas e academias de cultura física (KEHL, 2003). Essas ferramentas estão no cotidiano, difundidas de forma sutil e perigosa (sob o ponto de vista da saúde) pelos meios de comunicação mais acessados, estando no ápice destes meios de publicidade “programas de auditório voltados para o público jovem e revistas especializadas, também neste público” (CRUZ et al., 2008, p. 2). Uma das evidências dessa tendência é a forte e constante preocupação dos indivíduos com a apresentação e a forma de seus corpos na tentativa de adequá-los a um ideal hegemônico de beleza jovem, magra e exercitada (FIGUEIREDO et al., 2017).

O mito de uma eterna juventude para ser conquistada por todos os grupos deve ser buscada, desejada e esquadrinhada, sob o auxílio dos veículos que transmitem tendências seja de estilos de vida ou de moda, com seus manuais que permitem a conquista do elixir da vida, da beleza e da juventude infinita, ou pelo menos do retardamento dos efeitos do tempo. De modo geral, ou “se é um corpo-espetáculo” ou “se é um João ou Maria ninguém”, por esse motivo, jovens e adultos circulam atordoados em torno de academias de ginástica, salões de beleza, centros de estética ou consultórios médicos, em busca de uma perfeição física eternamente adiada (COSTA, 2005), todavia, presente nos discursos, rituais e práticas de beleza atuais.

Temos, atualmente, como novidade nas formas de interação dos jovens em comparação ao passado, um pertencimento, participação e interação com grupos cada vez mais rápida, ativa e frequente do que outrora era visto. Tal relação só é permitida pelo advento da modernidade e com ela as novas tecnologias, sobre esta nova forma de informação e comunicação em que Melucci (1996) ponderava estar crescendo em um ritmo sem precedentes, pois abrange meios de comunicação, o ambiente educacional, de trabalho, as relações interpessoais, lazer e tempo de consumo. Todas essas formas de se comunicar geram mensagens para os indivíduos que, por sua vez, são chamados a recebê-las e a respondê-las com outras mensagens; hoje, corpos magros e exercitados são considerados estereótipos, exemplos de força de vontade, caráter, perseverança e sucesso, o que indica que o cotidiano possui relação estreita com o aspecto pessoal, ou seja, está intimamente ligada ao social, pessoal e profissional (VAQUERO, 2013).

Diante da diversidade de informações e da necessidade de respostas rápidas e urgentes do público consumidor, no que tange as possibilidades de alcance de modelos perfeitos, as imagens desses corpos esguios e musculosos veiculadas nos discursos midiáticos, acabam por interferir no modo como o jovem percebe e enxerga seu próprio corpo,

distorcendo as ideias de amor próprio e incentivando o narcisismo exagerado (CRUZ et al., 2008). Há então, em consonância, uma inevitável e cada vez mais crescente identificação, principalmente do público de jovens, com os símbolos midiáticos (do esporte, da moda, do cinema), que sorrindo, chorando e vivendo passam a impressão de beleza, juventude, felicidade e realização, o que culmina no desejo desesperado em imitá-los. Este fato nos leva a concluir que os modelos de corpos do futuro não surgirão ao acaso. A beleza é um exemplo que não mais se define a gêneros masculinos ou femininos, até mesmo pode ser cultivada e mesmo reivindicada pelos dois sexos, o que outrora era só requisitada pelo público feminino: “hoje é beleza, sensualidade e masculinidade” (BOCK, 2004, p.40), ela “se emancipou do espectro da ‘força’ ou da ‘fraqueza’, da valorização ou da desvalorização, tornando-se ‘beleza ilimitada’” (VIGARELLO, 2006, p. 177).

3.1.4 Desafios, projeções e perspectivas dos modelos corporais atuais

Jovens ao passar por constantes lutas em prol da aprovação de seu grupo social passam pela emergência de “vilões e heróis que incidem diretamente nas formas corporais” (ALBINO; VAZ, 2008, p. 211). Estar inserido e valorizado na sociedade vigente significa que o corpo, elemento indissociável do indivíduo, é notado e identificado como elemento partícipe das tramas sociais e, portanto, de uma realidade contextual. Orquestrado por este cenário, uma indústria inteira surgiu e está funcionando destinada a melhorar, sob o ponto de vista da beleza, o corpo humano, alavancados pelo desenvolvimento tecnológico houve o crescimento de vários tipos de modificações corporais contribuindo para a implementação de projetos individuais de corporeidade.

Ainda reconhecendo a existência de múltiplas belezas, o consumismo no século XXI emprega uma ideologia corporal do sucesso guiado por padrões que possibilita e amplia, apresenta potencialidades para seu alcance, sobretudo através de tentativas frustradas por uma beleza inalcançável e mutável. Este ideário empregado nos discursos sobre o corpo vincula a vontade de vencer condicionada em tornar os corpos cada vez melhores (no sentido estético/belo). No entanto, este conceito diverge um pouco a regra do estilo de vida idealmente saudável, onde a melhoria se faz neste aspecto não pela vontade individual, mas moldada pela vontade dos grupos e, logicamente, dos órgãos disseminadores e formadores de opinião. Neste formato ideológico de vida feliz são abandonados conceitos fisiológicos de saúde, chegando, em alguns casos, ao extremo de

crimes contra o corpo por esta incessante busca pela perfeição. Nela são privilegiadas duas vertentes da beleza e do bem-estar: a individual - afeita à personalidade e ao empenho de cada um, e a coletiva, fruto de um ideal tido como obrigatório (SAYÃO, 2014) que uniformizam os critérios de beleza com normas, adjetivações e ritos a serem seguidos, que em casos de insucessos corporal, instintivamente, há um julgamento social que culpabiliza o indivíduo pelo seu fracasso uma vez que “cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida” (GOLDENBERG, 2002, p. 9).

Projetando perspectivas deste público em consonância com os apelos estéticos exemplificados, esta é a fase em que a orientação para o futuro prevalece, sendo o futuro percebido como alarmante, pois se torna cada vez mais centrado na busca em querer ser e permanecer sempre sob o estado jovial, causando uma total reviravolta no percurso natural da vida. Desejar e ser jovem atualmente não é mais somente uma condição unicamente biológica, mas sim uma definição cultural (MELUCCI, 1996); jovens e idosos, mulheres e homens, negros e brancos, gordos e magros, almejam um tipo de corpo, todos querem estar parecidos (regulados pelo padrão) em suas medidas, pesos, padrões e beleza corporal (GARCIA, 2017). Vislumbrada por grupos diversos e distintos, esta busca dissemina-se pela grande mídia, por meio de seus personagens, onde seguindo fielmente os “heróis” protagonistas e se adequando as cartilhas da boa forma divulgadas em demasia, os sujeitos são levados à reprodução da imagem do chamado corpo do sucesso (GAMA, 2016).

Sobre a mídia, ela vem ao longo dos anos adquirindo um imenso poder de influência sobre os indivíduos, “generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens” (GOLDENBERG, 2002).

O efeito desta encenação midiática, orquestrada pelo consumismo pode influenciar valores éticos, estéticos, além de normas e padrões incorporados pela sociedade, e é capaz de transmitir e reforçar ideias sociais relacionadas ao corpo, culminando na repetição/reprodução de gestos, atitudes, gostos e comportamentos pela grande massa social (JAEGER; CÂMARA, 2015). Em adicional a práticas e recursos tecnológicos, acrescenta-se utilitários que reforçam o apelo ao corpo, tais como maquiagem, penteados, roupas e traços que aproximam bruscamente a jovem banal da estrela de cinema (VIGARELLO, 2006). Em se tratando da manutenção do estado de jovialidade, para Le Breton (2009, p. 31), jamais ela foi tão requisitada, a ponto “de a referência transmudar-

se em ideologia, em palavra de ordem, em modelo de reverência”. Compreende-se que existe uma construção totalmente inovadora (em comparação ao passado) na busca pelo aspecto corporal jovem, com sua busca desejada, mantida e naturalizada, a ideologia atual empregada é a de fazer o tempo parar, com seus cremes e procedimentos antienvelhecimentos que, por exemplo, prometem ao usuário voltar a ter a tão desejada aparência jovem. Em adicional, outras técnicas “milagrosas” como cirurgias plásticas, preenchimentos, ginásticas e tantas outras que prometem transformação vital ao corpo, adiando e retardando o quanto pode os efeitos do envelhecimento.

Envelhecimento, gordura corporal, cicatrizes, varizes, estrias, bem como outras “imperfeições corporais” não são características bem-vistas socialmente, contudo passam a ser utilizados propositalmente como ferramentas políticas de inserção e visibilidade social, a medida em que as receitas do sucesso estão nos mostruários e presentes nas cartilhas da boa forma, estampadas e veiculadas nas mídias e externadas em procedimentos estéticos que prometem a cura das imperfeições corporais. Neste contexto, o corpo se torna objeto moldável a ser cultivado por meio de hábitos saudáveis, educado em sessões exaustivas de exercícios físicos, modelado por substâncias anabolizantes, corrigidos por cirurgias plásticas (com finalidade estética) e regulado por padrões socioculturais que almejam alcançar a imortalidade mascarada no mito da eterna juventude (SANTOS et al., 2019). Desta maneira, tamanha a quantidade de ritos e entrega, fatalmente teremos indivíduos mais descontentes, frustrados e conseqüentemente insatisfeitos com suas aparências.

3.2 CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL

3.2.1 A identidade corporal sob a ótica do consumo

A existência humana constitui um complexo axiológico que, no decorrer de sua gênese, engloba história, cultura e sociedade, compreendendo em seu contexto a produção, o desenvolvimento, bem como a formação de identidades. Nessa complexidade, o corpo passa por mutações que são por vezes influenciadas por fatores externos a sua vontade. Podemos considerar que a modificação dos sentidos do que era o corpo até o que se tornou indica uma intensa metamorfose conceitual, cultural e política (GAMA, 2016). Desta maneira o sujeito sob diversas influências constrói sua identidade corporal, sendo

esta totalmente baseada na vivência de suas sensações. A identidade se caracteriza por ser um processo com múltiplas facetas, ou seja, é delineada por relações e vivências que o sujeito estabelece ao longo de sua existência (ROCHA, 2019).

Para Tavares (2003), nosso corpo responde muitas vezes diferentemente do que seria considerado adequado em relação à demanda social e até mesmo disforme em relação às potencialidades orgânicas, essa diferença que outrora poderia significar certa autonomia, apresenta efeitos contrários, podendo acarretar até mesmo em distúrbios de sua psique. No passado, qualidades relacionadas à honra, honestidade, ética, moralidade e religiosidade personificavam fortemente o papel do ser humano nas sociedades e eram imputadas à ideia de alma. Atualmente o corpo, antes em um lugar secundário, galga um espaço privilegiado, representando o protagonismo das relações sociais. Encontramos cada vez mais evidente, até mesmo no senso comum, a busca pela ascensão e aceitação social relacionada ao corpo, que sob a justificativa de saúde passa a corresponder a desejos e angústias nas sociedades. Disseminam-se inúmeros rituais para a aquisição ou manutenção de um corpo belo ou ideal. Dietas, exercícios físicos, procedimentos estéticos, roupas, acessórios, uma série de recursos submetem os indivíduos ao desejo de possuírem a beleza corporal correspondente ao sucesso. Por meio deste cenário orquestrado pelo consumismo, beleza corporal passou a borrar os significados de saúde. Essa busca incessante de saúde enquanto um ideal estético vem causando modificações no modo de viver dos indivíduos, que passam a atribuir felicidade e completude a determinados padrões de imagem corporal.

Através destas tendências acentuadas que atravessam o limiar das noções de saúde e doença, há, por um lado, padrões estéticos que invadem a lógica de definição do que seria saudável. E, por outro, exageros no cumprimento da exigência destes padrões que conduzem a distúrbios de imagem corporal como vigorexia, anorexia, bulimia e outros, que ferem as noções de saúde veiculadas pela OMS. A referida organização definiu saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença (WHO, 1946; WHO, 1948). Sob o lema de mais saúde, bem-estar, longevidade e boa forma, indivíduos tornam-se reféns do consumismo desenfreado estimulado em uma dinâmica que envolve inúmeros elementos, desde a formação de especialidades científicas, abrangendo indústria, mídia e publicidade. E ainda, todas as esferas da vida cotidiana – práticas alimentares, sexualidade, hábitos de vida, uso de medicamentos e suplementos, acessórios e vestimentas – são também progressivamente envolvidas. Isso

corroborar para o entendimento de que investir nos corpos se tornou um grande negócio, afinal sacrifícios valeriam à pena se o resultado culmina no aspecto de aparência desejada, a qual Tavares (2003, p. 18), em seu texto, já nos aponta que de “surpreendente ‘ser original’ aceitamos a merecida recompensa de ‘sermos adaptados’”. Para Santos et al. (2019) a publicidade é um dos alicerces que dão sustentação à sociedade de consumo, sendo um processo incessante de produção, seleção e reelaboração de imagens colocadas ou impostas de um mundo irreal, as vezes inatingível, como se fossem o mundo real. Brown e Knight (2015) realizaram um estudo de análise de conteúdo de anúncios de beleza de revistas avaliando mudanças nas imagens veiculadas sobre aparência e status social das mulheres. Como conclusão encontraram que a mídia veicula mensagens poderosas para divulgar e modificar crenças culturais.

Notadamente o corpo desejado, disseminado pela publicidade e aceito socialmente se baseia não somente numa idealização própria, mas sim numa necessária e constante aprovação do outro. A imagem que agrada aos olhos deve se basear na semelhança das aparências, numa espécie de tipo que define e redefine o belo, e que, atualmente, culmina no corpo ideal (GHIRALDELLI JR., 2008). O risco maior deste desejo obsessivo reside no fato de que este corpo modelo se baseia em uma construção fabricada com apoio de ferramentas tecnológicas, procedimentos estéticos, fármacos e até de manipulação gráfica de computadores. Esse corpo desejado, utopia da perfeição, contido no imaginário e presente nas mais variadas mídias encontra-se numa crescente e inacabada busca, modificando hábitos e comportamentos dos indivíduos com possíveis alterações e fragilidades na saúde individual e coletiva (MORAES, 2014). Esta produção de modelos de imagem corporal do sucesso desperta desejo ilimitado e angustiante nos indivíduos que, por seguirem tendências socioculturais contemporâneas, acreditam carecer de modificações constantes em seus corpos, nessa espetacularização de imagens o indivíduo percebe e assume o dever moral da beleza (LOPES; MENDONÇA, 2016).

Configuram-se então dois tipos de imagens corporais: a ideal e a real. A imagem ideal seria aquela presente, por exemplo, nos outdoors das grandes cidades e em campanhas publicitárias, apresentando componentes de hipertrofia muscular, magreza e jovialidade. Já a real, ainda que seja fruto de uma construção social, é a que a maioria da população apresenta, com índice de massa corporal (IMC) diferente do idealizado, tamanhos e formas corporais - que não correspondem ao padrão disseminado vigente. Desse modo, o “eu real” anseia satisfazer sua autoimagem na transformação da sua

aparência por meio das experiências com o modelo ideal (SUEITTI; SUEITTI, 2015). A cultura moderna oferece diversos métodos para projetar o corpo desejado e nesse contexto, o corpo real é considerado a base para outras mudanças, que podem ser alcançadas praticando esportes, seguindo dietas especiais, usando cosméticos e cirurgia. Ao mesmo tempo, existem tendências prevaletentes que definem certos parâmetros para design corporal entre homens e mulheres. Diferentes sociedades e culturas formam sua própria imagem corporal ideal adotando um modelo socialmente aprovado.

A correção do corpo que não adéqua aos formatos socialmente impostos se torna necessária e rotineira à medida que “a ‘imperfeição’ física dos indivíduos comuns defronta-se, a cada instante, com imagens de ‘corpos perfeitos’ em telas de cinema, TVs, computadores e outdoors” (SABINO, 2002, p. 144). Assim, quanto mais o corpo real estiver distante do imaginário ideal maior será a possibilidade do comprometimento da autoestima o que, concomitantemente, poderá vir a culminar numa distorção de imagem corporal. Neste caminho notável e angustiante na busca pela aprovação do outro a figura do corpo modelo é superexplorada. Com o corpo passando a agregar valor social, buscase uma aceitação fomentada pelos mecanismos de poder capazes de atuar de forma sutil (passando a estimular condutas que se vinculam a saúde) e forçada (por criar uma necessidade de visual corporal ideal e padronizado). Aos que conseguem conquistar um belo corpo, há sentimentos de admiração e idolatria (com sua veiculação nas mais variadas mídias) com conseqüente obtenção de uma imagem corporal “positiva”, referenciada como modelo de sucesso a ser seguido. Mas afinal, o que vem a ser imagem corporal? E o que vem a ser uma imagem considerada de sucesso?

3.2.2 Conceituando a imagem corporal

O termo imagem corporal tem diversas implicações e definições que mostram a magnitude e as diversas opiniões do conceito (NEAGU, 2015), cuja etapa ou época da história teve seus próprios critérios de avaliação da beleza, em que cada cultura, cada sociedade desenvolve seus próprios julgamentos e conceitos da beleza e da imagem corporal, que são influenciadas ou limitadas pelo aspecto biológico, sociocultural e ambiental (VAQUERO, 2013). Segundo Ribeiro et al. (2012) os primeiros pesquisadores da imagem corporal foram os neurologistas, com destaque para Henry Head e Paul Schilder, que começaram a investigar o tema em meados do século XX. Os conceitos de imagem corporal foram ancorados por Paul Schilder (1886-1940), médico psiquiatra,

filósofo e pesquisador. Este dedicou sua vida aos estudos da formação da imagem corporal, através de saberes do campo da fenomenologia, psicologia e psicanálise, tendo como objetivo principal de seus estudos o tratamento de transtornos mentais. Sua principal contribuição para o pensamento psicológico e médico foi o conceito de imagem corporal a partir de diversas linhas do conhecimento e ainda, considerando o corpo de forma integrada. Schilder (1999) definiu imagem corporal como a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, relacionando estes fenômenos à organização cerebral do esquema corporal, à influência do meio na produção da imagem corporal e às pulsões, emoções e fantasias. Para o autor, a imagem corporal é um conceito capaz de operar com as três estruturas corporais: fisiológica, libidinal e sociológica. A estrutura fisiológica seria aquela responsável pelas organizações anatomofisiológicas do corpo; a estrutura libidinal englobaria um conjunto que compreende as experiências emocionais vividas nos relacionamentos humanos e, por fim, a estrutura sociológica que seria baseada nas relações pessoais e na aprendizagem de valores culturais e sociais. Secchi et al. (2009) sugerem ainda que a experiência com a imagem do próprio corpo relaciona-se à experiência de terceiros com seus corpos. O que é ratificado por Schilder (1999), que considera a imagem corporal e sua beleza como entidades não rígidas, para o autor, construímos e reconstruímos nossa própria imagem, assim como a dos outros. Nestes processos intercambiamos partes de nossas imagens com as imagens de outros, ou em outras palavras, há uma socialização contínua de imagem corporal. Neagu (2015) afirma que a imagem do corpo não reflete simplesmente a dotação biológica do indivíduo ou do feedback recebido de outras pessoas. Embora esses fatores possam de fato influenciar o nível de satisfação corporal, o que é decisivo seria a forma como o corpo é vivenciado e avaliado pelo sujeito a si mesmo. O resultado depende de fatores pessoais (personalidade, autoestima), fatores interpessoais (família, colegas e mídia), fatores biológicos (características genéticas, aumento do IMC, patologias) e fatores culturais (valores e normas sociais).

Diante deste arcabouço conceitual, entendemos que a imagem corporal diz respeito a todas as formas pelas quais uma pessoa experiencia, concebe, percebe e conceitua seu próprio corpo. É vivência individual e dinâmica que legitima a existência singular e original do ser humano no mundo, é a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos, é a representação mental do nosso próprio corpo (CAMPANA; TAVARES, 2009; PEREIRA et al., 2013; SLADE, 1994; TAVARES, 2003). Segundo Thompson (1996, apud

CORDÁS, 2004), o conceito de imagem corporal apresenta três componentes: o perceptivo, relacionado à percepção do corpo, como por exemplo a uma estimativa do tamanho e peso corporal; o subjetivo, referente à (in) satisfação com a aparência, o que pode implicar em ansiedade e/ ou preocupação; e o comportamental, que consiste em atitudes e hábitos relativos aos dois primeiros, ou seja, à percepção e subjetividade relacionadas à aparência corporal. Sendo sua construção influenciada por parâmetros culturais, emocionais e de interação com outros indivíduos, que se introduzem na imagem corporal do sujeito (TAVARES, 2003). Corroborando com essa perspectiva conceitual, autores consideram a formação da imagem corporal como um fenômeno multidimensional e complexo em que há a interação de aspectos sociais, fisiológicos e emocionais/psicológicos (PALMA et al., 2014; SCHILDER, 1999). Schilder (1999) endossa o conceito, adicionando-o como um fenômeno dinâmico, inerente a toda e qualquer experiência corporal vivenciada pelo indivíduo. Formação esta que se modifica continuamente de acordo com estímulos que ocorrem na experiência vivida, mediada por sensações e emoções (FORTES et al., 2013). O conceito de imagem corporal intimamente relacionado com aparência, mostra que os indivíduos estão em constante luta pela concretização de modelos impostos pela sociedade, relegando-se a uma dinâmica que tem a ver com a adequação e mensuração do corpo diante das regulamentações (RODRÍGUEZ, 2015). Nesse sentido, a imagem corporal se desenvolve desde o nascimento até a morte, dentro de uma estrutura complexa e subjetiva, sofrendo modificações que implicam na construção contínua e reconstrução incessante, resultante do processamento de estímulos (MATARUNA, 2004).

No decorrer do desenvolvimento da imagem corporal há uma íntima ligação desta com a estruturação de identidade, estando ambas enraizadas no seio de um grupo social (TAVARES, 2003), que por sua vez contribuem na formação de outras identidades pelo produto resultante de ações e reações do meio, já que pessoas que cercam o indivíduo interferem de modo fundamental e constante na elaboração da imagem e da identidade desse indivíduo, uma vez que sua maneira de enxergar forma e tamanho corporal são influenciadas por vários fatores (SLADE, 1994).

3.2.3 Imagem corporal e seus determinantes contemporâneos

Entendemos que a insatisfação da imagem corporal e a constante preocupação com as questões ligadas ao corpo, influenciadas por fatores socioculturais, seriam um dos

principais motores para a busca de um tipo físico ideal cada vez mais difundido pela cultura ocidental. Segundo Santos et al. (2019), a sociedade se especializa em criar uma massa de consumidores, que podem ser manipulados e influenciados por eficientes técnicas de marketing. O advento da publicidade cria outro mercado poderoso, que se encarrega de reforçar a criação de falsas necessidades, embaladas e vendidas em campanhas publicitárias, na qual a propaganda é considerada a “alma do negócio” sem alma. Desta maneira, há os que se apresentam fora dos padrões corporais objetivos, legitimados socialmente, e isto, a depender da forma que julga seu corpo e como lida com isso, pode inferir em uma formação positiva da imagem corporal. Porém, independentemente de estar ou não objetivamente dentro destes padrões, há os que em seu próprio campo cognitivo, apresentam uma autoimagem desconfigurada. Em ambas as possibilidades existem os riscos de desencadeamento de transtornos. Desse modo, é imprescindível considerar que a imagem corporal se constitui nas experiências de troca, nas relações que o sujeito tem com o mundo, com outros indivíduos (PALMA et al., 2014). Por ser, a imagem corporal, à representação mental do indivíduo sobre seu corpo, esta é capaz de inspirar outras representações e ao mesmo tempo ser influenciada por percepções, impulsos, atitudes e comportamentos sua produção relaciona-se com o desenvolvimento da identidade e é influenciada também por aspectos orgânicos, psíquicos e sociais (TAVARES, 2003). Na construção e concomitante reprodução da própria imagem “cada indivíduo torna-se, então, o gestor de seu próprio corpo” (COURTINE, 1995, p. 86). Ele é responsável por discipliná-lo, moldá-lo e, quando foge às normas, também corrigi-lo. Portanto, há um sentimento de autoculpabilidade pelo não enquadramento corporal, o que aumenta a possibilidade de desenvolver transtornos advindos de uma imagem corporal negativa.

Algumas atitudes se dão em formatos “positivos”, usualmente associados a comportamentos saudáveis, como prática de exercícios, cuidados com o corpo, relação social estável e autoestima. Já outras, “negativas”, estão comumente associadas a quadros clínicos como depressão e obesidade (GONÇALVES et al., 2012). É notória a grande importância assumida pela imagem corporal no cenário contemporâneo, mesmo sendo um elemento reconhecidamente mutável e passível de se desenvolver de formas positivas, apresentam traços vulneráveis associados a traumas e doenças muitas vezes vinculados a padrões impostos e estereótipos sociais. Segundo Pires (2017), comumente a insatisfação com o corpo está associada a fatores sociais e culturais, nas percepções e preocupações, e

ainda, nas pressões e padrões veiculados a cultura e meios de comunicação. Neste contexto a preocupação com a imagem corporal está presente e pode revelar situações que causam transtornos alimentares e problemas de saúde pública (CEBALLOS-GURROLA et al., 2020).

Diversos outros problemas estão relacionados a distorções da imagem corporal, tais como: ansiedade, desordem alimentar, fobias e uso de drogas. Por seus intermédios surgem distúrbios, tais como vigorexia, anorexia, bulimia e ortorexia. Estes transtornos se desencadeiam notadamente pelo forte poder social da moda e da indústria do consumo. O fato de querer parecer igual a um modelo não é um fenômeno propriamente novo, contudo, o corpo entra como peça importante, de destaque, ao ter nas formas de modelagem corporal um caráter de perfeccionismo que só pode ser alcançado através da busca incessante por exercícios físicos, como mostra Goldenberg e Ramos (2002, p. 30): “a gordura surge como inimiga número um da ‘boa forma’, quase uma doença, especialmente para aqueles que buscam ostentar um corpo ‘sarado’, ícone da ‘cultura da malhação’”.

No cenário contemporâneo o corpo tem representado simbolicamente características como personalidade, caráter e sucesso, deixando poucas saídas para um futuro autônomo que o difere de um instrumento de valioso valor social. Cotidianamente há um bombardeio de informações do tipo: “exercite-se”, “sem dor, sem ganho” (*no pain, no gain*), “seja *fitness*”, “tenha a pele sempre bronzeadada, com a cor do verão” e outras supostas frases de incentivo, que na realidade funcionam como “ordens sutis” ao público consumidor que constantemente se vê instigado a não ficar de fora de/da forma/moda. Essa realidade vai ao encontro das ideias de Goldenberg e Ramos quando afirmam que “para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina” (2002, p.27). Sob prerrogativas de mais saúde e mais qualidade de vida os indivíduos vão justamente ao encontro das ideologias disseminadas pelas indústrias do consumo. Tais argumentos vão ao encontro da análise feita por Figueiredo et al. (2017) que fizeram uma investigação acerca das representações do corpo feminino em revistas femininas brasileiras, em relação aos novos modelos de corporeidade e identidade. Segundo os autores, o foco visual nos atributos físicos das modelos, em combinação com as chamadas das revistas nomeando esses atributos e/ou avaliando os produtos anunciados, constroem o vínculo entre o discurso do culto ao corpo e o discurso da comodificação. Concluem que a aquisição de produtos e serviços se torna uma

prerrogativa inescapável na vida de mulheres brasileiras que buscam individualmente a promessa de saúde, beleza e sucesso, de acordo com suas capacidades de compra.

Neste contexto vive-se uma era impaciente, com informações diversas, confusas, rápidas e globalizadas. Valores atrelados a conquistas profissionais e pessoais emergem como filosofias de vida, sendo o corpo, nesse cenário, importante veículo facilitador de conquistas. Um corpo belo, jovial e atlético, muitas vezes possui chaves de acesso, passando neste século a ser motivo de cobiça por muitos, que guiados por “astros e estrelas”, sujeitos revelados pela mídia, passam a corresponder todos aos seus chamados de beleza. Nessa cartilha da beleza “o justo é o saudável; o correto é o que se adapta ao programa da vida bem-sucedida” (COSTA, 2005, p. 191). São comuns as diversas expressões ideológicas disseminadas pelo consumismo na superação de limites: “para ter um corpo perfeito, basta ter força de vontade” (MALYSSE, 2002, p. 102), frases como estas funcionam como um chamado, demonstrando constantemente que todos tem potencialidades de conquistar o corpo desejado, desde que não desistam e continuem a seguir as receitas do sucesso. De utilitários da moda, passando por vestimentas, acessórios (cintas), suplementos alimentares, fármacos, chegando até procedimentos estéticos, tudo pode ser usado a favor, no investimento ao ideário corporal. O uso disciplinado do corpo passa a ser o ponto forte e, ao mesmo tempo, a sua fraqueza, já que carrega consigo fobias e frustrações da não adequação corporal.

O termo disciplina em se tratando do corpo representa um vocativo. Ter disciplina com o corpo passa a ser uma qualidade contemporânea almejada por muitos e o incentivo para essa adequação no comportamento chega ao extremo de criar subsídios de disfarce em uma imagem que não agrada aos modelos uniformes do sucesso. E é na busca insana que ganham forma os inúmeros procedimentos mencionados, que prometem eliminar ou camuflar características corporais indesejáveis. Como o sacrifício em busca do corpo belo requer muitos atributos, os que não conseguem caem na desgraça da inadequação corporal e conhecem o lado nocivo do preconceito pelo não enquadramento. Para Costa (2005), este lado nocivo aparece como estigma aos que se desviam da norma somática ideal, na proliferação dos transtornos da imagem corporal e na submissão compulsiva a moda publicitária. Corroborando com esta reflexão, o trabalho de Garcia (2017) fez uma análise de imagens veiculadas por revistas de moda e seus impactos na concepção de corpo. Em seus achados, relata que o corpo mostrado repetidamente em uma padronização de

imagens representa uma lógica de dominação oculta, baseada em saberes historicamente construídos sobre o corpo.

Em síntese, entende-se que fazer parte de um grupo, ter uma identidade aceita socialmente, encontrar autorrealização através de critérios de beleza como ser magro, “ter curvas” (no caso das mulheres), viver refém dos regimes e dos exercícios físicos de modelagem do corpo e com isso obtendo uma imagem corporal do sucesso vem se tornando parte constituinte da natureza dos indivíduos, tornando o fenômeno de culto ao corpo um tema de expressiva relevância, tamanho impacto na saúde e na sociedade contemporânea.

3.3 IMAGEM CORPORAL E O CONSTRUCTO INSATISFAÇÃO CORPORAL

Como descrito em seções anteriores, o desejo de corpos perfeitos e problemas relacionados à insatisfação corporal são frequentes e representam crescente preocupação da saúde pública, constituindo temática importante para estudos e pesquisas atualmente. Em vários países a cultura do corpo perfeito é encontrada principalmente entre adultos jovens, e pode-se dizer que a construção da identidade cultural no ocidente está fortemente relacionada à constituição de uma imagem corporal satisfatória, de uma forma física valorizada socialmente. Nas últimas décadas o corpo ideal passou a ser magro, esguio e atlético, adotando-se um padrão de beleza que desconsidera as diferentes constituições físicas da população, “acarretando, muitas vezes, uma imagem corporal negativa, indicada por altos níveis de insatisfação com o corpo” (FORTES; ALMEIDA; FERREIRA, 2013). Ainda neste cenário, a aparência parece ser continuamente avaliada na busca pela aprovação de outros. Os ideais de felicidade, por exemplo, estão cada vez mais relacionados ao culto da beleza física, que parece tornar-se prioridade entre as “maneiras globais das quais o indivíduo afirma sua identidade” (VIGARELLO, 2006, p. 142). Neste regime de formação de identidades, inúmeros fatores (físicos, sociais e psicológicos) têm sido associados à insatisfação com a imagem corporal, o que tem estimulado o desenvolvimento de estudos na tentativa de melhor compreendê-los, uma vez que alguns distúrbios comportamentais (relacionais, alimentares) tornam-se mais frequentes.

No Brasil, trabalhos relacionados à imagem corporal tiveram início na década de 90 (CONTI, 2008). Embora a quantidade de pesquisas tenha aumentado rapidamente, ainda existem lacunas com relação a certas características da população de estudo e ao

componente ou dimensão avaliada (LAUS et al., 2014). Cooper et al. (1987) atribuía a escassez de pesquisas sistemáticas sobre a preocupação com a forma do corpo à inexistência de método adequado para aferir esse fenômeno. No presente, persistem os estudos que têm por objetivo conhecer e descrever traços de grupos populacionais específicos, buscando ainda resposta para questões relativas a um presumido “padrão de normalidade” (CAMPANA; TAVARES, 2009). Alguns fenômenos, como os de distorção da imagem corporal, já são de conhecimento científico, e têm no meio sociocultural, com frequência, determinantes do seu desenvolvimento (KAKESHITA; ALMEIDA, 2006).

Assim, esta temática permanece relevante na atualidade. Mesmo reconhecendo que a imagem corporal é um constructo multifatorial, mutável e passível de se desenvolver de formas positivas, em alguns momentos ela pode se desenvolver e se manifestar de formas nocivas à saúde, associando-se a transtornos e doenças muitas vezes vinculadas a padrões corporais idealizados e estereótipos. A exposição à valorização e o estímulo ao alcance de tais padrões podem desencadear alteração perceptiva, insatisfação corporal, distorção ou distúrbios relacionados a imagem do corpo.

Partindo dessas ideias e do uso adequado dos conceitos de imagem e insatisfação corporal abordados nas seções 3.1 e 3.2, referimo-nos então à formação de identidades com a implicação de aspectos relacionados à imagem corporal. Apresentamos neste subcapítulo as dimensões da imagem corporal (importante para situar em relação ao que a pesquisa se propõe avaliar), reflexões sobre o constructo da insatisfação corporal, assim como estudos desta temática no Brasil, considerando os instrumentos e seus critérios de classificação utilizados para avaliar a prevalência deste desfecho.

3.3.1 Dimensões e avaliação da imagem corporal

Segundo Campana e Tavares (2009), principais autoras brasileiras de estudos de avaliação da imagem corporal, ainda que existam confusões quanto ao entendimento das dimensões da avaliação da imagem corporal, pesquisadores da temática concordam que os distúrbios da imagem do corpo acontecem em duas dimensões: na percepção e na atitude (emoções, crenças, satisfação e comportamentos) (Quadro 1). Thompson (1996, apud CORDÁS, 2004), outro pesquisador da temática, apresenta três componentes: o perceptivo, o subjetivo (insatisfação com a aparência) e o comportamental, que se junta aos dois primeiros, ou seja, à percepção e subjetividade.

Entende-se que as dimensões perceptiva e atitudinal (ou subjetiva) auxiliam na estruturação dos estudos da temática, propiciando a classificação dos instrumentos que avaliam imagem corporal, agrupando-os em categorias. Assim, o pesquisador interessado na temática, ao propor estudos sobre este tema, seleciona que dimensões serão avaliadas conforme o objetivo do estudo em particular, sendo essencial a escolha e utilização de instrumentos adequados (CAMPANA; TAVARES, 2009; LAUS et al., 2014). Ao compreender a imagem corporal como uma questão vinculada ao campo da saúde e prevenção, deve-se abordar um espaço de trabalho que envolva diversos aspectos como os perceptuais, cognitivo-afetivos e comportamentais (RODRÍGUEZ, 2015). Observou-se que os autores estudados apresentam complementariedade na interpretação e utilização dos diferentes termos empregados para referir-se ao fenômeno. Assim, são termos relacionados às dimensões da imagem corporal: o perceptual, o atitudinal/subjetivo/cognitivo-afetivo e o comportamental (sendo este referente à combinação dos anteriores).

A noção de distúrbio da imagem corporal é complexa e pode ser considerada como englobando dois aspectos distintos, porém conceitualmente relacionados, ou seja, preocupação com a forma corporal e estimação inadequada do tamanho corporal (GARNER; GARFINKEL, 1981; COOPER et al. 1987). No tocante ao desfecho de insatisfação corporal foram encontrados os termos “alteração perceptiva”, “insatisfação”, “distorção” e “distúrbios da imagem corporal”, expressões usualmente utilizadas nos estudos que avaliam a imagem corporal dos indivíduos, dificultando uma análise padronizada, fidedigna e eficaz do constructo. Sobre esta lacuna, Laus et al. (2014) expõem que a ausência de padronização é um erro comum cometido por pesquisadores brasileiros, devendo estes reconhecerem o caráter multidimensional do constructo, uma vez que o uso de conceitos e definições (operacionalização dos conceitos) são essenciais para o programa de investigação.

Ressalta-se que o presente estudo não tem intenção de emitir julgamentos sobre terminologias bem como suas interpretações. Tais controvérsias se devem a diferenças e divergências indicadas na literatura ao considerar instrumentos, contextos, classificações e elementos similares notadamente utilizados nas classificações das dimensões da imagem corporal. Em particular, interessa especificamente as questões supracitadas relacionadas à insatisfação corporal. Sobre estas definições, propõe-se reflexões e busca-se melhor entendimento no que diz respeito à avaliação perceptiva e atitudinal da imagem corporal.

3.3.1.1 Avaliação perceptiva da imagem corporal

O componente perceptivo da imagem corporal refere-se principalmente a estimativa do tamanho corporal e a forma do corpo (CAMPANA; TAVARES, 2009; NEAGU, 2015). É considerado a maneira como cada um se percebe, imagina, sente e se comporta a respeito do corpo, podendo ser mensurada por métodos que possibilitam a avaliação da distorção da imagem do corpo do sujeito mediante alteração do tamanho e das suas dimensões, esta avaliação se dando por meio de aparatos distorcivos, manipulação de luzes, compassos ou por registro em moldura ou folhas de papel, seja em fotos ou em filmagens (ROSEN, 1995; CAMPANA; TAVARES, 2009). Dentre os componentes da imagem corporal, o aspecto perceptual é o que apresenta mais nítidas conexões com estudos de transtornos alimentares (HIRATA, 2009).

Os métodos de avaliação que compreendem a dimensão perceptiva podem ser classificados de acordo com as abordagens relacionadas ao corpo inteiro e aos seus segmentos. Na abordagem metodológica do corpo inteiro, o sujeito julga o tamanho e a forma, alargando ou diminuindo sua imagem. Na metodologia com foco nas partes do corpo, o sujeito indica a percepção do tamanho de partes específicas, ajustando pontos de luz ou marcadores, ou indicando em folhas de papel o tamanho da distância entre dois pontos de partes de seu corpo.

Neste sentido, reconhecendo que o componente perceptivo da imagem corporal não é estático, mas sim variável, há uma série de interferências do tipo ambiental (que independem do sujeito) e subjetivo que podem ser consideradas como variáveis influenciadoras de testes perceptivos que merecem atenção no momento de se conduzir pesquisas considerando essa avaliação (CAMPANA; TAVARES, 2009).

Interferências do tipo ambiental podem distorcer os resultados dos testes e variam em função do tipo de protocolo utilizado, seja por influência de fatores afetivos e cognitivos, pela iluminação da sala (salas mais claras superestimam os resultados), por vestimentas e por presença de marcas na face. Já as interferência do tipo subjetivo se relacionam ao período menstrual da mulher (podem superestimar o índice de tamanho da cintura), atividade física (principalmente de exercícios físicos resistidos está correlacionada a maior acurácia da estimação do corpo), o índice de massa corporal (mensurado e/ou autorreferido), estado de humor (estados depressivos levam a avaliação inexata do tamanho do corpo) e valor cultural

dado a partes do corpo segundo o ideal de beleza ocidental contemporâneo (CAMPANA; TAVARES, 2009; TAVARES et al., 2010).

Corroborando com aspectos pertinentes ao componente perceptivo, Grogan (2008) chama atenção ao fato deste componente apresentar flexibilidade conhecida como “elasticidade da imagem corporal”, que se desenvolve por efeito das interações sociais nas sensações e na percepção da forma física. Sobre a última, em particular, o autor considera passível de mudanças oriundas do comportamento e do ideal de corpo culturalmente difundido no campo social. Em suma, estudos perceptivos foram, no decorrer de pesquisas de avaliação da imagem corporal, questionados em relação a validade de instrumentos (resultados dos testes), interferências de fatores ambientais e subjetivos (citados anteriormente, onde pesquisas não mostravam controles adequados destas variáveis), somados a motivos conceituais (os distúrbios não eram fortemente correlacionados a alteração perceptiva com a imagem corporal) e motivos financeiros devido a equipamentos e investimentos custosos (CAMPANA; TAVARES, 2009). Somados a estes apontamentos, o desinteresse por estudos deste componente se deu pelo forte interesse de pesquisas na avaliação subjetiva da satisfação corporal (GROGAN, 2008), entretanto, estudos nacionais recentes ainda se debruçam ao estudo do aspecto perceptivo da imagem corporal (KAKESHITA; ALMEIDA, 2006; PIRES, 2017). Usualmente, para avaliar alterações perceptivas da imagem corporal pede-se aos participantes do estudo que indiquem qual das figuras/silhuetas se assemelha da sua forma “atual”, em seguida, é mensurado a diferença entre o tamanho “real” do avaliado, quanto maior for a diferença entre as estimativas, maior será a alteração perceptual.

Ainda, no que diz respeito a estas dimensões, Garner e Garfinkel (1981), afirmam que alterações na percepção envolvem distorção perceptiva e alteração cognitivo-afetiva, sendo a distorção considerada uma sobrestimação do corpo ou partes dele, uma preocupação exagerada com algum defeito real ou imaginário da aparência física. Em relação a alteração cognitivo-afetiva, está é considerada elemento da dimensão atitudinal/insatisfação corporal, avaliada com critérios diferentes da distorção perceptiva, e que leva a sentimentos de desvalorização da aparência, como verifica-se com mais detalhes na próxima seção.

3.3.1.2 Avaliação Atitudinal da imagem corporal

Segundo Campana e Tavares (2009), no fim dos anos 1980, o interesse das pesquisas perceptivas desviou-se para um foco atitudinal, marcadamente à insatisfação corporal. Este foco considera crenças, afetos e comportamentos relacionados à imagem corporal tratando especificamente das avaliações cognitivas e afetivas de uma pessoa sobre seu corpo inteiro e suas partes, em função de suas diversas características, como tamanho, forma, peso, massa muscular, dentre outros (GROGAN, 2008). O componente atitudinal tem sido abordado em duas dimensões: uma dimensão que avalia a imagem corporal relativa à satisfação ou insatisfação corporal e crenças sobre o corpo e outra, relativa à importância cognitiva, comportamental e emocional que se atribui ao próprio corpo (LAUS et al., 2014). Assim, as dimensões que consideram atitude em relação à imagem corporal estão divididas de forma mais abrangente nos seguintes componentes: afetivo, cognitivo, comportamental e insatisfação geral subjetiva (CAMPANA; TAVARES, 2009).

O componente “afetivo” se refere às emoções relativas à aparência física, incluindo ansiedade, disforia e desconforto em relação à própria aparência; compreendendo também a preocupação com peso, forma corporal e afeto negativo; o “cognitivo” refere-se ao investimento na aparência física, a pensamentos distorcidos e a crenças sobre o corpo, aos seus atributos físicos de peso, forma e tamanho do corpo, bem como à aparência e significado atribuído à mesma; a dimensão “comportamental” refere-se à evitação de situações de exposição do corpo e à adoção de comportamentos de checagem corporal que incluem perturbação destinada a monitorar a condição do corpo (como pesar repetidamente ou verificação de espelho) para corrigir os defeitos (como práticas de controle de peso) ou para evitar as situações que podem gerar angústia (como usar roupas folgadas ou isolamento social voluntário); a “insatisfação geral subjetiva” refere-se ao nível de satisfação que uma pessoa pode ter em relação à sua aparência como um todo, estando relacionada à satisfação com o peso, com aspectos do corpo e com a aparência (CAMPANA; TAVARES, 2009; NEAGU, 2015).

Muitos autores consideram os componentes “afetivos” e “cognitivos” como centrais da dimensão atitudinal (GROGAN, 2008), com a “insatisfação geral subjetiva” compreendendo conjuntamente estes dois componentes e o componente “comportamental” sendo considerado um aspecto de consequência oriunda das distorções “afetivas” e “cognitivas”. Sobre o componente “comportamental”, as autoras Campana e Tavares (2009, p. 109) afirmam que este expressa “conflitos e angústias que muitas vezes não podem ser

medidos diretamente ou ditos com palavras”, ratificando a importância de valorizar e considerar práticas e hábitos dos sujeitos na avaliação desta dimensão da imagem corporal. Com base no referencial teórico supracitado, apresenta-se um quadro síntese acerca das dimensões da avaliação da imagem corporal.

Quadro 1: Dimensões da avaliação da imagem corporal

Dimensões da imagem corporal	
Perceptiva	Tamanho e forma corporal
Atitudinal/subjetivo/cognitivo-afetivo	Afetivo, cognitivo
Comportamental	Percepção e subjetividade

Fonte: Os autores (2021)

3.3.1.3 A insatisfação corporal

Como visto, a insatisfação corporal é um componente constituído pelos aspectos afetivo e cognitivo, ambos elementos centrais da dimensão atitudinal, compreendida em seu aspecto conceitual como uma avaliação negativa que o sujeito faz em relação à sua aparência física (GARNER; GARFINKEL, 1981; GROGAN, 2008; MIRANDA, 2011). Nessa perspectiva, Grogan (2008) refere que essa avaliação negativa inclui julgamentos sobre tamanho e forma, tônus muscular e geralmente envolve uma discrepância entre o tipo físico “real” e o tipo físico "ideal", podendo acometer indivíduos aparentemente saudáveis ou considerados normais do ponto de vista físico e psicológico.

Nas últimas décadas, as investigações sobre a insatisfação corporal teriam se intensificado dada à relação observada com distúrbios alimentares, comportamentais, transtornos mentais e suicídio, sobretudo em adolescentes e adultos jovens. A busca pela aceitação em determinados meios (ligados ao trabalho, ao lazer etc.) leva os indivíduos a esforçarem-se por atender aos requisitos considerados desejáveis (PIRES, 2017). Para Miranda et al. (2011) o sentimento negativo com a imagem corporal se intensificaria no período da adolescência em função das transformações ocorridas a partir da puberdade, pode-se pensar ainda que nessa faixa etária há uma maior suscetibilidade aos padrões de beleza ofertados pela mídia, com a valorização de formas físicas supostamente ideais. Em detrimento a este ideal de forma física e beleza, esta parece ser fruto da internalização de uma norma social, cuja comparação social com o padrão de corpo aparece como um

mecanismo capaz de salientar essas diferenças, levando a autoavaliações piores (HIRATA, 2009). Em decorrência da comparação de suas aparências há instintivamente um autojulgamento do indivíduo com suas formas e imagens em detrimento aos demais, que rotula, adequa, impõe necessidades, rotinas e hábitos que vão culminar numa sentença de satisfação ou insatisfação com o corpo. Nesse âmbito podem ocorrer relações favoráveis ou desfavoráveis em relação ao seu corpo e que envolvem especificamente crenças e afetos.

Ainda que tendo um enfoque predominantemente atitudinal, comumente, a insatisfação tem sido operacionalizada considerando a percepção do corpo atual (real) e ideal, podendo neste caso em particular ser avaliado também sob o ponto de vista de instrumentos da dimensão perceptiva, que consideram discrepâncias entre o corpo visto (percebido) e o modelo de referência vislumbrado (ideal). De acordo com Pires (2017), a diversidade de instrumentos utilizados para mensurar a insatisfação corporal dificulta a comparação entre estudos, este tem sido um grande desafio para o melhor entendimento do constructo, pois há incoerências conceituais do termo que impactam diretamente na análise e interpretação deste fenômeno, como veremos a seguir.

3.3.1.4 Considerações adicionais da avaliação da insatisfação corporal

Ressalta-se que à insatisfação corporal e as alterações na percepção do corpo são condições que dão base a constructos distintos e podem não ocorrer concomitantemente. E, tão importante quanto, ainda que os instrumentos de avaliação captem e avaliem a imagem corporal, teremos uma visualização parcial do constructo, pois a imagem do corpo tem tanto elementos conscientes quanto inconscientes e se refere a um processo inacabado, em constante (re)construção e que não se desvela integralmente (CAMPANA; TAVARES, 2009).

Embora exista uma infinidade de ferramentas em todo o mundo para a avaliação da imagem corporal, os pesquisadores que se interessam por essa área de estudo no Brasil têm enfrentado dificuldades devido ao número limitado de instrumentos disponíveis no país (LAUS et al., 2014). Inerente a escalas de figuras, estas avaliam a percepção do tamanho e as formas corporais, a questão da dimensão perceptual baseada na diferença percebida entre discrepância que envolvem “corpo percebido”, “corpo atual” (real) e “corpo ideal” tem sido entendida e operacionalizada de modos distintos pelas pesquisas em imagem corporal (HIRATA, 2009). Nessa perspectiva, torna-se fundamental destacar os seguintes apontamentos:

1- Escalas de figuras e silhuetas são utilizadas, em larga escala, para avaliações de alterações perceptivas, avaliando discrepâncias entre “corpo percebido” e “corpo atual” (real). Hirata (2009) pondera que este formato de avaliação tem recebido menos atenção e, por intermédio da escala avalia-se o modo como o indivíduo percebe o tamanho ou figura mental do seu corpo “atual” em relação ao seu tamanho e formas corporais, esta forma de avaliação também é citada em trabalhos como “acurácia da imagem corporal” (VOLPE et al., 2019), avaliação da “precisão da estimação do tamanho corporal” (LIMA et al., 2020) e “percepção subjetiva da imagem corporal” (LÔBO et al., 2020);

2- Testes perceptivos podem ser utilizados para avaliar a insatisfação com o corpo, utilizando escalas de figuras por meio da discrepância entre a “figura real” e a “figura ideal” estas se apresentam dispostas em ordem crescente levando em consideração gordura, magreza e massa muscular (CAMPANA; TAVARES, 2009).

Em síntese, pode-se avaliar o que é considerado um “ideal” de beleza através da insatisfação com o tamanho e as formas corporais e, ainda, a diferença entre a autopercepção “atual” e o que considera “ideal” dos corpos masculinos e dos corpos femininos. Deste modo, escalas de figuras e silhuetas podem ser utilizadas tanto para o enfoque perceptual (quando se compara com o atual/real), quanto para o atitudinal (insatisfação corporal, quando se compara com o ideal). Adicionalmente, a avaliação pela escala de silhuetas permite avaliar o que é considerado um “ideal” de beleza e a insatisfação com o tamanho e as formas corporais em relação ao corpo do sexo oposto, e ainda, o que é considerada uma silhueta “saudável”.

Em contrapartida, questionários e/ou entrevistas estruturadas têm sido utilizados para descrever medidas atitudinais (CAMPANA; TAVARES, 2015), como descreve-se detalhadamente a seguir.

3.3.1.5 Instrumentos de avaliação da imagem corporal

Os instrumentos de medida, em especial nas pesquisas quantitativas, revelam os traços marcantes, mais estáveis, daquela dimensão específica que o instrumento se propõe a avaliar, ou seja, o que aquele grupo comunga quanto à representação da identidade corporal de seus integrantes (Ibid, 2015). Os instrumentos utilizados que se destacam para mensurar ambas as dimensões (perceptivas e atitudinais) da imagem corporal são as escalas de figuras e silhuetas, questionários autoaplicáveis e as entrevistas. Para a avaliação da dimensão perceptiva escalas de figuras e silhuetas têm se destacado, para avaliação

específica da insatisfação corporal podem ser utilizadas escalas de figuras e entrevistas (questionários).

Segundo Kakeshita (2008) a escala de silhuetas constitui instrumento importante, sendo de baixo custo, fácil e rápido manuseio na avaliação da percepção da imagem corporal. Pode ser utilizado para rastrear indivíduos e populações em risco de desenvolverem transtornos do comportamento alimentar, atitudes e comportamentos que conduzam a estratégias nocivas à saúde. A escala é composta por um conjunto de silhuetas, representando figuras humanas numeradas para ambos os sexos, que representam desde a magreza até a obesidade severa com variações progressivas na escala de medida, da figura de menor e maior tamanho e forma corporal com cada uma das extremidades relacionadas com o Índice de Massa Corporal (IMC).

Em contrapartida, o questionário é uma técnica usualmente utilizada para avaliação da imagem corporal, uma vez que é fácil de usar, gerenciar e permite a inclusão de grandes amostras. Essa técnica geralmente avalia insatisfação corporal, aparência e ansiedade em relação ao corpo. Outra grande vantagem é a inclusão, quando necessário, de mais de um instrumento na aplicação, e ainda, seus resultados podem ser tratados psicometricamente. Em relação às entrevistas, há a possibilidade de pesquisar a satisfação e as preocupações com a forma do corpo por meio de questionários autoaplicáveis.

Sem a intenção de esgotar o assunto, uma vez que existem no Brasil livros que tratam de forma detalhada e específica sobre instrumentos e diretrizes para pesquisas na área, teceremos comentários apontando resumidamente as principais características dos instrumentos que foram primordiais para o cumprimento dos objetivos da pesquisa em questão. Destacamos que a literatura relata a existência de inúmeros instrumentos que avaliam imagem corporal (considerando os âmbitos das dimensões perceptivas e atitudinais), contudo, poucos são os instrumentos que apresentam ou permitam cálculos de prevalência. Uma interessante característica sobre instrumentos que avaliam a prevalência de insatisfação corporal é a que estes são também utilizados em correlações com um ou vários instrumentos que avaliam este desfecho e alguns fatores associados. O Presente trabalho enfatiza instrumentos bases na avaliação da prevalência da insatisfação corporal utilizados rotineiramente em estudos por autores brasileiros, considerando o público de adultos jovens, universitários.

A seguir (Quadro 2) ilustra-se os instrumentos mais utilizados em estudos brasileiros que se detiveram em analisar através de medidas de prevalência a insatisfação

corporal de universitários brasileiros, após, um breve resumo com características gerais de cada um deles.

Quadro 2: Instrumentos que avaliam a prevalência de insatisfação com a imagem corporal.

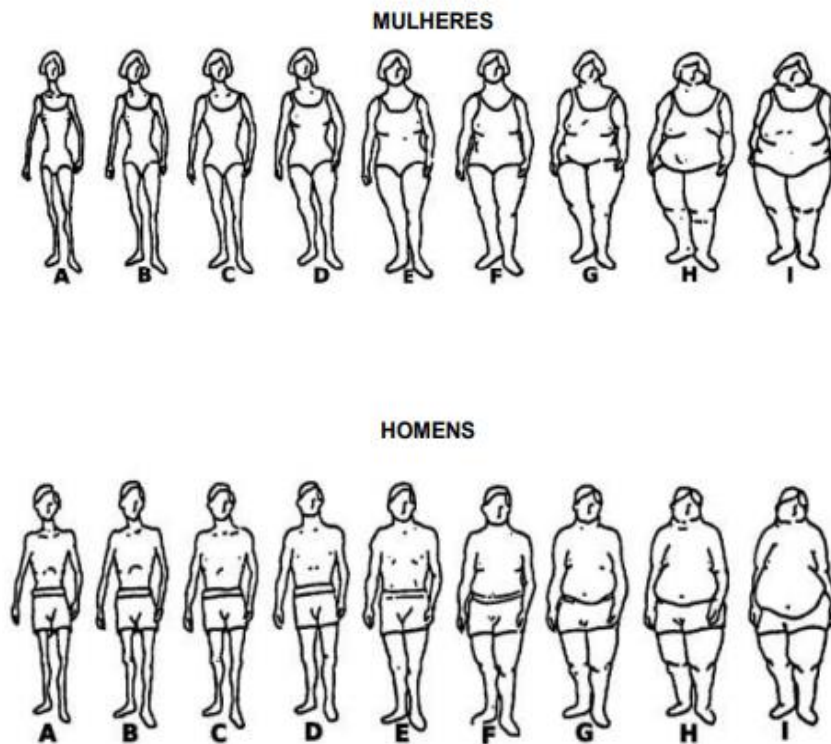
Instrumentos de avaliação da imagem corporal	Autor (ano)
Escala de silhuetas de Stunkard	Stunkard, Sorensene e Schulsinger (1983); Scagliusi et al. (2006)
Escala de silhuetas de Thompson e Gray	Thompson e Gray (1995); Conti e Latorre (2009)
Escala de silhuetas de Kakeshita	Kakeshita (2008)
<i>Body Shape Questionnaire</i> (BSQ)	Cooper et al. (1987); Di Pietro e Silveira (2001, 2009)

Fonte: Os autores (2021).

3.3.1.5.1 Escala de silhuetas de Stunkard (STUNKARD; SORENSEN; SCHULSINGER, 1983)

A escala de silhuetas de Stunkard, Sorensene e Schulsinger (1983) é composta por um conjunto de nove silhuetas representando figuras humanas, numeradas de 1 a 9, para ambos os sexos, que representam desde a magreza até a obesidade severa (Figura 1). A escala avalia a percepção do tamanho e das formas corporais em relação a sua figura mental de corpo “atual” em detrimento ao que considera o seu “ideal” de tamanho e formas corporais.

Figura 1: Escala de silhuetas de Stunkard



Fonte: *Stunkard, Sorensen e Schulsinger (1983)*

Para seu preenchimento é solicitado aos participantes que indiquem a figura que melhor representa a sua aparência física atual (silhueta atual) e a que gostariam de ter (silhueta desejada). A insatisfação com a imagem corporal é identificada subtraindo o valor da silhueta atual do valor correspondente à desejada, os valores variam entre -8 e 8, valores positivos expressam o desejo de ser mais magro, ou seja, são considerados insatisfeitos por excesso de peso; enquanto os negativos, o desejo de ser mais gordo, logo, insatisfeitos por magreza. E o valor “zero” corresponde à satisfação com o tamanho corporal atual. Na versão em português, incluiu-se o questionamento de que figura o indivíduo considerava saudável para avaliar a diferença entre a “figura eu” (silhueta atual) e a “figura saudável” (silhueta considerada saudável), assim como a diferença entre a “figura saudável” e “figura ideal”.

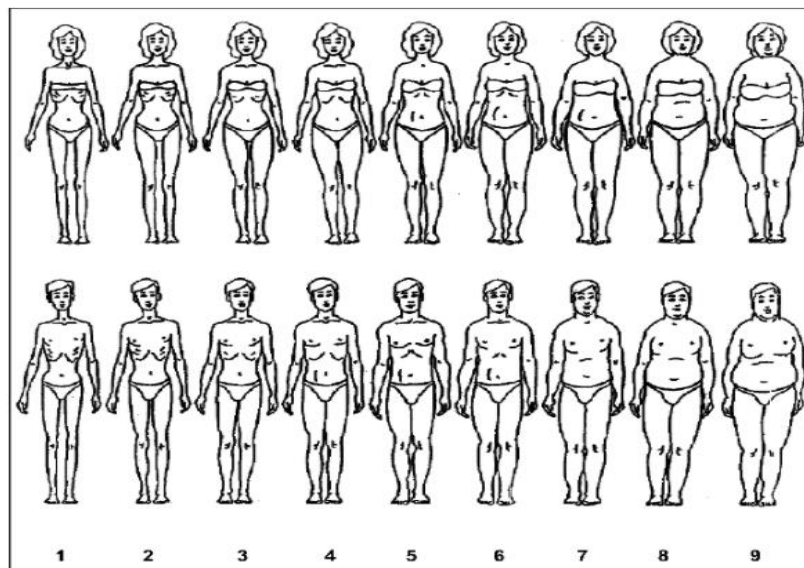
Stunkard et al. (1983) ao criar a escala encontraram boa validade geral. Scagliusi et al. (2006) examinou a validade concorrente e discriminante da versão adaptada para o português, a amostra foi composta por um grupo controle (98 estudantes sem transtornos

alimentares) e um grupo clínico (16 mulheres com diagnóstico de Bulimia Nervosa), os entrevistados escolheram figuras esquemáticas que representam seus tamanhos corporais atuais e ideais, a diferença entre as duas escolhas foi calculada para dar uma pontuação de discrepância ideal. Houve altas correlações entre o IMC e o tamanho corporal atual ou pontuação de discrepância ideal. Os escores de discrepância ideais foram maiores entre o grupo clínico, indicando que a escala poderia discriminar entre os dois grupos, os resultados deste trabalho preliminar indicam que a escala é uma medida válida de imagem corporal quando utilizada no Brasil, vale ressaltar que foi validada apenas a escala feminina de silhuetas (CAMPANA; TAVARES, 2009).

3.3.1.5.2 Escala de silhuetas de Thompson e Gray (THOMPSON; GRAY, 1995)

Embora pouco utilizada em estudos no público de universitários no Brasil, emprega-se esta escala de figura de silhuetas (Figura 2) para a aferição da insatisfação com o tamanho do corpo, no geral, aumentam-se as silhuetas gradualmente em suas dimensões com intervalo de IMC de 2,5 kg/m² em cada imagem e IMC entre 17,5- 37,5 kg/m² (1 (A) - 17,5 kg/m², 2 (B) - 20 kg/m², 3 (C) - 22,5 kg/m², 4 (D) - 25 kg/m², 5 (E) - 27,5 kg/m², 6 (F)- 30 kg/m², 7 (G) - 32,5 kg/m², 8 (H) - 35 kg/m², 9 (I) - 37,5 kg/m²), a escala é composta por nove silhuetas humanas de forma esquemática, tratando-se de um instrumento validado para diversas etnias (THOMPSON; GRAY, 1995).

Figura 2: Escala de silhuetas de Thompson e Gray (1995)



Fonte: Thompson e Gray (1995)

Conti e Latorre (2009) realizaram análises de validação e reprodutibilidade da escala de silhueta de Thompson e Gray (1995) no Brasil. Esta escala se caracteriza por ser uma técnica de avaliação perceptiva e/ou atitudinal quando usada para avaliar a exatidão perceptiva do tamanho corporal e/ou a insatisfação corporal. Em seus resultados a escala demonstrou boas evidências quanto à validade de constructo e reprodutibilidade, apresentando bons valores de compreensão e curto intervalo de tempo para finalização, em suma, a escala comprovou ser um instrumento capaz de avaliar o aspecto atitudinal da imagem corporal.

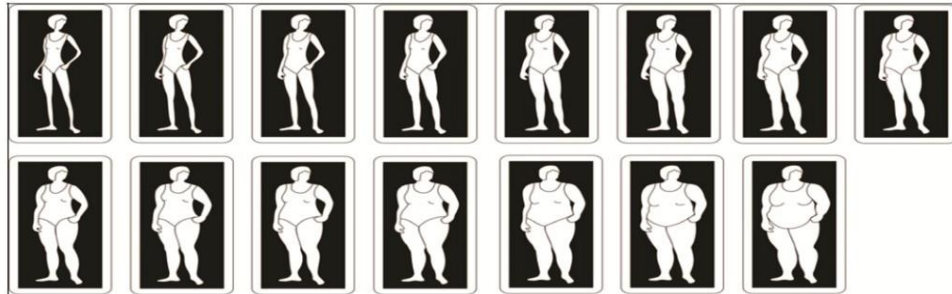
3.3.1.5.3 Escala de silhuetas de Kakeshita (KAKESHITA, 2008)

Kakeshita (2008) validou a escala de silhuetas de Gardner (1999) para o Brasil a partir de amostra composta por 280 adultos voluntários, sendo 138 mulheres e 142 homens, e por 160 crianças, sendo 94 meninas e 66 meninos. Em seu estudo sugere que a escala pode ser utilizadas para aplicação em crianças e adultos na pesquisa clínica e epidemiológica uma vez que elas apresentaram boa qualidade psicométrica tanto para adultos ($r = 0,93$; $p < 0,01$) quanto para crianças ($r = 0,68$; $p < 0,01$).

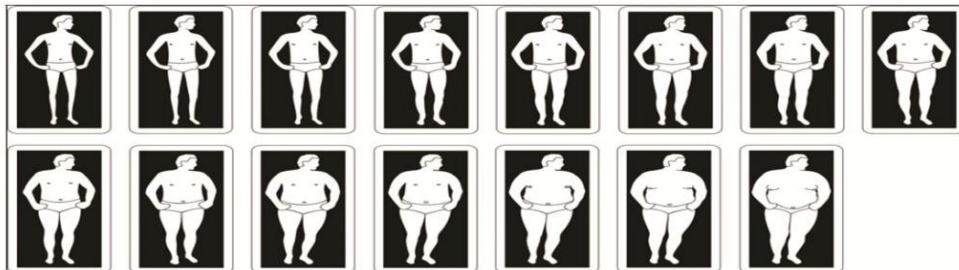
A escala de adultos de ambos os sexos (Figura 3) é formada por 15 silhuetas dispostas em cartões plastificados independentes (com 6,5 cm de largura e 12,5 cm de comprimento), as silhuetas variam de muito magras a muito gordas, com cada uma das extremidades relacionadas com o IMC médio de 12,5 a 47,5 kg/cm², com intervalo de 2,5 kg/m² entre cada figura. Considerou-se 1,72 m. a altura média do homem brasileiro e 1,65 m. a altura média da mulher brasileira. A escala apresentou boa correlação entre o IMC do sujeito e a silhueta apontada como representativa do corpo real ($r = 0,93$), na escala feminina, os coeficientes de fidedignidade variaram entre 0,66 e 0,93 e, na masculina, entre 0,53 e 0,93 para o ideal, real para os outros do mesmo sexo e ideal para o sexo oposto.

Figura 3: Escala de silhuetas de Kakeshita

Mulheres



Homens



Fonte: Kakeshita (2008)

3.3.1.5.4 Body Shape Questionnaire – BSQ (COOPER et al., 1987)

O BSQ (Figura 4) é considerado um instrumento autoaplicável capaz de avaliar insatisfação/satisfação subjetiva global do corpo. Foi elaborado originalmente por Cooper et al. (1987) sendo validado com um grupo controle de mulheres inglesas e uma população de mulheres com bulimia nervosa. Apresenta 34 perguntas relativas ao estado do entrevistado nas últimas quatro semanas, com seus itens designados para mensurar as preocupações e a satisfação com a forma do corpo em ambos os sexos.

O BSQ foi traduzido para o Brasil por Cordás e Neves (1999), porém foi validado na língua portuguesa, por meio de um estudo transversal, pelos autores Di Pietro e Silveira (2001, 2009), para o estudo psicométrico, 164 estudantes de medicina da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, de ambos os sexos, responderam à versão preliminar do BSQ (CAMPANA; TAVARES, 2009).

As médias dos escores do BSQ foram 58,7 (\pm) 25,1 para o sexo masculino e 89,7 (\pm) 31,3 para o sexo feminino. Segundo Gil (2008), uma escala apresenta validade quando

mede realmente o que se propõe a medir, de modo que a consistência interna da escala brasileira foi de $\alpha = 0,96$. A versão adaptada para o Brasil manteve as características da escala original (DI PIETRO; SILVEIRA, 2001, 2009), logo, manteve os 34 itens integrais da versão principal e quatro fatores:

“Autopercepção da forma corporal” formado pelas questões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 28, 30, 33 e 34;

“Preocupação comparativa” formado pelas questões 12, 20, 25, 29 e 31;

“Atitude” formado pelas questões 7, 13, 18, 26 e 32;

“Alterações graves”, formado pelas questões 8 e 27.

Ao produzir evidência de qualidade do BSQ, Conti, Cordás e Latorre (2009) avaliaram a versão brasileira do BSQ, seus relatos apontam bons resultados, confirmando as variáveis de validade e confiabilidade, recomendações para avaliação do aspecto atitudinal da imagem corporal e credenciam-no como excelente ferramenta (preenchimento rápido e de fácil entendimento). Segundo os autores, tais argumentos habilitam o BSQ a ser um dos mais utilizados entre os pesquisadores que atuam nos campos da medicina clínica. Ratificando os achados, no estudo de revisão integrativa sobre imagem corporal em acadêmicos feito por Souza e Alvarenga (2016) dentre todos os questionários utilizados, destacou-se o uso do BSQ.

Segundo Carvalho (2014), o BSQ avalia o componente afetivo, apresentando como característica psicométrica a validade de constructo. O que é confirmado por Campana e Tavares (2009), uma vez que fornece parâmetros do desconforto que a pessoa pode ter com a aparência, contudo, vão um pouco além, ao afirmar que a escala tem um constructo central (satisfação) com alguns de seus itens verificando também o componente cognitivo da dimensão atitudinal da imagem corporal.

Segundo Conti, Cordás e Latorre (2009) o BSQ foi para mensurar as preocupações com a imagem corporal e com o peso, apresentando como objetivo a preocupação dos sujeitos em relação ao corpo considerando às quatro semanas anteriores a aplicação, desta forma, fornece avaliação contínua e descritiva de insatisfação com a imagem em configurações de pesquisa.

Os questionamentos do BSQ referem-se ao grau de preocupação com a forma do corpo e peso, autodepreciação relacionada à aparência e modificações comportamentais, as faixas de pontuação indicativa de preocupação em relação à imagem corporal também foram mantidas tal como da versão original. Segundo Campana e Tavares (2009), o escore é dado pela soma dos pontos e cada faixa dos pontos pode ser associada a níveis de preocupação a respeito do corpo, o total do escore pode variar de 34 a 204 pontos e quanto maior a pontuação, maior o grau de insatisfação em relação à imagem do corpo de acordo com os pontos de corte propostos.

Numa escala de likert, o avaliado aponta com que frequência, nas quatro últimas semanas, ele vivenciou os eventos propostos pelas alternativas com 6 opções de respostas que possuem pontuações que variam de um a seis, de acordo com as opções de nunca (1), raramente (2), às vezes (3), frequentemente (4), muito frequentemente (5) e sempre (6), respectivamente.

Figura 4: Questionário de imagem corporal (BSQ)

QUESTIONÁRIO SOBRE A IMAGEM CORPORAL (BSQ)

Gostaríamos de saber como você vem se sentindo em relação à sua aparência nas **últimas quatro semanas**. Por favor, leia cada questão e faça um círculo apropriado. Use a legenda abaixo:

	1	2	3	4	5	6
	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

Por favor, responda a todas as questões. Nas últimas quatro semanas:

1. Sentir-se entediada (o) faz você se preocupar com sua forma física?	1	2	3	4	5	6
2. Você tem estado tão preocupada (o) com sua forma física a ponto de sentir que deveria fazer dieta?	1	2	3	4	5	6
3. Você acha que suas coxas, quadril ou nádegas são grande demais para o restante de seu corpo?	1	2	3	4	5	6
4. Você tem sentido medo de ficar gorda (o) (ou mais gorda (o))?	1	2	3	4	5	6
5. Você se preocupa com o fato de seu corpo não ser suficientemente firme?	1	2	3	4	5	6
6. Sentir-se satisfeita (o) (por exemplo, após ingerir uma grande refeição) faz você sentir-se gorda (o)?	1	2	3	4	5	6
7. Você já se sentiu tão mal a respeito do seu corpo que chegou a chorar?	1	2	3	4	5	6
8. Você já evitou correr pelo fato de que seu corpo poderia balançar?	1	2	3	4	5	6
9. Estar com mulheres (homens) magras (os) faz você se sentir preocupada (o) em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
10. Você já se preocupou com o fato de suas coxas poderem espalhar-se quando se senta?	1	2	3	4	5	6
11. Você já se sentiu gorda (o), mesmo comendo uma quantidade menor de comida?	1	2	3	4	5	6
12. Você tem reparado no físico de outras mulheres (homens) e, ao se comparar, sente-se em desvantagem?	1	2	3	4	5	6
13. Pensar no seu físico interfere em sua capacidade de se concentrar em outras atividades (como por exemplo, enquanto assiste à televisão, lê ou participa de uma conversa)?	1	2	3	4	5	6
14. Estar nua, por exemplo, durante o banho, faz você se sentir gorda (o)?	1	2	3	4	5	6
15. Você tem evitado usar roupas que a fazem notar as formas do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
16. Você se imagina cortando fora porções de seu corpo?	1	2	3	4	5	6
17. Comer doce, bolos ou outros alimentos ricos em calorias faz você se sentir gorda (o)?	1	2	3	4	5	6
18. Você deixou de participar de eventos sociais (como, por exemplo, festas) por sentir-se mal em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
19. Você se sente excessivamente grande e arredondada (o)?	1	2	3	4	5	6
20. Você já teve vergonha do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
21. A preocupação diante do seu físico leva-lhe a fazer dieta?	1	2	3	4	5	6
22. Você se sente mais contente em relação ao seu físico quando de estômago vazio (por exemplo, pela manhã)?	1	2	3	4	5	6
23. Você acha que seu físico atual decorre de uma falta de autocontrole?	1	2	3	4	5	6
24. Você se preocupa que outras pessoas possam estar vendo dobras na sua cintura ou estômago?	1	2	3	4	5	6
25. Você acha injusto que as outras mulheres (homens) sejam mais magras (os) que você?	1	2	3	4	5	6
26. Você já vomitou para se sentir mais magra (o)?	1	2	3	4	5	6
27. Quando acompanhada (o), você fica preocupada (o) em estar ocupando muito espaço (por exemplo, sentada (o) num sofá ou no banco de um ônibus)?	1	2	3	4	5	6
28. Você se preocupa com o fato de estarem surgindo dobrinhas em seu corpo?	1	2	3	4	5	6
29. Ver seu reflexo (por exemplo, num espelho ou na vitrine de uma loja) faz você sentir-se mal em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
30. Você belisca áreas de seu corpo para ver o quanto há de gordura?	1	2	3	4	5	6
31. Você evita situações nas quais as pessoas possam ver seu corpo (por exemplo, vestiários ou banhos de piscina)?	1	2	3	4	5	6
32. Você toma laxantes para se sentir magra?	1	2	3	4	5	6
33. Você fica particularmente consciente do seu físico quando em companhia de outras pessoas?	1	2	3	4	5	6
34. A preocupação com seu físico faz-lhe sentir que deveria fazer exercícios?	1	2	3	4	5	6

Fonte: Cooper et al. (1987)

3.3.1.6 Considerações sobre mensuração da prevalência da insatisfação corporal (critérios, pontos de corte e classificação)

Como exposto, no que diz respeito à avaliação da insatisfação corporal, existem algumas lacunas de ordem conceitual e instrumental que precisam ser contextualizadas e esclarecidas para nortear estudos que propõem analisar a prevalência de insatisfação, estas merecem destaque no presente trabalho. Segundo Pires (2017), como o constructo guarda noções provenientes de várias teorias, sua complexidade demanda frequentemente estudos buscando melhor compreensão de questões referentes aos aspectos ordinários sobre o corpo. Na tentativa de apontar tais fragilidades de ordem conceitual dois instrumentos (escala de figuras e questionário) essenciais para estas medidas são analisados, uma vez que, ainda medindo o mesmo constructo, apresentam critérios, formas de aplicação e de classificação distintas.

Analisando o BSQ, as perguntas estão direcionadas mais precisamente ao sexo feminino e intimamente relacionadas ao sentimento de insatisfação com a imagem corporal por “excesso de peso”, excluindo insatisfações por “magreza”. Tal fragilidade parece impactar diretamente nos resultados de insatisfação global ou quando analisados em subgrupos de sexo.

Sobre a escala de silhuetas, este instrumento contempla em sua avaliação tanto “magreza” quanto “excesso de peso”, considerando qualquer tipo de silhueta diferente da “atual” (do respondente) como rótulo de insatisfação, o que parece incidir duplamente nos resultados dos testes, justificando em alguns trabalhos, elevado nível de insatisfação quando comparado ao instrumento BSQ.

Em ambos os casos, os instrumentos descritos anteriormente ganharam importância ímpar nos estudos de avaliação da insatisfação corporal, por terem, em suas características, a capacidade de medir este desfecho através de medidas de prevalência.

No tocante a classificação, em relação a escalas de silhuetas, os estudos que fazem avaliação por meio deste instrumento apresentam categorização em relação à insatisfação corporal considerando três pontos: “satisfação corporal”, insatisfação por “excesso de gordura”, insatisfação corporal por “excesso de magreza”. A “satisfação” com a imagem corporal é classificada quando não existe discrepância entre as silhuetas (atual e ideal), a insatisfação então é mensurada a partir da subtração do valor da silhueta atual pelo valor correspondente à silhueta desejada/ideal, com valores positivos classificados como insatisfeitos por “excesso de peso” e valores negativos classificados como “insatisfeitos

por magreza”, por meio da junção dessas medidas é apresentada a prevalência global de insatisfação corporal.

Quanto ao instrumento BSQ, o total do escore computado por sua medida apresenta variação entre 34 e 204 pontos com sua pontuação levando em conta o maior o grau de insatisfação em relação à imagem corporal. O resultado de seu preenchimento permite uma classificação através de três pontos de corte: preocupação “leve”, “moderada” ou “grave”, e ainda, “ausência” de insatisfação (quando não alcança o escore mínimo estipulado). Envolvendo estes pontos do BSQ, autores que avaliam a prevalência de insatisfação corporal divergem em relação a pontuação de cada um. Trabalhos que se propõem a avaliar prevalência de insatisfação com o BSQ geralmente consideram a medida combinada dos níveis “leve”, “moderado” e “severo” como representantes da medida de prevalência global de insatisfação corporal, outros autores optam por não abranger a classificação “leve” em suas avaliações, considerando apenas a classificação “moderada” e “grave” para representar suas medidas de prevalência, caracterizando a intensidade “leve” como pertencente a categoria “ausência” de insatisfação. Um outro inconveniente se faz nas pontuações que norteiam as classificações, idealizadores do instrumento apresentam os valores alcançados no preenchimento do questionário por meio dos números/ pontos de corte. Quando a somatória dos pontos atinge um limiar específico o resultado indica que o indivíduo apresenta o quadro de insatisfação corporal.

Trabalhos que avaliam insatisfação da imagem corporal no público de universitários do Brasil e selecionam o BSQ como instrumento para medir o constructo têm apresentado pontos divergentes (quando comparados) nas suas classificações, o que tem dificultado a presença de estudos (inexistentes no Brasil, até então) que apresentem uma combinação de dados sobre a prevalência deste importante desfecho, não permitindo assim uma comparação confiável dos resultados. Em relação aos pontos de corte, estudos têm classificado a presença de insatisfação corporal quando apresentam pontos a partir de ≥ 70 , >80 ou > 110 pontos (CORDÁS; CASTILHO, 1994 apud CONTI et al., 2009; DI PIETRO; SILVEIRA, 2009; CAMPANA; TAVARES, 2009) (Quadro 3).

Quadro 3: Classificação de insatisfação corporal medidos pelo BSQ

Classificação de insatisfação corporal (BSQ)				
Ponto de corte	Ausência	Leve	Moderado	Grave
BSQ \geq 70 pontos	<70 pontos	70 a 90 pontos	90 a 110 pontos	> 110 pontos
BSQ > 80 pontos	\leq 80 pontos	81 a 110 pontos	111 a 140 pontos	> 140 pontos
BSQ > 110 pontos	\leq 110 pontos	> 110 ou \leq 138 pontos	> 138 ou \leq 167 pontos	\geq 168 pontos

Fonte: os autores (2021)

Assume-se no presente estudo que a versão que permite uma classificação fidedigna a proposta original de Cooper et al. (1987) é citada por Di Pietro e Silveira (2009), autor que validou o questionário para o Brasil, e que foi ratificada por Campana e Tavares (2009) principais autoras brasileiras no estudo de imagem corporal. Adicionalmente, alguns trabalhos apresentaram versões com ponto de corte alternativos, considerando os escores de 70 e 80 pontos de acordo com os pontos de corte propostos por Cordás e Castilho (1994) para classificar os níveis de insatisfação ou que assumiram estes pontos em função da baixa prevalência observada nas categorias “ausência e distorção leve” (LEGNANI et al., 2012) ou assinalando que visavam a dicotomização das amostras, com a intenção de facilitar a análise de seus resultados por estratégias estatísticas.

Quando a somatória dos pontos é menor ou igual a 110 pontos, o resultado indica “nenhuma” preocupação com a imagem corporal; quando a somatória dos pontos é maior que 110 ou menor ou igual a 138, este total indica uma “leve” preocupação com a imagem; quando a somatória dos pontos é maior que 138 ou menor ou igual a 167, o valor indica uma “moderada” preocupação com a imagem corporal; quando a somatória dos pontos é maior ou igual a 168, o resultado indica uma “grave” preocupação (DI PIETRO; SILVEIRA, 2009; CAMPANA; TAVARES, 2009). Não obstante, cabe reflexões sobre os demais pontos de corte, devido ao grande volume de publicações que consideram os mesmos.

3.3.2 Avaliação da imagem corporal de universitários no Brasil: pressupostos iniciais

No Brasil, a temática da imagem corporal tem recebido atenção nas últimas três décadas, com mudanças nos contextos sociopolítico, cultural e epidemiológico (LAUS et al., 2014). Em estudo que comparou relações entre atividade física, corpo e imagem corporal de universitários em quatro países (EUA, França, Argentina e Brasil), no que tange ao público de brasileiros, a saúde foi apontada como principal razão para a prática de exercícios físicos (ambos os sexos); o sexo feminino como o público com maior insatisfação com a imagem corporal e preocupações com o peso, por fim, o Brasil foi apontado com expressiva preocupação com atitudes relacionadas ao alcance do ideal corporal por procedimentos estéticos quando comparado aos outros países (SOUZA, 2017), é característica também do país que o corpo desempenha um papel fundamental na vida das pessoas para alcançar a ascensão social e desenvolver relacionamentos de sucesso (LAUS et al., 2014).

Em relação a universitários, este grupo lida, ao longo de anos de estudo nas instituições de ensino, com exigências intrínsecas de cada curso, onde seu desempenho acadêmico passa a ser o objetivo central de sua dedicação, nesse sentido, inúmeros são os fatores que se inserem ao seu estilo de vida (horas de estudo, cobrança por notas altas, insegurança com o futuro) corroborando para seu sucesso ou insucesso acadêmico. Em relação ao estilo de vida deste público em questão, Brito, Gordia e Quadros (2016) afirmam ter se constituído uma constante preocupação, uma vez que baixos níveis de saúde e bem-estar podem provocar consequências negativas, especialmente entre jovens universitários, que constituem um grupo vulnerável, pois com a entrada no ensino superior ocorrem questionamentos de valores, crenças e atitudes.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) o número de matrículas na educação superior (graduação e sequencial) atingiu a marca de 8,45 milhões de alunos em 2018. Somente em 2018, 3,4 milhões de alunos ingressaram em cursos de educação superior de graduação, em relação ao perfil dos alunos, a idade varia entre 19 e 30 anos, com maioria sendo do sexo feminino (BRASIL, 2019). Deste modo, universitários merecem destaque no presente estudo uma vez que há crescente no número de publicações que consideram este grupo como suscetível para quadros de insatisfação corporal.

Diversos são os estudos nacionais que se propuseram a avaliar alteração perceptiva e insatisfação corporal, se destacando estudos que buscaram associações com algumas variáveis, tais como os de públicos de universitários e que apresentam características distintas de insatisfação com o peso, sexo e estado nutricional (Quadro 4).

Em relação ao estado nutricional, o uso de medidas de IMC na forma autorreferida tem sido frequentemente utilizado em pesquisas. Sobre o tipo de medida autorreferida, o estudo de Marangoni et al. (2011) verificou o uso destas medidas por adolescentes, relacionando a validade destes dados com a percepção (com escalas de silhuetas) e com a satisfação corporal (BSQ). Apesar do BSQ, seus resultados não encontraram relação estatisticamente significativa entre classificações obtidas pelo teste BSQ com discrepância entre IMC aferido e referido, no entanto, pôde ser verificado que em pessoas que apresentaram insatisfação corporal moderada e grave houve uma maior tendência de subestimação no autorrelato do IMC.

Segundo Langoski et al. (2017), as especificidades diárias do adulto jovem, com significativas instabilidades biopsicossociais, somadas à sua inserção no meio universitário e ao acesso a novas relações sociais e novos comportamentos, torna-os vulneráveis a condutas de risco em relação à saúde.

Estudos brasileiros que se debruçaram sobre o fenômeno de insatisfação corporal relataram dificuldades em encontrar pesquisas nacionais desenvolvidas para possíveis comparações e entendimentos deste problema de saúde e apontam a necessidade de mais trabalhos sobre a temática (DAMASCENO, M. L. et al., 2011; SOUZA et al., 2013; SILVA; FERREIRA, 2013; PALMA et al., 2014; MEDEIROS; CAPUTO; DOMINGUES, 2017).

Quadro 4: Fatores associados à insatisfação e alteração perceptiva da imagem corporal

Fatores associados à IC	Autores (ano)
Sexo feminino	Di pietro e Silveira (2001, 2009); Tessmer et al. (2006); Braga (2006); Bosi et al. (2008); Alvarenga et al. (2010); Rech, Araújo e Vanat (2010); Damasceno et al. (2011); Legnani et al. (2012); Martins et al. (2012); Miranda et al. (2012); Vilhena et al. (2012); Silva e Ferreira (2013); Souza et al. (2013); Palma et al. (2014); Costa, Torre e Alvarenga (2015); Martins, Silva e Campos (2015); Medeiros, Caputo e Domingues (2017); Pires (2017); Silva et al. (2018); Petry e Pereira Júnior (2019); Dall’agnol e Pezzi (2019)
Estado nutricional (IMC e % de gordura)	Damasceno et al. (2005); Braga (2006); Kakeshita e Almeida (2006); Tessmer et al. (2006); Coqueiro et al. (2008); Bosi, Ichimura e Luiz (2009); Rech, Araújo e Vanat (2010); Tavares et al. (2010); Damasceno et al. (2011); Silva, Saenger e Pereira (2011); Damasceno et al. (2012); Legnani et al. (2012); Martins et al. (2012); Miranda et al. (2012); Souza et al. (2013); Costa, Torre e Alvarenga (2015); Legey et al. (2016); Medeiros, Caputo e Domingues (2017); Pires (2017); Petry e Pereira Júnior (2019); Dall’agnol e Pezzi (2019)
Insatisfação com o peso	Damasceno et al. (2005); Kakeshita e Almeida (2006); Bosi et al. (2008); Bosi, Ichimura e Luiz (2009); Alvarenga et al. (2010); Rech et al. (2010); Silva, Saenger e Pereira (2011); Damasceno et al. (2012); Petry e Pereira Júnior (2019)
Universitários	Kakeshita e Almeida (2006); Braga (2006); Coqueiro et al. (2008); Bosi et al. (2008); Bosi, Ichimura e Luiz (2009); Rech, Araújo e Vanat (2010); Damasceno et al. (2011); Silva, Saenger e Pereira (2011); Miranda et al. (2012); Martins et al. (2012); Legnani et al. (2012); Vilhena et al. (2012); Souza e Alvarenga (2016); Legey et al. (2016); Pires (2017).

Fonte: elaboração própria (2021)

Ainda que existam muitos estudos sobre a temática considerando outros ambientes, populações e instrumentos, para a proposta do estudo em questão interessa centrar em instrumentos que apresentam dados de prevalência de insatisfação corporal em população de universitários brasileiros.

3.3.2.1 Estudos de imagem corporal em universitários

Segundo Souza (2017), o público de jovens universitários constitui um grupo vulnerável aos ideais de aparência corporal, e podem buscá-los por meio de exercícios físicos, dietas, restrições alimentares e cirurgias plásticas, com consequências adversas. Estudos também identificam associação entre mídias sociais e insatisfação corporal, apontando a dificuldade de universitários em lidar com o ideal corporal veiculados nestes meios de comunicação (ALVARENGA et al., 2010; SILVA, 2018; SOUZA; ALVARENGA, 2016). Em relação a este grupo específico, estudos que realizaram avaliação da insatisfação corporal buscaram associações com estado nutricional, peso e transtornos alimentares, ressalta-se que fatores de risco a saúde relacionados à alimentação reduzem mais anos de vida com qualidade em comparação a fumo, álcool, poluição e drogas, onde, com uma melhoria nas condições de alimentação da população poderia prevenir uma em cada cinco mortes no mundo (BRASIL, 2020). Segundo o atlas de situação alimentar e nutricional no Brasil (Ibid, 2020), 61,4% de homens e 63,2% de mulheres, adultos, no Brasil em 2019, apresentam excesso de peso (IMC maior que 25 kg/m²), apoiando este importante quadro identifica-se quantidade expressiva de estudos relacionando estado nutricional com a insatisfação corporal, a maioria destes estudos considerou alto percentual de gordura e IMC associados ao desfecho. Em relação a sexo, há um consenso entre pesquisadores de que o público feminino apresenta maior grau de insatisfação corporal em comparação ao masculino (Quadro 4), o que faz com que alguns autores se debrucem exclusivamente em analisar este específico público. Segundo Carvalho (2014), a permanência da existência de grande foco de estudos sobre o público feminino em detrimento do masculino, se dá, talvez, porque é um público que chama mais atenção, somado ao fato de apresentarem nos estudos, níveis mais altos de distorção. Para Damasceno, M. L. et al. (2011) as jovens frequentemente são levadas a utilizar métodos inapropriados para se adequar a um estereótipo corporal predeterminado, difundido por meio da tirania da mídia e da publicidade que exaltam o sucesso alcançado pelas modelos e atrizes que adotam este padrão.

Parte do crescimento do interesse pelo estudo da insatisfação corporal está vinculado à relação existente entre os distúrbios alimentares, como anorexia e bulimia nervosa, e a preocupação excessiva com o peso e a forma corporal (CARVALHO, 2014) que comumente são transtornos que afetam particularmente adolescentes e adultos jovens do sexo feminino, levando a marcantes prejuízos psicológicos, sociais e aumento de

morbidade e mortalidade. Em vista disso, a proximidade ou a justaposição entre adolescência e período de ingresso na vida universitária, sugere a similitude dos fatores envolvidos na produção da imagem corporal e insatisfação corporal na adolescência e na população de estudo (PIRES, 2017).

O presente estudo apresenta objetivos que corroboram com trabalhos de outros países que também encontraram preocupação excessiva com a imagem corporal em suas análises, resultando em dietas e alterações como transtornos alimentares (VAQUERO; ALACID; LOPES, 2013). Tendo em vista a vinculação do tema com a saúde pública, torna-se necessário um olhar cuidadoso para/sobre o corpo, que respeite as diferenças, valorize o indivíduo na coletividade, em favor do equilíbrio dos aspectos biopsicossociais, do bem-estar e da qualidade de vida, do bem viver em sociedade.

Esta temática tem sinalizado problemas tamanhos os desafios atribuídos as influências de padrões corporais cultuados socialmente, portanto, para o presente estudo, busca-se entender a relação entre o indivíduo jovem, universitário, com seu corpo e com o corpo do outro (sociedade) e como esta relação pode interferir na insatisfação corporal e na saúde, refletindo sobre os comportamentos associados, sobretudo investigando os desafios da temática na contemporaneidade. Importa para o estudo conhecer a prevalência de insatisfação corporal de universitários no Brasil, cujo enfoque na insatisfação se faz pelo contexto crescente que o tema tem alcançado, revelando um importante fator de preocupação no campo da saúde pública brasileira.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Revisar os conceitos de imagem corporal e insatisfação corporal, a operacionalização desses conceitos no âmbito da pesquisa científica e conhecer a prevalência de insatisfação corporal de estudantes de graduação de universidades brasileiras.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Revisar os conceitos de imagem corporal e insatisfação corporal usados na pesquisa científica;

Revisar os instrumentos de aferição da imagem corporal e insatisfação corporal usados na pesquisa científica;

Determinar a prevalência de insatisfação corporal dos universitários brasileiros, por meio de revisão sistemática e metanálise, considerando subgrupos de sexo, distribuição geográfica, tipos de universidade e pontos de corte do instrumento de aferição utilizado.

5 METODOLOGIA

5.1 ABORDAGENS METODOLÓGICAS E DESENHO DE ESTUDO

Para a realização dos manuscritos 1 e 2 foram selecionados trabalhos científicos que envolviam a temática de imagem corporal, avaliação da insatisfação corporal e de fatores associados a este desfecho. Também foram incluídas referências de autores de estudos da temática do corpo, em específico do cenário ocidental contemporâneo. Mesmo sendo reconhecidamente um problema global de saúde pública/coletiva este estudo está centrado na realidade brasileira, onde se inserem universitários, não tendo intenção de analisar trabalhos que avaliam outras realidades que não a brasileira, tendo em vista a particular característica do País, destaque no cenário mundial pelo culto a beleza e ao corpo.

Para a produção dos artigos propostos nessa tese, foi realizada uma revisão narrativa para reconhecer o estado da arte sobre o constructo da imagem corporal e insatisfação corporal. O trabalho partiu de uma linha evolutiva, organizada e planejada considerando o conhecimento científico atual da temática, que nos permitiram:

- Refletir sobre a complexidade da figura do corpo “jovem” no cenário atual, contemporâneo;
- Conceituar o corpo, sua produção e formação de identidades por meio da construção de sua imagem corporal;
- Apresentar as dimensões, instrumentos e características que envolvem estudos de avaliação da imagem corporal, com foco na insatisfação corporal, no público de universitários;
- Buscar, selecionar, analisar e discutir a prevalência da insatisfação da imagem corporal em universitários no Brasil.

Para atender o terceiro objetivo do trabalho, cuja apresentação se faz na seção de resultados (artigo 3), empreendeu-se uma revisão sistemática com metanálise sobre a temática de insatisfação corporal de universitários no Brasil, a qual foi estruturada a partir de diretrizes, com avaliação das publicações realizadas por dois revisões (CG e VP) independentes e solução de discordâncias por consenso ou pelo terceiro revisor (JUB).

Foram realizadas buscas nas bases de dados MEDLINE, EMBASE e LILACS através das ferramentas de busca PubMed, Ovid e BVS. A busca foi ampliada utilizando fontes de

literatura cinza como o Portal de periódicos CAPES, a Biblioteca Eletrônica SCIELO, o mecanismo virtual de pesquisa Google Acadêmico e seleção de busca por referência cruzada. Não houve restrições quanto ao ano de publicação.

As buscas e seleção dos artigos ocorreram entre os meses de janeiro a março de 2021 compreendendo estudos de prevalência da insatisfação corporal em universitários no Brasil.

A revisão sistemática foi conduzida de acordo com as seguintes etapas:

1. formulação da pergunta de revisão;
2. elaboração do protocolo de pesquisa e formulários de extração de dados;
3. seleção dos estudos (rastreamento e seleção propriamente dita): exclusão de títulos repetidos; seleção dos estudos com população brasileira; seleção dos estudos com população brasileira universitária; inclusão de estudos oriundos de outras fontes de busca; leitura completa dos trabalhos selecionados com exclusão dos trabalhos incompatíveis com os critérios de elegibilidade;
4. extração dos dados;
5. avaliação da qualidade dos estudos;
6. análise de dados global e por subgrupos (metanálise) e identificação de fatores explicativos da heterogeneidade (metaregressão);
7. interpretação dos resultados.

5.2 PROCEDIMENTOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

5.2.1 Construção da pergunta de pesquisa

Buscando a definição correta das evidências que envolvem o problema de pesquisa, a construção da pergunta foi norteadada pela estratégia PICO. Entende-se que uma pergunta adequada e estruturada por esta estratégia possibilita a definição correta, rápida e acurada da melhor informação disponível sobre a temática.

Quadro 5: Especificação da pergunta da revisão

Estratégia PICO	
P	Estudantes universitários do Brasil
I	Aferição pelo questionário <i>Body Shape Questionnaire</i> (BSQ)
C	Não se aplica
O	Insatisfação corporal

Fonte: Os autores (2021)

5.2.2 Estratégia de busca bibliográfica

Foram considerados termos MeSH/DeCS nas línguas inglesa e portuguesa considerando estudos sobre a temática, somados a operadores booleanos (AND e OR), adotando a seguinte estratégia: Universitários AND Insatisfação Corporal AND Prevalência. No quadro 6 encontra-se a combinação de descritores utilizados para a estratégia de busca.

Quadro 6: Descritores e estratégia de busca utilizada segundo bases de dados selecionadas, 2021

Bases	Termos	Estratégia utilizada
MEDLINE	Prevalência	<i>"incidence"[All Fields] OR "incidence"[MeSH Terms] OR "prevalence"[All Fields] OR "prevalence"[MeSH Terms]</i>
	Insatisfação Corporal	<i>"body dissatisfaction"[MeSH Terms] OR ("body"[All Fields] AND "dissatisfaction"[All Fields]) OR "body dissatisfaction"[All Fields] OR ("negative"[All Fields] AND "body"[All Fields] AND "image"[All Fields]) OR "negative body image"[All Fields] OR ("body"[All Fields] AND "image"[All Fields] AND "dissatisfaction"[All Fields]) OR "body image dissatisfaction"[All Fields]</i>
	Universitários	<i>((("college"[All Fields] OR "college s"[All Fields] OR "colleges"[All Fields]) AND ("student s"[All Fields] OR "students"[MeSH Terms] OR "students"[All Fields] OR "student"[All Fields] OR "students s"[All Fields])) OR (("academe"[All Fields] OR "academic"[All Fields] OR "academic s"[All Fields] OR "academical"[All Fields] OR "academically"[All Fields] OR "academics"[All Fields]) AND ("student s"[All Fields] OR "students"[MeSH Terms] OR "students"[All Fields] OR "student"[All Fields] OR "students s"[All Fields]))</i>
EMBASE	Prevalência	<i>"incidence"/exp OR "incidence" OR "prevalence"/exp OR "prevalence"</i>
	Insatisfação Corporal	<i>"body dissatisfaction"/exp OR "body dissatisfaction" OR "negative body image"/exp OR "negative body image" OR (negative AND ("body"/exp OR body) AND ("image"/exp OR image))</i>
	Universitários	<i>"college students"/exp OR "college students" OR (("college"/exp OR college) AND ("students"/exp OR students)) OR "academic students" OR (academic AND ("students"/exp OR students))</i>

LILACS	Prevalência	<i>(mh:("Incidência")) OR ("Incidência") OR (mh:("prevalência")) OR ("prevalência")</i>
	Insatisfação Corporal	<i>(mh:("insatisfação corporal")) OR ("insatisfação corporal") OR (insatisfação corporal) OR (insatisfação da imagem corporal) OR (mh:("imagem negativa do corpo")) OR ("imagem negativa do corpo") OR (mh:("insatisfação com a imagem corporal")) OR ("insatisfação com a imagem corporal") OR (mh:("insatisfação com o corpo")) OR ("insatisfação com o corpo") OR (mh:("insatisfação com o próprio corpo")) OR ("insatisfação com o próprio corpo")</i>
	Universitários	<i>(mh:("estudantes")) OR ("estudantes") OR ("universitários") OR ("estudantes universitários") OR (mh:("universidades")) OR ("universidades") OR ("acadêmicos") OR (mh:("Alunos")) OR ("alunos") OR ("graduação")</i>

5.2.3 Seleção dos estudos

A seleção dos estudos ocorreu em duas fases: o rastreamento e a seleção propriamente dita. O rastreamento (*screening*) das publicações considerou estudos com resumo disponível; publicações em português, espanhol e inglês; público-alvo de universitários; estudos que abordaram prevalência da insatisfação corporal. Foram excluídos artigos teóricos e de revisão; teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livros, resenhas críticas, comentários, editoriais, anais e relatórios científicos.

Após a fase de rastreamento e durante a seleção pela leitura de textos completos foram adotados os seguintes critérios de elegibilidade:

Critérios de Inclusão:

- (a) Público alvo de universitários no Brasil;
- (b) Estudos com objetivo de avaliar a prevalência de insatisfação corporal em universitários;
- (c) Estudos com informação sobre a prevalência de insatisfação corporal em universitários ou com dados que permitam cálculo dessa medida.

Critérios de Exclusão:

- (1) Artigos apenas com análise qualitativa;
- (2) Artigos que tratavam apenas de validação de instrumentos de avaliação de insatisfação corporal;

(3) Artigos que avaliaram exclusivamente percepção corporal (atual - real);

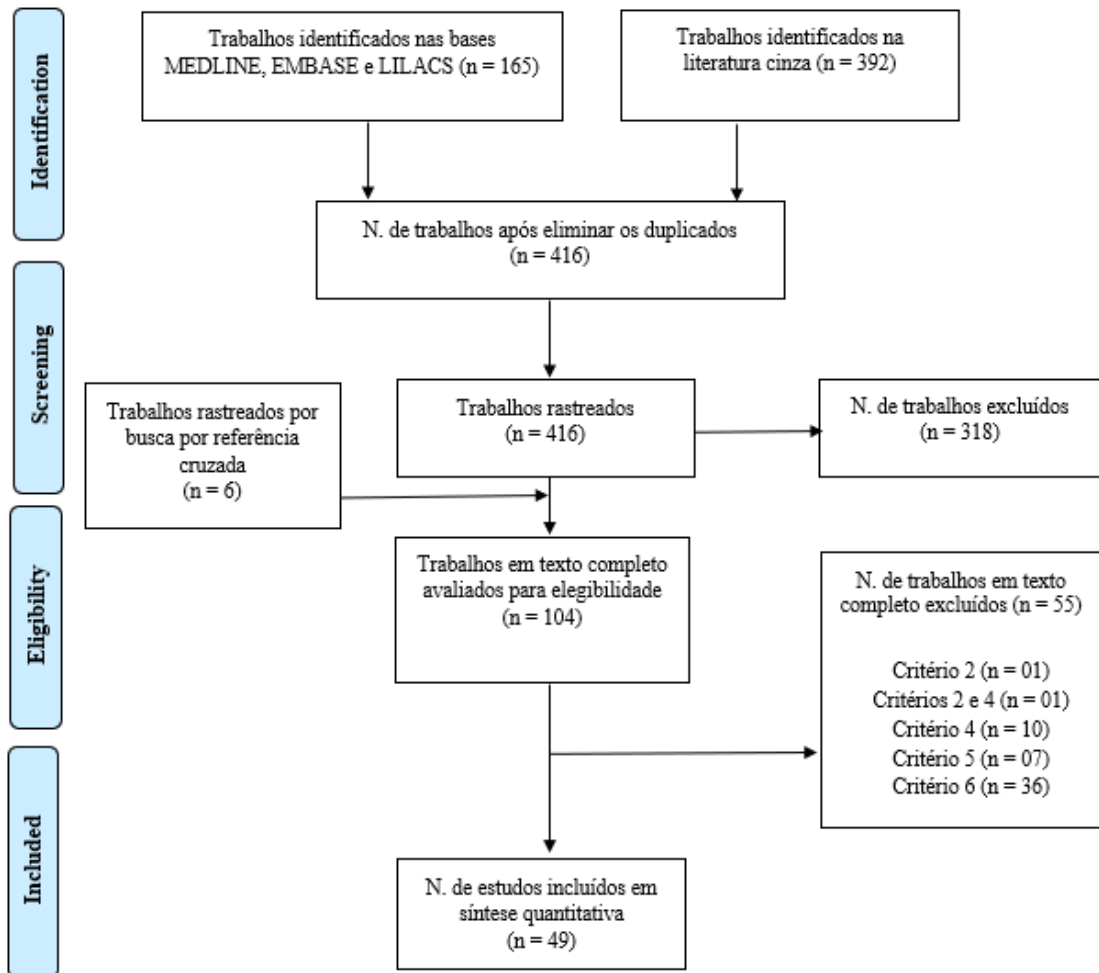
(4) Artigos que não informaram o instrumento (validado) ou os critérios utilizados para avaliar insatisfação corporal;

(5) Artigos que apresentaram mesma população, ano de coleta, instrumento e classificação do desfecho (sendo selecionado para compor a pesquisa o estudo que apresentou dados mais completos);

(6) Artigos que avaliaram exclusivamente alteração perceptiva da insatisfação corporal pelo instrumento de escala de silhuetas.

Por meio da seleção que considerou leituras de títulos e resumos foram selecionados um total de 104 artigos para leitura na íntegra pois atendiam preliminarmente os critérios do estudo. Após aplicação dos critérios de seleção (formulário de elegibilidade) pelos revisores, foram selecionados 49 estudos que forneciam resultados de prevalência da insatisfação corporal pelo BSQ (Figura 5).

Figura 5. Fluxograma da seleção dos estudos



Estratégia de extração de informação dos artigos selecionados

Foi preenchido formulário de extração de dados para cada texto lido na íntegra constando das informações gerais dos trabalhos selecionados, como dados sociodemográficos, metodológicos e do desfecho. As informações relativas aos artigos selecionados foram agrupadas de forma estruturada e serviram de suporte para a etapa de análise. Esse instrumento é formado por 3 blocos:

- Bloco 1 (conjunto de dados da população)
- Bloco 2 (aspectos metodológicos)
- Bloco 3 (avaliação da prevalência de insatisfação corporal)

5.2.4 Avaliação da qualidade dos estudos

Com interesse em determinar até que ponto os estudos tinham propensão a viés em sua concepção, análise e conduta, os trabalhos selecionados para a inclusão do estudo foram submetidos a avaliação através da ferramenta de avaliação crítica do Joanna Briggs Institute (JBI) - lista de verificação de avaliação crítica para estudos de prevalência (MUNN et al., 2015), por dois revisores independentes, sobre a qualidade metodológica. Os resultados desta avaliação permitiram uma apreciação indireta da qualidade da evidência (quadro 2, manuscrito).

Foram analisados, por intermédio de nove critérios os seguintes aspectos de cada estudo: Procedimentos de amostragem (tipo de amostra, estratégia e tamanho amostral), características populacionais, análise de dados (descrição e/ou relato de perdas), métodos de mensuração do desfecho (treinamento de pessoal, calibração de instrumentos), e análise estatística (estatística apropriada, taxa de resposta, controle de fatores de confusão). Cada critério recebe um julgamento correspondente a “sim”, “não”, “não claro” ou “não aplicável”, que permite ao combinar todos os critérios, uma síntese global (considerando todos os estudos) e específica (de cada artigo) da qualidade dos trabalhos selecionados para a revisão sistemática.

No tocante à avaliação metodológica de cada estudo, consideramos adequado para qualidade, quando dos nove critérios listados pelo menos seis estavam adequados. Os critérios mais relevantes do instrumento do JBI são: característica populacional ser comparável entre os estudos analisados; a população ser preenchida em sua totalidade por estudantes universitários; instrumento de medição validado (BSQ); dados fornecendo ou permitindo cálculos para medição de prevalência de insatisfação corporal; taxa de resposta e cobertura adequada nos grupos de participantes selecionados. Importa ressaltar que grande parte dos trabalhos não costuma apresentar informações no que diz respeito ao treinamento de pessoal, clareza em relação ao tipo de amostra (aleatória ou conveniência) e tamanho amostral para a seleção dos participantes.

Declara-se que a presente Tese não necessitou de apresentação ao sistema CEP- CONEP estando amparada pelo item VI do Parágrafo Único, Art. 1, “pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica” da Resolução nº 510 de 7/4/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), homologada pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2016).

5.2.5 Análise dos dados

Os dados extraídos dos estudos que fizeram parte da revisão foram tabulados no software Microsoft Excel® (pacote Microsoft Office®, versão 2013, desenvolvido pela Microsoft®) contendo informações sobre os autores, ano de publicação, cidade, estado e região onde se realizou o estudo, características gerais da população e tamanho amostral, delineamento da pesquisa, instrumentos utilizados e principais achados relativos à ocorrência de insatisfação corporal. As análises estatísticas foram realizadas usando os pacotes *meta* e *metaprop* do software R (versão 3.1) com adaptações para a produção específica de gráficos e testes estatísticos.

Na próxima seção, os resultados da tese foram estruturados por uma coletânea de três artigos “Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos”, “Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa” e “Prevalência da insatisfação corporal de universitários brasileiros: revisão sistemática com metanálise”. A discussão sobre a insatisfação da imagem corporal em universitários é uma temática crescente que tem ganhado notoriedade no meio científico, contradições e dificuldades referentes ao tema mostram a necessidade de expandir as compreensões sobre este assunto (GONÇALVES; CAMPANA; TAVARES, 2012). Importante destacar que os resultados em formato de artigo partem de uma linha progressiva de raciocínio e de complementariedade.

6 RESULTADOS

6.1 ARTIGO 1 - CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE: APONTAMENTOS REFLEXIVOS

Este subcapítulo apresenta a versão aceita (revisada por pares) do artigo “Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos”, de autoria de Cláudio Oliveira da Gama, Gláucio Oliveira da Gama, Valéria Nascimento Lebeis Pires, Jose Ueleres Braga e Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel. Publicado originalmente no periódico *Lecturas: Educación Física y Deportes* (EFDeportes.com) - ISSN 1514-3465 - prefixo doi 10.46642

“Esta é a versão aceita revisada do artigo: Gama, C.O. da, Gama, G.O. da, Pires, V.N.L., Braga, J. U., e Maciel, E.M.G. de S. (2021). Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 26(279). Disponível em: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i279.2764>. Este artigo pode ser usado para fins não comerciais de acordo com os Termos e Condições da EFDeportes para auto-arquivamento.”

“This is the peer reviewed version of the following article: Gama, C.O. da, Gama, G.O. da, Pires, V.N.L., Braga, J.U., e Maciel, E.M.G. de S. (2021). Body, Beauty and Youth in Contemporary Times: Reflective Notes. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 26(279). Available in: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i279.2764>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with EFDeportes Terms and Conditions for Self-Archiving”

CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE: APONTAMENTOS REFLEXIVOS

Autores:

Cláudio Oliveira da Gama

Gláucio Oliveira da Gama

Valéria Nascimento Lebeis Pires

Jose Ueleres Braga

Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel

RESUMO

A contemporaneidade é marcada pela era do corpo utilizado como ferramenta do consumismo. Por intermédio de hábitos e práticas corporais, estilos de vida se propagam pelos veículos de comunicação midiáticos. Neste contexto, jovens constituem o grupo mais vulnerável a ser influenciado, sendo compreensível seus desejos em fazerem parte de grupos e terem suas identidades aceitas socialmente. O texto apresenta uma reflexão dialógica acerca do culto ao corpo, beleza e juventude na sociedade contemporânea. No cenário atual, o corpo ocupa destaque muito além de qualidades requisitadas em outras épocas, com a compulsão cotidiana por atributos da beleza jovem, há uma vontade presente de manter e adequar-se a aparência vigente, bem como uma inovação contemporânea em retardar o processo natural da vida: o envelhecimento do corpo. Nesse caso, a tentativa é de esconder características físicas indesejáveis assumindo o estereótipo corporal jovem, da beleza eterna. Esse parece ser o desejo contemporâneo, que o tempo do corpo pare e ceda aos rituais da beleza. Como conclusão, percebe-se que o estado jovial, que outrora delimitava uma fase da vida, hoje, por meio de valores socioculturais, se transforma em símbolo, tamanha relevância apresentada no presente, mas que apresenta inclinações preocupantes para o campo da saúde mental, notadamente na insatisfação corporal.

Unitermos: Corpo. Beleza. Jovem. Sociedade contemporânea.

ABSTRACT

Contemporaneity is marked by the age of the body used as a tool of consumerism. Through habits and bodily practices, lifestyles spread through the media. In this context, young people are commonly the most vulnerable group to be influenced, and their desires to be part of groups and to have their identities accepted socially understandable. The text presents a dialogical reflection on the cult of the body, beauty and youth in contemporary society. In the current scenario, the body occupies prominence far beyond the qualities required in other times, with the daily compulsion for attributes of young beauty, there is a present desire to maintain and adapt the current appearance, as well as a contemporary innovation in delaying the process natural part of life: the aging of the body. In general, the attempt is to hide undesirable physical characteristics by assuming the young body stereotype, of eternal beauty. This seems to be the contemporary desire: that the time of the body stops and yields to the rituals of beauty. As a conclusion, it is clear that the youthful state, which once delimited a phase, today, through socio-cultural values, becomes a symbol, such relevance presented in the present, but which presents worrying inclinations for the field of mental health, notably in the field of mental health. body dissatisfaction.

Keywords: Body. Beauty. Young. Contemporary society.

RESUMEN

La contemporaneidad está marcada por la era del cuerpo utilizado como herramienta de consumismo. A través de hábitos y prácticas corporales, los medios de comunicación propagan los estilos de vida. En este contexto, los jóvenes son el grupo más vulnerable en ser influenciado, y es comprensible su deseo de ser parte de grupos y que sus identidades sean aceptadas socialmente. El texto presenta una reflexión dialógica sobre el culto al cuerpo, la belleza y la juventud en la sociedad contemporánea. En el escenario actual, el cuerpo se destaca mucho más allá de las cualidades requeridas en otros tiempos, con la compulsión diaria por los atributos de la belleza joven, hay un deseo presente de mantener y adaptarse a la apariencia actual, así como una innovación contemporánea en retrasar el proceso de la vida natural: el envejecimiento del cuerpo. En este caso, el intento es esconder características físicas indeseables, asumiendo el estereotipo del cuerpo juvenil, de eterna belleza. Este parece ser el deseo contemporáneo, que el tiempo del cuerpo se detenga y ceda a los rituales de la belleza. En conclusión, es claro que el estado juvenil, que alguna

vez delimitó una fase de la vida, hoy, a través de valores socioculturales, se transforma en un símbolo, con tanta relevancia presentada en el presente, pero que presenta inclinaciones preocupantes para el campo de la salud mental sobre todo en la insatisfacción corporal.

Palabras clave: Cuerpo. Belleza. Joven. Sociedad contemporánea.

Introdução

A contemporaneidade é marcada pela era do corpo utilizado como ferramenta do consumismo, servindo ora como produtor, ora disseminador de hábitos, práticas e estilos de vida que se propagam pelos mais variados veículos de comunicação midiáticos, reforçando e/ou rechaçando modelos de corpos, sendo estes, elementos indissociáveis das instituições culturais e sociais (Jaeger, e Câmara, 2015). Se, durante séculos, grandes empreendimentos de esforços foram feitos para convencer indivíduos de que não tinham corpo, “teima-se hoje, sistematicamente – após um longo período de puritanismo –, em convencê-las de que o próprio corpo é central em suas exigências e afetos”. (Goldenberg, 2002, p. 33).

Correntemente, as características visuais dos perfis corporais de sucesso apresentam qualidades inerentes a felicidade, plenitude e status social condicionados ao cumprimento de seus ritos, cuja magia é dirigida pelo próprio sistema das relações sociais constitutivas do ritual (Assênsio, e Oliveira Júnior, 2015), atreladas em seu eixo basilar ao perfil físico jovem.

A juventude no presente, pelas circunstâncias da época, geralmente valoriza a beleza corporal e quer construir uma maneira eficaz de se relacionar socialmente, quer ser vista, desejada e valorizada. Neste cenário inovador (sob o ponto de vista da visibilidade) o corpo assume protagonismo, uma vez que permite ascensão social, todavia, precisa ser moldado, lapidado e adequado aos padrões e normas vigentes, impostos por uma sociedade que tem implicações na indústria cultural (Lopes, e Mendonça, 2016). Corroborando com a afirmativa dos autores, Souza e Alvarenga (2016) situam o corpo em uma dimensão que ultrapassa o fisiológico, por meio de sensações físicas, emoções, pensamentos, sentimentos, crenças e história, expressando a comunicação do indivíduo com o universo que o cerca. Ao mostrar essas arestas, é possível compreender que o corpo é uma entidade que supera os limites físicos e biológicos e adquire sentido na medida em que se vincula aos espaços sociais, culturais e políticos. Ainda neste contexto, Lopes e Mendonça (2016) expõem que

corpo e juventude são socialmente cultuados a partir de conexões que atrelam a beleza ao corpo jovem. Trabalhos científicos apontam que jovens estão cada vez mais vulneráveis a mudanças de comportamento e hábitos desencadeadas pela proximidade da vida adulta e ingresso em ambientes, como o universitário, profissional ou de práticas físicas que proporcionam novas relações sociais e podem implicar em alguns fatores prejudiciais a sua saúde e a uma imagem corporal positiva.

Com o intuito de evitar generalizações, reducionismos, essencialismos ou polarizações, o texto reflete sobre a cultura ocidental contemporânea, cujos representantes principais são Estados Unidos da América e Europa (Alves et al., 2009), estes, principalmente, são os grandes estimuladores de valores, hábitos e costumes que influenciam as demais culturas (esclarecemos que ainda há diferentes formas de “ser corpo” em distintos grupos sociais no interior desses territórios/lugares). E ainda, para evitar confundimentos derivados de conceitos polissêmicos, o presente texto trata estética e beleza como sinônimos, sendo estes termos utilizados para designar em nosso contexto aspectos do exterior do corpo, mais precisamente de elogio, contentamento e satisfação corporal, tratados usualmente como virtudes na sociedade ocidental contemporânea/atual, vislumbradas como artificios de desejo e perseguição individual e coletiva (de forma genérica), exaltadas pelos veículos de informação. Para padronizarmos os conceitos utilizados no presente texto, consideramos também o termo contemporâneo compreendendo o período histórico atual, embora também esteja sendo reconhecido como pós-modernidade por muitos autores.

No contemporâneo, segundo Nascimento, e Afonso (2014), o homem não se compreende como um corpo, mas sim como possuidor de um corpo, fruto consequência de um processo histórico de desvalorização. Sob um novo olhar para o corpo, o conceito de corpos ideais, embora seja relacionado a fatores culturais específicos, vem se tornando semelhante em diferentes sociedades ao longo dos anos, onde atualmente vive-se a cultura do magro. Em relação ao Brasil, desde a década de 1970, um novo padrão emergiu, com um corpo modelo similar daquele julgado nos demais países do ocidente (Laus, 2013). No padrão estético que vigora no presente a beleza corporal tem se associado a um símbolo de conquista e de prestígio social. Desta maneira, refletir e problematizar sobre padrões, hábitos e estilos de vida pautados em discursos de saúde, qualidade de vida e de semblante jovem constitui-se eixo pilar de estudos sobre a temática. Assim, pretende-se refletir e fornecer conteúdo para uma melhor compreensão do fenômeno que, ao longo dos anos,

desperta interesse crescente tanto para a comunidade científica, quanto para o senso comum. Destaca-se a importância que a temática tem assumido na atualidade, onde a busca pela beleza “a qualquer custo” apresenta quadro preocupante para o campo da saúde, estudos têm apresentado em seus resultados desdobramentos relacionados aos efeitos da imagem corporal negativa, mais precisamente de insatisfação com a imagem corporal, com expressiva associação de variáveis ambientais, sociais e culturais, sendo a insatisfação corporal uma realidade para ambos os sexos e um resultado direto do não enquadramento em padrões estético-culturais. (Alves et al., 2009; Gama, 2016; Pires, 2017; Souza, 2017; Souza, e Alvarenga, 2016).

Considerando que a busca pelos ideais de corpos do sucesso pode levar ao desencadeamento de comportamentos nocivos à saúde, tais como dietas restritivas, procedimentos estéticos, medicamentos e práticas físicas exaustivas, nosso estudo assume um compromisso social e científico pois problematiza as relações com o corpo no presente com a finalidade de minimização dos danos observados/causados. Neste contexto, este ensaio propõe reflexões sobre o que é ser jovem na sociedade ocidental, os desejos de ser aceito em grupos sociais e as angústias pela adequação ou não a comportamentos vinculados a moda contemporânea.

Importa ressaltar que o termo jovem que outrora nos remetia a uma fase da vida, hoje se expande, ao tornar-se parte constituinte de atributos físicos desejáveis, carregando indivíduos no cumprimento de rituais da cultura ocidental. Ainda que reconheçamos que a concepção de beleza difere de acordo com a etnia/sociedade de pertencimento, ao longo da história, a cultura foi fator decisivo nas relações humanas, o corpo neste contexto passou por diferentes graus de importância para os indivíduos e estamos a assistir uma verdadeira divinização de corpos belos (Alves et al., 2009). Cabe ponderar, inicialmente, algumas características sociais e culturais do jovem na sociedade ocidental. O texto apresenta uma reflexão dialógica acerca do culto ao corpo, beleza e juventude na sociedade contemporânea.

Características do jovem na atualidade

Ao ser inserido na sociedade do consumo e trabalho, o jovem enfrenta complexos e contínuos processos de descobertas, a principal diz respeito ao período em que passa a ser o responsável pelos seus atos (transição da adolescência para a idade adulta), ressalta-se que ao longo do texto a adolescência, ainda que considerada uma fase temporal, é utilizada dentro de contextos e características comuns ao jovem, uma vez que a adolescência é parte

integrante desta fase. Por ser considerado um período bem complexo, no que tange a formação de identidade e de uma imagem corporal consolidada e aceita coletivamente, este grupo é o que mais sofre influências socioculturais do meio em que está inserido, uma vez que ao sair da infância e entrar no período da adolescência, e, posteriormente, de adulto jovem, é natural e compreensiva a necessidade de indivíduos jovens logo desejarem fazer parte de um grupo, e o mais importante, serem aceitos. Almeida (2010) considera que jovens se aproximam de um grupo geralmente através da proximidade de sua rede social, seja ela por convite ou até mesmo curiosidade. Sendo que as condições para que jovens possam aderir ou não a grupos sociais está fortemente ligada ao consumo de determinados produtos ou como compartilham determinados significados atribuídos aos afazeres individuais e coletivos. Deste modo, entende-se que o motivo da aproximação do jovem a um grupo envolve desde a busca por relações afetivas, até afinidades ideológicas, com sua relação com o grupo sempre mediada de experimentação: “experimentam-se relações, concepções, desejos, expectativas... e com o passar do tempo está experimentação torna-se identificação” (Almeida, 2010). É por meio da identificação com o grupo que o jovem começa a “superar suas apreensões para afirmar sua identidade aos olhos dos outros” (Le Breton, 2009, p. 46). Por identidade, Rocha (2019) compreende um movimento inacabado e que sofre múltiplas transformações, nesse caminho há sua permanência e consolidação como processo de relacionamento social em que o indivíduo possuirá muitas formas de identidades se afirmando através da relação pelo outro, pelo grupo que pertence, assim como também mediada por outros fatores, como o uso e consumo de bens. Neste cenário dinâmico de construção identitária, o sujeito contemporâneo se figura como ser em constante mutação, comportando-se de diferentes formas nos mais variados contextos. (Santos, e Mezzaroba, 2013).

Oportunamente, os jovens não procuram o outro por suas diferenças, mas sim unem-se e valorizam-se pelas suas semelhanças, o que é confirmado por Le Breton (2009) ao revelar que nenhum jovem se parece com outro, contudo, em nossas atuais circunstâncias sociais, inúmeros traços os reúnem, sendo o modo mais eficiente de alcance desta aceitação quando apresentam similaridade em traços físicos, hábitos e comportamentos de membros pertencentes de seu meio social. Conforme o exposto, convivência e aceitação em grupo ou na coletividade seria então uma forma do jovem encontrar uma mediação com a sua existência, reforçando ou rechaçando valores veiculados pelos meios de comunicação, pelo pensamento religioso ou pelas expressões culturais estabelecidas na formação de suas

identidades, em contraste, por estarem numa fase de transição, suas vontades por liberdade apresentam muitas características peculiares, onde “não há uma adolescência, como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas” (Bock, 2004, p. 42). A adolescência é uma fase temporal do desenvolvimento humano (de transição para adulto jovem) iniciada após o período da infância e que apresenta um patamar de estágio do ciclo de vida bem distinto (por ser considerada uma fase rebelde), caracterizada por mudanças psicológicas, emocionais, somáticas, cognitivas e, contemporaneamente, por influência da sociedade têm apresentado súbito aumento da preocupação com a aparência física. Além destas, outras características são bem específicas, como rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, variabilidade nos níveis de hormônios, tendência à oposição, crescimento, busca da identidade e de independência (Bock, 2004). A adolescência é, sobretudo, “uma época de enfrentamento do mundo com uma vontade de experimentar seu corpo, sentir seus limites, tocar o mais perto possível sua existência” (Le Breton, 2009, p. 38). Pela fase conturbada, entende-se que esta seja a principal precursora de riscos associados ao jovem, na pressão pelo enquadramento dos modelos corporais socialmente impostos. Silva et al. (2012) corroboram com esta afirmativa ao revelarem que a insatisfação com a imagem corporal é mais prevalente no final da adolescência e início da fase adulta, onde nota-se pela experiência dos jovens do século XXI, que a necessidade de testar limites tornou-se uma condição de sobrevivência do sentido, onde, para Melucci (1996), sem atingir-se o limite não pode haver experiência ou comunicação, assim, frequentemente, sua relação com os mais velhos. Neste quadro, por exemplo, Bock (2004) afirma que geralmente esta relação se dá de forma conflituosa, um traço característico a oposição aos pais e ao mundo adulto, tornando-se habitual que jovens adotem uma postura que tema não ser “normal”, por não corresponder às expectativas dos outros e não estar à altura deles (Le Breton, 2009, p. 33). Para Ceballos-Gurrola et al. (2020) jovens geralmente apresentam afinidade pela beleza e estética disseminada culturalmente, isso faz com que estejam frequentemente preocupados com seu corpo, um fator comum e desencadeador dessa relação são os transtornos, sejam os alimentares e os relacionados à imagem corporal, um importante componente do complexo mecanismo de identidade pessoal. (Kakeshita e Almeida, 2006).

Slade (1994) define imagem corporal como uma ampla representação mental da figura corporal, com sua forma e tamanho influenciadas por vários fatores. Mataruna (2004) corrobora com este conceito apontando a imagem corporal como contínua, dinâmica e

representativa do esquema postural, acompanhando o indivíduo desde o seu nascimento até o último suspiro, sofrendo adaptações e transformações de acordo com o momento vivido.

Por influência de características contemporâneas, a formação da identidade, bem como da imagem corporal são mediadas por fatores socioculturais; o grupo jovem, por ser considerado o mais vulnerável pelos descritos anteriores, apresentam frequentes insatisfações com o corpo e alterações na percepção de sua própria imagem, tais ocasiões originam-se pelas dificuldades em lidar e aceitar sua imagem corporal ao confrontá-las com as imagens disseminadas pelas mídias e pelos padrões de estética atuais (Alvarenga et al., 2010; Silva et al., 2018; Souza e Alvarenga, 2016). De modo mais severo, quadros de não aceitação corporal pode chegar até em consequências de distúrbios severos da imagem corporal como anorexia, bulimia e vigorexia nervosa.

Segundo Pires (2017), a insatisfação corporal associa-se a fatores sociais, culturais, antropométricos, percepções e preocupações dos pais sobre o estado nutricional dos filhos, a pressão da cultura dominante nos ambientes e grupos frequentados, padrões veiculados nos meios de comunicação e redes sociais. Nessa esteira, Souza (2017) também associa insatisfação corporal às consequências nocivas, como baixa autoestima, depressão, ansiedade, diminuição da qualidade de vida, ideação suicida, desenvolvimento e manutenção de transtornos alimentares, bem como a comportamentos e atitudes alimentares disfuncionais, correntemente atrelada a um julgamento ruim, negativo de seu corpo, de sua imagem corporal, em comparação com os demais sujeitos.

No que diz respeito as crises associadas a preocupações com a aparência, Le Breton (2009, p. 32), refere que podem ter seus indícios vinculados ao jovem, por ser esta fase considerada “uma época de ruptura, de metamorfose, de confusão, momento de uma entrada delicada em uma idade adulta cujos contornos ainda estão longe de se anunciar com precisão”.

Os limites da busca incessante pela beleza ainda são desconhecidos tendo em vista uma ampla cadeia de possibilidades e caminhos tornando neste sentido um problema fundamental para os adolescentes de hoje (Melucci, 1996). Nessa conjuntura, evidencia-se problemáticas que emergem do contemporâneo social e cultural envolvendo este grupo de indivíduos, iniciando-se por crises típicas da idade e progredindo para a aceitação grupal em busca de uma identidade original, que permitam realizações individuais, sociais e coletivas. Partindo desse pressuposto, entende-se os motivos deste público jovem ser o principal grupo de risco para insatisfação corporal em comparação aos demais grupos, pela

emergente necessidade de aceitação e pertencimento, bem como pelos rituais disseminados socialmente, onde o atributo da beleza física passa a ser motivo de cobiça deste e de outros grupos, como discute-se a seguir.

Os desejos e necessidades do cuidado com o corpo

Para Ghiraldelli Jr. (2008) a vida urbana do jovem atual é considerada como um fenômeno de tribos, onde há relações mais ao modo de comportar e vestir do que necessariamente a um ideal. Para o autor, cada vez mais a identidade moral e a própria personalidade ou caráter se cruzam com a identidade visual, e esta, por sua vez, é regrada pelo império do corpo. Neagu (2015) considera o corpo enquanto entidade biológica, representando um papel funcional, porém, no campo social, o corpo apresenta uma forma visível de expressar e representar a identidade de alguém, em se tratando da formação da identidade moral “hoje, somos o que aparentamos ser, pois a identidade pessoal e o semblante corporal tendem a ser um só e mesma coisa” (Costa, 2005, p. 198). Como ambas - pessoal e corporal - passam a ser consideradas sinónimas, Sayão (2014) expõe que os cuidados com o corpo na contemporaneidade englobam aspectos do campo moral, afetivo, físico e psicológico passando a ter um papel central na formação das identidades e “na moral do entretenimento e das sensações, o estado psicológico corrente é o da insatisfação e receio perenes quanto à autoimagem” (Costa, 2005, p. 84). Essa frequente preocupação que gera insatisfação com a aparência pode ter um impacto negativo sobre a autoimagem, podendo acarretar aparecimento de baixa autoestima, depressão e tantos outros malefícios a saúde.

Deste modo, a construção do sujeito e sua constituição como membro de um grupo torna-se diretamente relacionada não só à saúde do corpo, mas também a sua estética (Sayão, 2014). Como a busca utópica ao corpo perfeito, presente no mundo contemporâneo, passa a ser atrelada aos traços jovens (tanto para fins de melhoria do estado de saúde, quanto para a conquista da boa forma), seus fins acabam direcionados para rituais de beleza, neste âmbito, a compulsão da boa forma se tornou tática de proteção da identidade em prol de uma banalização do semblante corpóreo (Costa, 2005). Estes aspectos sociais e únicos presenciados no contemporâneo culminam por influenciar a forma valorativa do corpo, sendo possível associarmos aos postulados de Giddens (1991) que vão situar o corpo como parte integrante no processo de modernidade, inferindo-o como agente desse projeto e não como objeto passivo suscetível de ser simplesmente moldado por um processo social de construção. Portanto, importa entender de que forma a relação do indivíduo com seu

próprio corpo e com os outros modelos de corpos pode interferir na sua saúde, no comportamento preventivo, e sobretudo, investigar os desafios destas perspectivas na contemporaneidade.

Neste contexto criado pelo consumismo, a beleza corporal para o grupo jovem adquire importância singular, é ele que vai comandar as relações sociais, logo, modificações corporais, quaisquer que sejam, adquirem a capacidade de alterar a identidade e são alçadas a critérios de valoração, podendo qualificar ou desqualificar o sujeito e definir sua posição em uma hierarquia (Sayão, 2014). Como o corpo adquire poderio suficiente para qualificar sujeitos (como melhores e piores que o outro) é através dele que vão se agregar estilos de roupas, visuais (cortes de cabelo, tatuagens etc.) e a participação em grupos que carregam identidades distintas que representam valores apenas nestes grupos particulares. Segundo Melucci (1996) todas essas características funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros. Assim é a juventude, uma etapa da vida em que o corpo é objeto de valoração e idealização social que, no geral, conta com fatores biológicos a seu favor. (Lopes, e Mendonça, 2016).

Vive-se atualmente uma era que estimula, por meio dos veículos de informação, a busca por modismos de beleza física e estilo de vida pautados pelo saudável e estas condições permitem a possibilidade para o nascimento de um culto ao corpo na cultura ocidental contemporânea que, em demasia, transforma-se numa corpolatria. Sueitti, e Sueitti (2015), consideram a corpolatria como resultado de uma ideologia cuja aparência corporal é o fim em si mesma, nela o sujeito deve buscar excessivamente a perfeição corporal. Socioculturalmente, constrói-se a ideia de que o corpo pode e deve ser transformado pela atividade física, intervenções cirúrgicas ou recursos estéticos, caracterizando, assim, a monopolização do corpo padronizado pela beleza corporal. A atitude em relação ao corpo e as práticas corporais (incluindo o gerenciamento da aparência corporal e o de comportamentos) refletem valores de cada sociedade em particular, por exemplo, embora a gordura seja considerada símbolo de saúde e bem-estar dentro de tradicionais culturas, nas modernas significa baixo nível de autodisciplina, preguiça e falta de controle (Neagu, 2015).

Com discursos de um culto ao corpo hipervalorizado, o contemporâneo passa não apenas a considerar ambientes universitários, de academias de ginásticas, de dietas e regimes alimentares, mas também acabam por se infiltrar em hábitos diários de saúde e de

estilos de vida, que acabam por disciplinar e moldar condutas em prol de uma beleza que se constrói socialmente e culturalmente sob os alicerces dos discursos de saúde e práticas saudáveis.

Tais afirmativas se sustentam em estudos científicos que testam hipóteses, a exemplo do estudo realizado por Paixão, e Lopes (2014) que verificou percepções, atitudes, comportamentos e sentimentos de identidade subjacentes às narrativas de universitárias (grupo de maioria jovem) submetidas a cirurgias estéticas de alteração corporal para atender ao padrão de beleza corporal prevalente na sociedade atual. Diante das constatações e dos resultados analisados neste estudo, foi possível encontrar prevalências nas universitárias por ideais de corpos estabelecidos no âmbito social. A partir disto, decorre um sentimento de pertencimento e identidade a um grupo social de referência, ou seja, composto por pessoas que detêm ou se esforçam para manter o corpo em consonância aos padrões ideais de beleza.

Neste seguimento os jovens no contemporâneo representam um grupo de indivíduos que, para serem reconhecidos em seu ciclo social, persistem a busca pela aceitação, sendo esta baseada em gestos, atitudes e comportamentos permeados em traços estereotipados de beleza. Em relação a beleza corporal, este grupo tem apresentado cuidados com o corpo distantes dos preconizados no clássico conceito de saúde difundido pela Organização Mundial de Saúde, relacionado ao pleno bem-estar.

Discursos corporais de manutenção do estado jovem

Como a construção do corpo físico tem sido historicamente fruto dos efeitos dos discursos do consumismo que dão consistência simbólica a sociedade presente, “a ânsia contemporânea pela eterna juventude produziu, de fato, corpos que permanecem jovens por muito mais tempo” (Kehl, 2003, p. 258). A partir da construção de imagens de corpos belos e perfeitos veiculada e disseminada socialmente, cria-se uma suposta receita para a felicidade, padronizando um modelo de corpo a ser seguido, ignoram-se os que não apresentam biótipos adequados, seja por traço genético, “preguiça ou desleixo” ou ainda, por suposta crítica aos modelos corporais existentes. Nesse quadro, a ideia é postergar, através de recursos biotecnológicos características corporais jovens, seja para os que se enquadram ou não as exigências da boa forma e beleza. Envelhecer bem e envelhecer bem-sucedido tornaram-se temas importantes para descrever como os indivíduos mais velhos devem evitar o envelhecimento (Brown, e Knight, 2015).

Ferramentas tecnológicas, médicas, nutricionais, manuais de vida saudável e tantas outras contribuem para o rejuvenescimento do corpo com o forte apelo de permanecerem jovens, onde o discurso de “estilo jovem” para todas as faixas etárias têm mais efeito sobre os corpos do que todas as vitaminas e academias de cultura física (Kehl, 2003). Essas ferramentas estão no cotidiano, difundidas de forma sutil e perigosa (sob o ponto de vista da saúde) pelos meios de comunicação mais acessados, estando no ápice destes meios de publicidade “programas de auditório voltados para o público jovem e revistas especializadas, também neste público” (Cruz et al., 2008, p. 2). Uma das evidências dessa tendência é a forte e constante preocupação dos indivíduos com a apresentação e a forma de seus corpos na tentativa de adequá-los a um ideal hegemônico de beleza jovem, magra e exercitada (Figueiredo et al., 2017).

O mito de uma eterna juventude para ser conquistada por todos os grupos deve ser buscada, desejada e esquadrinhada, sob o auxílio dos veículos que transmitem tendências seja de estilos de vida ou de moda, com seus manuais que permitem a conquista do elixir da vida, da beleza e da juventude infinita, ou pelo menos do retardamento dos efeitos do tempo. De modo geral, ou “se é um corpo-espetáculo” ou “se é um João ou Maria ninguém”, por esse motivo, jovens e adultos circulam atordoados em torno de academias de ginástica, salões de beleza, centros de estética ou consultórios médicos, em busca de uma perfeição física eternamente adiada (Costa, 2005), todavia, presente nos discursos, rituais e práticas de beleza atuais.

Temos, atualmente, como novidade nas formas de interação dos jovens em comparação ao passado, um pertencimento, participação e interação com grupos cada vez mais rápida, ativa e frequente do que outrora era visto. Tal relação só é permitida pelo advento da modernidade e com ela as novas tecnologias, sobre esta nova forma de informação e comunicação em que Melucci (1996) ponderava estar crescendo em um ritmo sem precedentes, pois abrange meios de comunicação, o ambiente educacional, de trabalho, as relações interpessoais, lazer e tempo de consumo. Todas essas formas de se comunicar geram mensagens para os indivíduos que, por sua vez, são chamados a recebê-las e a respondê-las com outras mensagens; hoje, corpos magros e exercitados são considerados estereótipos, exemplos de força de vontade, caráter, perseverança e sucesso, o que indica que o cotidiano possui relação estreita com o aspecto pessoal, ou seja, está intimamente ligada ao social, pessoal e profissional. (Vaquero, 2013).

Diante da diversidade de informações e da necessidade de respostas rápidas e urgentes do público consumidor, no que tange as possibilidades de alcance de modelos perfeitos, as imagens desses corpos esguios e musculosos veiculadas nos discursos midiáticos, acabam por interferir no modo como o jovem percebe e enxerga seu próprio corpo, distorcendo as ideias de amor próprio e incentivando o narcisismo exagerado (Cruz et al., 2008). Há então, em consonância, uma inevitável e cada vez mais crescente identificação, principalmente do público de jovens, com os símbolos midiáticos (do esporte, da moda, do cinema), que sorrindo, chorando e vivendo passam a impressão de beleza, juventude, felicidade e realização, o que culmina no desejo desesperado em imitá-los. Este fato nos leva a concluir que os modelos de corpos do futuro não surgirão ao acaso. A beleza é um exemplo que não mais se define a gêneros masculinos ou femininos, até mesmo pode ser cultivada e mesmo reivindicada pelos dois sexos, o que outrora era só requisitada pelo público feminino: “hoje é beleza, sensualidade e masculinidade” (Bock, 2004, p.40), ela “se emancipou do espectro da ‘força’ ou da ‘fraqueza’, da valorização ou da desvalorização, tornando-se ‘beleza ilimitada’” (Vigarello, 2006, p. 177).

Desafios, projeções e perspectivas dos modelos corporais atuais

Jovens ao passar por constantes lutas em prol da aprovação de seu grupo social passam pela emergência de “vilões e heróis que incidem diretamente nas formas corporais” (Albino, e Vaz, 2008, p. 211). Estar inserido e valorizado na sociedade vigente significa que o corpo, elemento indissociável do indivíduo, é notado e identificado como elemento partícipe das tramas sociais e, portanto, de uma realidade contextual. Orquestrado por este cenário, uma indústria inteira surgiu e está funcionando destinada a melhorar, sob o ponto de vista da beleza, o corpo humano, alavancados pelo desenvolvimento tecnológico houve o crescimento de vários tipos de modificações corporais contribuindo para a implementação de projetos individuais de corporeidade.

Ainda reconhecendo a existência de múltiplas belezas, o consumismo no século XXI emprega uma ideologia corporal do sucesso guiado por padrões que possibilita e amplia, apresenta potencialidades para seu alcance, sobretudo através de tentativas frustradas por uma beleza inalcançável e mutável. Este ideário empregado nos discursos sobre o corpo vincula a vontade de vencer condicionada em tornar os corpos cada vez melhores (no sentido estético/belo). No entanto, este conceito diverge um pouco a regra do estilo de vida idealmente saudável, onde a melhoria se faz neste aspecto não pela vontade individual, mas moldada pela vontade dos grupos e, logicamente, dos órgãos

disseminadores e formadores de opinião. Neste formato ideológico de vida feliz são abandonados conceitos fisiológicos de saúde, chegando, em alguns casos, ao extremo de crimes contra o corpo por esta incessante busca pela perfeição. Nela são privilegiadas duas vertentes da beleza e do bem-estar: a individual - afeita à personalidade e ao empenho de cada um, e a coletiva, fruto de um ideal tido como obrigatório (Sayão, 2014) que uniformizam os critérios de beleza com normas, adjetivações e ritos a serem seguidos, que em casos de insucessos corporal, instintivamente, há um julgamento social que culpabiliza o indivíduo pelo seu fracasso uma vez que “cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida” (Goldenberg, 2002, p. 9).

Projetando perspectivas deste público em consonância com os apelos estéticos exemplificados, esta é a fase em que a orientação para o futuro prevalece, sendo o futuro percebido como alarmante, pois se torna cada vez mais centrado na busca em querer ser e permanecer sempre sob o estado jovial, causando uma total reviravolta no percurso natural da vida. Desejar e ser jovem atualmente não é mais somente uma condição unicamente biológica, mas sim uma definição cultural (Melucci, 1996); jovens e idosos, mulheres e homens, negros e brancos, gordos e magros, almejam um tipo de corpo, todos querem estar parecidos (regulados pelo padrão) em suas medidas, pesos, padrões e beleza corporal (Garcia, 2017). Vislumbrada por grupos diversos e distintos, esta busca dissemina-se pela grande mídia, por meio de seus personagens, onde seguindo fielmente os “heróis” protagonistas e se adequando as cartilhas da boa forma divulgadas em demasia, os sujeitos são levados à reprodução da imagem do chamado corpo do sucesso. (Gama, 2016).

Sobre a mídia, ela vem ao longo dos anos adquirindo um imenso poder de influência sobre os indivíduos, “generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens” (Goldenberg, 2002).

O efeito desta encenação midiática, orquestrada pelo consumismo pode influenciar valores éticos, estéticos, além de normas e padrões incorporados pela sociedade, e é capaz de transmitir e reforçar ideias sociais relacionadas ao corpo, culminando na repetição/reprodução de gestos, atitudes, gostos e comportamentos pela grande massa social (Jaeger, e Câmara, 2015). Em adicional a práticas e recursos tecnológicos, acrescenta-se utilitários que reforçam o apelo ao corpo, tais como maquiagem, penteados, roupas e traços que aproximam bruscamente a jovem banal da estrela de cinema (Vigarello,

2006). Em se tratando da manutenção do estado de jovialidade, para Le Breton (2009, p. 31), jamais ela foi tão requisitada, a ponto “de a referência transmudar-se em ideologia, em palavra de ordem, em modelo de reverência”. Compreende-se que existe uma construção totalmente inovadora (em comparação ao passado) na busca pelo aspecto corporal jovem, com sua busca desejada, mantida e naturalizada, a ideologia atual empregada é a de fazer o tempo parar, com seus cremes e procedimentos antienvelhecimentos que, por exemplo, prometem ao usuário voltar a ter a tão desejada aparência jovem. Em adicional, outras técnicas “milagrosas” como cirurgias plásticas, preenchimentos, ginásticas e tantas outras que prometem transformação vital ao corpo, adiando e retardando o quanto pode os efeitos do envelhecimento.

Envelhecimento, gordura corporal, cicatrizes, varizes, estrias, bem como outras “imperfeições corporais” não são características bem-vistas socialmente, contudo passam a ser utilizados propositalmente como ferramentas políticas de inserção e visibilidade social, a medida em que as receitas do sucesso estão nos mostruários e presentes nas cartilhas da boa forma, estampadas e veiculadas nas mídias e externadas em procedimentos estéticos que prometem a cura das imperfeições corporais. Neste contexto, o corpo se torna objeto moldável a ser cultivado por meio de hábitos saudáveis, educado em sessões exaustivas de exercícios físicos, modelado por substâncias anabolizantes, corrigidos por cirurgias plásticas (com finalidade estética) e regulado por padrões socioculturais que almejam alcançar a imortalidade mascarada no mito da eterna juventude (Santos et al., 2019). Desta maneira, tamanha a quantidade de ritos e entrega, fatalmente teremos indivíduos mais descontentes, frustrados e conseqüentemente insatisfeitos com suas aparências.

Conclusão

O termo jovem compreendido neste trabalho representa símbolos distintos, ora servindo como período delimitado da fase da vida do indivíduo, em que o jovem busca um tratamento e reconhecimento igualitário para firmar sua identidade, e a que grupos de indivíduos nega-se a perder e tenta resgatar traços jovens para si. Neste contexto há o desejo e conquista da aparência física socialmente aceita, por meio de recursos de beleza e práticas corporais; sob as prerrogativas da transcendência e da manutenção da aparência jovem. Sendo a transcendência, uma superação das fases características da idade cronológica do

jovem (adolescência e fase de adulto jovem) e a manutenção, o desejo e a possibilidade de retardar ou parar o tempo do corpo em favor da aparência jovem.

Ainda que não seja o escopo de nosso trabalho, reconhecemos a existência de múltiplas formas e desejos pela adequação aos padrões e idealizações corporais, pois “não ser jovem” por exemplo, envolve questões identitárias e políticas, onde assumir rugas, a idade cronológica ou cabelos “brancos”, dentre várias características que contrapõem ao jovem, são também atributos buscados por alguns sujeitos que inserem-se fortemente ao status do consumismo e que podem demarcar fundamentalmente certo status em dadas relações sociais na contemporaneidade. Desta maneira, na incerteza das transições dos caminhos do corpo há o rumo de abertura para as mudanças, todavia “os atributos tradicionais da juventude parecem ter se deslocado para além dos limites biológicos” (Souza, 2004, p. 51). O desejo se impõe em não ser jovem, no sentido jovial (estado de espírito), mas sim ter, por meio dos comportamentos descritos, o corpo e a eterna beleza jovem. Esse é o desejo contemporâneo: que o tempo do corpo pare e ceda aos padrões da beleza e estética.

Como conclusão, a fase jovem, da juventude, que outrora marcava um período temporal da vida de expressiva vitalidade, atualmente, por meio das mídias, adjetivações corporais e valores socioculturais, se transforma, passando a ser desejada e buscada com uma necessidade contínua, permanente e que apresenta inclinações de projeções desastrosas para o campo da saúde pública, mais especificamente da saúde individual em ações coletivas, notadamente na prevalência ou incidência de insatisfação corporal, assim como a insatisfação com imagem corporal que se associam as questões de gênero, estilo de vida e ao ambiente que se está inserido.

Percebemos ao longo dos apontamentos reflexivos que o contemporâneo representa uma era em que os valores de ter e possuir sobrepõem o indivíduo - o ser e o existir, valores outrora essenciais a vida humana, ao reconhecimento da identidade marcada num corpo único, singular, não necessariamente modelado por instâncias relacionais de ações do coletivo, manifestadas pelo consumismo, produtivismo e utilitarismo, e ainda, acrescido hodiernamente nessa construção de identidade relacionada ao corpo, à beleza e a juventude.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências

- Albino, B., e Vaz, A.F. (2008). O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma. *Movimento*, Porto Alegre, 14(1), 199-223. <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2089/2118>
- Almeida, R.S. (2010). A Experiência Social do Grupo de Jovens. In: *Mundo Jovem: um jornal de idéias*. Editora da PUCRS. 48(403).
- Alvarenga, M.S., Philippi, S.T, Lourenço, B.H., Sato, P.M., e Scagliusi, F.B. (2010). Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras. *J Bras Psiquiatr.* 59(1), 44-51. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852010000100007>
- Alves D., Pinto, M., Alves, S., Mota, A., e Leirós, V. (2009). Cultura e imagem corporal. *Motricidade*, 5(1), 1-20. [http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.5\(1\).184](http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.5(1).184)
- Assênsio, C.B., e Oliveira Júnior, J.G. (2015). Linguagem e ritual - Pierre Bourdieu. In: *Enciclopédia de Antropologia*. Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. <http://ea.fflch.usp.br/obra/linguagem-e-ritual-pierre-bourdieu>
- Bock, A.M.B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. Cedes*. Campinas, 24(62), 26-43. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003>
- Brown, A., e Knight, T. (2015). Mudanças nas imagens da mídia sobre a aparência e o status social das mulheres de 1960 a 2010: uma análise de conteúdo de anúncios de beleza em duas revistas australianas. *Journal of Aging Studies*, 35, 74-83. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2015.08.003>
- Ceballos-Gurrola, O., Medina-Rodríguez, R.E., Juvera-Portilla, J.L., Peche-Alejandro, P., Aguirre-López, L.F., e Rodríguez-Rodríguez, J. (2020). Imagen corporal y práctica de actividades físico-deportivas en estudiantes de nivel secundaria. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 20(1), 252-260. <https://doi.org/10.6018/cpd.355781>
- Costa, J.F. (2005). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Editora Garamond.
- Cruz, P.P., Nilson, G., Pardo, E.R., e Fonseca, A.O. (2008). Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude. In: *Anais eletrônicos. Seminário internacional fazendo gênero - corpo, violência e poder*. http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST48/Cruz-Nilson-Pardo-Fonseca_48.pdf
- Figueiredo, D.C., Nascimento, F.S., e Rodrigues, M.E. (2017). Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Linguagem em (Dis)curso*, 17(1), 67-88. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170104-2916>
- Gama, C.O. da (2016). *A Influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do Ensino Médio* [Dissertação Mestrado em Educação Agrícola. Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro].

<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1553>

Garcia, Carmen Lúcia (2017). *Corpos educados e disciplinados: A educação do corpo na mídia – reflexões a partir da revista Marie Claire* [Dissertação de Mestrado. Ciências Humanas, Universidade Santo Amaro]. <http://dspace.unisa.br/handle/123456789/187>
Giddens, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. Fundação Editora UNESP.

Ghiraldelli Jr., P. (2008). *O corpo: filosofia e educação*. Editora Ática.

Goldenberg, M. (Org.). (2002). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca* (2ª ed.). Editora Record.

Jaeger, M.B., e Câmara, S.G. (2015). Media and Life Dissatisfaction as Predictors of Body Dissatisfaction. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 25(61), 183-190. <https://doi.org/10.1590/1982-43272561201506>

Kakeshita, I.S., e Almeida, S. de S. (2006). Relação entre índice de massa corporal e a percepção da autoimagem em universitários. *Revista de Saúde Pública*, 40(3), 497–504. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006000300019>

Kehl, M.R. (2003). As máquinas falantes. In: A. Novaes (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. Editora Companhia das Letras.

Laus, M.F. (2013). *Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos* [Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.59.2013.tde-26032013-100917>

Le Breton, D. (2009). *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Autores Associados.

Lopes, A.F., e Mendonca, E.S. (2016). Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. *Rev. Subj.* Fortaleza, 16(2), 20-33. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>

Mataruna, L. (2004). Imagem Corporal: noções e definições. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 10(71). <https://www.efdeportes.com/efd71/imagem.htm>

Melucci, A. (1996). Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Young*, 4(2), 3-14. http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERT_O_MELUCCI.pdf

Neagu, A. (2015). Body image: A theoretical framework. *Proc. Rom. Acad., Series B* 17(1), 29- 38. <https://acad.ro/sectii2002/proceedingsChemistry/doc2015-1/Art04Neagu.pdf>

Nascimento, D.E., e Afonso, M.R. (2014). Os corpos na sociedade contemporânea. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 18(190). <https://www.efdeportes.com/efd190/os-corpos-na-sociedade-contemporanea.htm>

Paixão, J.A., e Lopes, M.F. (2014). Alterações corporais como fenômeno estético e identitário entre universitárias. *Saúde em Debate*, 38(101), 267-276.

<https://dx.doi.org/10.5935/0103-1104.20140024>

Pires, V.N.L. (2017). *Associação entre a satisfação corporal e a atividade física em universitários* [Tese Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca].
<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25764>

Rocha, K.S. (2019). Identidade: revisão teórica sobre um conceito polissêmico. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 23(249), 87-97.
<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/232>

Santos, V.M., e Mezzaroba, C. (2013). A percepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. *Lecturas: Educación Física Y Deportes*, 18(182), 87-97. <https://www.efdeportes.com/efd182/a-percepcao-da-imagem-corporal-na-juventude.htm>

Santos, M.A., Oliveira, V.H., Peres, R.S., Risk, E.N., Leonidas, C., e Oliveira-Cardoso, E.A. (2019). Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. *Saúde e Sociedade*, 28(3), 239-252. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902019170035>

Sayão, M.N. (2014). *As Diretrizes Curriculares e a formação em Educação Física no contexto das transformações contemporâneas do corpo* [Tese Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7952

Silva, D.A.S., Pereira, I.M.M., e Oliveira, A.C.C. de (2012). Impacto da escolaridade materna e paterna na percepção da imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. *Motricidade*, 8(2), 22-31. [https://doi.org/10.6063/motricidade.8\(2\).709](https://doi.org/10.6063/motricidade.8(2).709)

Silva, G.L. (2018). *Influência da mídia sobre o comportamento alimentar e imagem corporal em universitários* [Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação. Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória].
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/23916>

Slade, P.D. (1994). What is body image? *Behaviour Research and Therapy*, 32, 497-502.
[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)90136-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)90136-8)

Souza, A.C., e Alvarenga, M.S. (2016). Insatisfação com a imagem corporal em estudantes universitários – Uma revisão integrativa. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, 65(3), 286-299. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000134>

Souza, A.C. de (2017). *Relações entre atividade física, corpo e imagem corporal entre universitários da Argentina, Brasil, Estados Unidos da América e França* [Disertação de Mestrado. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo].
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6138/tde-02082017-153802/pt-br.php>

Souza, C.Z.V.G. (2004). Juventude e Contemporaneidade: possibilidade e limites. *Última Década*, 20, 47-69. <https://doi.org/10.4067/S0718-22362004000100003>

Sueitti, M.A.G., e Sueitti, A.P. dos S. (2015). A corpolatria e os transtornos da imagem corporal. *Protestantismo em Revista*, 37(Ed. Esp. Extra), 102-111. <http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v37i0.2645>

Tavares, M.C.G.C.F. (2003). *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Editora Manole.

Vaquero, R.A. (2013). Imagen Corporal: revisión bibliográfica. *Nutrición hospitalaria*, 28(1), 27-35. <http://dx.doi.org/10.3305/nh.2013.28.1.6016>

Vigarello, G. (2006). *História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Ediouro Publicações.

6.2 ARTIGO 2 - CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Este subcapítulo apresenta a versão aceita (revisada por pares) do artigo “Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa”, de autoria de Cláudio Oliveira da Gama, Gláucio Oliveira da Gama, Valéria Nascimento Lebeis Pires e Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel. Publicado originalmente no periódico *Lecturas: Educación Física y Deportes* (EFDeportes.com) - ISSN 1514-3465 - prefixo doi 10.46642

“Esta é a versão aceita revisada do artigo: Gama, C.O. da, Gama, G.O. da, Pires, V.N.L., e Maciel, E.M.G. de S. (2021). Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 26(278). Disponível em: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i278.2771>.

Este artigo pode ser usado para fins não comerciais de acordo com os Termos e Condições da EFDeportes para auto-arquivamento”

“This is the peer reviewed version of the following article: Gama, C.O. da, Gama, G.O. da, Pires, V.N.L., e Maciel, E.M.G. de S. (2021). Body, Identity and Body Image: a Narrative Review. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 26(278). Available in: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i278.2771>.

This article may be used for non-commercial purposes in accordance with EFDeportes Terms and Conditions for Self-Archiving”

CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Autores:

Cláudio Oliveira da Gama

Gláucio Oliveira da Gama

Valéria Nascimento Lebeis Pires

Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel

RESUMO

No decorrer de sua gênese, o corpo passa por mutações que são influenciadas muitas vezes por fatores externos a sua vontade. Desta maneira o sujeito, sob várias influências, constrói sua identidade corporal baseada na vivência de suas sensações, sentidos e tomada de consciência. Com a atual busca por saúde enquanto ideal estético há modificações no modo de viver que atribui felicidade e completude a determinados padrões corporais. O objetivo do texto é propor reflexões acerca da valorização do culto ao corpo na construção da identidade, assim como da imagem corporal. Trata-se de uma revisão narrativa em forma de ensaio que estabelece relações com a atualidade, com temáticas recorrentes e novas perspectivas, contribuindo para o conhecimento e formação de profissionais envolvidos com a temática. A busca por imagens corporais de sucesso desperta desejos nos indivíduos que, por seguirem tendências socioculturais, acreditam carecer de modificações constantes nos corpos, neste caminho notável pela aprovação da beleza a figura do corpo modelo é superexplorada. Por imagem corporal entende-se a figura do próprio corpo formada pelo sujeito, podendo ser produzida de forma positiva ou negativa. Sua forma positiva apresenta resultantes de melhorias na saúde global, as negativas podem culminar em insatisfações e alterações na percepção do corpo acarretando transtornos prejudiciais à saúde. O trabalho reforça medidas de promoção de saúde e prevenção de transtornos à medida que há crescente insatisfações com a imagem, principalmente em grupos jovens de sexo feminino, muitas vezes criado pelo consumismo que incita necessidades de constantes transformações e adaptações corporais.

Unitermos: Corpo. Beleza. Identidade. Imagem corporal.

ABSTRACT

During its genesis, the body undergoes mutations that suggest being influenced by factors external to its will. In this way, the subject builds his bodily identity starting from the experience of sensations, senses and awareness. The current search for health as an aesthetic ideal produces changes in the way of living that attribute happiness and fullness to certain bodily models. The objective of the text is to propose reflections on the valorization of the cult of the body in the construction of identity, and of body image. It is a narrative review in the form of an essay that establishes relationships with the present, with recurrent themes and new perspectives, contributing to the knowledge and training of the professionals involved. The search for successful bodily images awakens desires in individuals who, as they follow sociocultural tendencies, believe that they lack constant changes in their bodies, on this path marked by the approval of beauty, the figure of the perfect body is overexploited. By body image is understood the figure of the body that forms the subject, which can be produced in a positive or negative way. Its positive form is the result of improvements in global health, the negative ones produce dissatisfaction and changes in body perception, causing damage in health. The work strengthens health promotion and disease prevention measures in the face of growing dissatisfaction with the image, especially in groups of young women, often created by consumerism that encourages the need for constant body changes and adaptations.

Keywords: Body. Beauty. Identity. Body image.

RESUMEN

Durante su génesis, el cuerpo sufre mutaciones que suelen estar influenciadas por factores externos a su voluntad. De esta manera, el sujeto, construye su identidad corporal partiendo de la experiencia de sensaciones, sentidos y conciencia. La búsqueda actual la salud como ideal estético, produce cambios en la forma de vivir que atribuyen felicidad y plenitud a determinados modelos corporales. El objetivo del texto es proponer reflexiones sobre la valorización del culto al cuerpo en la construcción de la identidad, y de la imagen corporal. Trata sobre una revisión narrativa en forma de ensayo que establece relaciones con el presente, con temas recurrentes y nuevas perspectivas, contribuyendo al conocimiento y formación de los profesionales implicados. La búsqueda de imágenes corporales exitosas despierta deseos en individuos que, como siguen las tendencias socioculturales, creen que carecen de constantes cambios en sus cuerpos, en este camino marcado por la aprobación de la belleza, se sobreexplota la figura del cuerpo perfecto. Por imagen corporal se entiende la

figura del cuerpo que forma el sujeto, que puede producirse de forma positiva o negativa. Su forma positiva es el resultado de mejoras en la salud global, las negativas producen insatisfacción y cambios en la percepción del cuerpo, provocando daños en la salud. El trabajo refuerza las medidas de promoción de la salud y prevención de enfermedades ante la creciente insatisfacción con la imagen, especialmente en los grupos de mujeres jóvenes, muchas veces creado por el consumismo que incita a la necesidad de constantes cambios y adaptaciones corporales.

Palabras clave: Cuerpo. Belleza. Identidad. Imagen corporal.

Introdução

A existência humana constitui um complexo axiológico que, no decorrer de sua gênese, engloba história, cultura e sociedade, compreendendo em seu contexto a produção, o desenvolvimento, bem como a formação de identidades. Nessa complexidade, o corpo passa por mutações que são por vezes influenciadas por fatores externos a sua vontade. Podemos considerar que a modificação dos sentidos do que era o corpo até o que se tornou indica uma intensa metamorfose conceitual, cultural e política (Gama, 2016). Desta maneira o sujeito sob diversas influências constrói sua identidade corporal, sendo esta totalmente baseada na vivência de suas sensações. A identidade se caracteriza por ser um processo com múltiplas facetas, ou seja, é delineada por relações e vivências que o sujeito estabelece ao longo de sua existência (Rocha, 2019).

A identidade corporal sob a ótica do consumo

Para Tavares (2003), nosso corpo responde muitas vezes diferentemente do que seria considerado adequado em relação à demanda social e até mesmo disforme em relação às potencialidades orgânicas, essa diferença que outrora poderia significar certa autonomia, apresenta efeitos contrários, podendo acarretar até mesmo em distúrbios de sua psique. No passado, qualidades relacionadas à honra, honestidade, ética, moralidade e religiosidade personificavam fortemente o papel do ser humano nas sociedades e eram imputadas à ideia de alma. Atualmente o corpo, antes em um lugar secundário, galga um espaço privilegiado, representando o protagonismo das relações sociais. Encontramos cada vez mais evidente, até mesmo no senso comum, a busca pela ascensão e aceitação social relacionada ao corpo, que sob a justificativa de saúde passa a corresponder a desejos e angústias nas sociedades. Disseminam-se inúmeros rituais para a aquisição ou manutenção de um corpo belo ou ideal. Dietas, exercícios físicos, procedimentos estéticos, roupas, acessórios, uma série de recursos submetem os indivíduos ao desejo de possuírem a beleza corporal correspondente ao

sucesso. Por meio deste cenário orquestrado pelo consumismo, beleza corporal passou a borrar os significados de saúde. Essa busca incessante de saúde enquanto um ideal estético vem causando modificações no modo de viver dos indivíduos, que passam a atribuir felicidade e completude a determinados padrões de imagem corporal (IC).

Através destas tendências acentuadas que atravessam o limiar das noções de saúde e doença, há, por um lado, padrões estéticos que invadem a lógica de definição do que seria saudável. E, por outro, exageros no cumprimento da exigência destes padrões que conduzem a distúrbios de IC como vigorexia, anorexia, bulimia e outros, que ferem as noções de saúde veiculadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A referida organização definiu saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença (WHO, 1946; WHO, 1948). Sob o lema de mais saúde, bem-estar, longevidade e boa forma, indivíduos tornam-se reféns do consumismo desenfreado estimulado em uma dinâmica que envolve inúmeros elementos, desde a formação de especialidades científicas, abrangendo indústria, mídia e publicidade. E ainda, todas as esferas da vida cotidiana - práticas alimentares, sexualidade, hábitos de vida, uso de medicamentos e suplementos, acessórios e vestimentas- são também progressivamente envolvidas. Isso corrobora para o entendimento de que investir nos corpos se tornou um grande negócio, afinal sacrifícios valeriam à pena se o resultado culmina no aspecto de aparência desejada, a qual Tavares (2003, p. 18), em seu texto, já nos aponta que de “surpreendente ‘ser original’ aceitamos a merecida recompensa de ‘sermos adaptados’”. Para Santos et al. (2019) a publicidade é um dos alicerces que dão sustentação à sociedade de consumo, sendo um processo incessante de produção, seleção e reelaboração de imagens colocadas ou impostas de um mundo irreal, as vezes inatingível, como se fossem o mundo real. Brown, e Knight (2015) realizaram um estudo de análise de conteúdo de anúncios de beleza de revistas avaliando mudanças nas imagens veiculadas sobre aparência e status social das mulheres. Como conclusão encontraram que a mídia veicula mensagens poderosas para divulgar e modificar crenças culturais.

Notadamente o corpo desejado, disseminado pela publicidade e aceito socialmente se baseia não somente numa idealização própria, mas sim numa necessária e constante aprovação do outro. A imagem que agrada aos olhos deve se basear na semelhança das aparências, numa espécie de tipo que define e redefine o belo, e que, atualmente, culmina no corpo ideal (Ghiraldelli Jr., 2008). O risco maior deste desejo obsessivo reside no fato de que este corpo modelo se baseia em uma construção fabricada com apoio de ferramentas tecnológicas, procedimentos estéticos, fármacos e até de manipulação gráfica de

computadores. Esse corpo desejado, utopia da perfeição, contido no imaginário e presente nas mais variadas mídias encontra-se numa crescente e inacabada busca, modificando hábitos e comportamentos dos indivíduos com possíveis alterações e fragilidades na saúde individual e coletiva (Moraes, 2014). Esta produção de modelos de IC do sucesso desperta desejo ilimitado e angustiante nos indivíduos que, por seguirem tendências socioculturais contemporâneas, acreditam carecer de modificações constantes em seus corpos, nessa espetacularização de imagens o indivíduo percebe e assume o dever moral da beleza. (Lopes e Mendonça, 2016).

Configuram-se então dois tipos de imagens corporais: a ideal e a real. A imagem ideal seria aquela presente, por exemplo, nos outdoors das grandes cidades e em campanhas publicitárias, apresentando componentes de hipertrofismo muscular, magreza e jovialidade. Já a real é a que a maioria da população apresenta, com índice de massa corporal (IMC) diferente do idealizado, tamanhos e formas corporais, que não correspondem ao padrão disseminado vigente. Desse modo, o “eu” real anseia satisfazer sua autoimagem na transformação da sua aparência por meio das experiências com o modelo ideal (Sueitti e Sueitti, 2015). A cultura moderna oferece diversos métodos para projetar o corpo desejado e nesse contexto, o corpo real é considerado a base para outras mudanças, que podem ser alcançadas praticando esportes, seguindo dietas especiais, usando cosméticos e cirurgia. Ao mesmo tempo, existem tendências prevaletentes que definem certos parâmetros para design corporal entre homens e mulheres. Diferentes sociedades e culturas formam sua própria IC ideal adotando um modelo socialmente aprovado.

A correção do corpo que não adéqua aos formatos socialmente impostos se torna necessária e rotineira à medida que “a ‘imperfeição’ física dos indivíduos comuns defronta-se, a cada instante, com imagens de ‘corpos perfeitos’ em telas de cinema, TVs, computadores e outdoors” (Sabino, 2002, p. 144). Assim, quanto mais o corpo real estiver distante do imaginário ideal maior será a possibilidade do comprometimento da autoestima o que, concomitantemente, poderá vir a culminar numa distorção de IC. Neste caminho notável e angustiante na busca pela aprovação do outro a figura do corpo modelo é superexplorada. Com o corpo passando a agregar valor social, busca-se uma aceitação fomentada pelos mecanismos de poder capazes de atuar de forma sutil (passando a estimular condutas que se vinculam a saúde) e forçada (por criar uma necessidade de visual corporal ideal e padronizado). Aos que conseguem conquistar um belo corpo, há sentimentos de admiração e idolatria (com sua veiculação nas mais variadas mídias) com consequente obtenção de uma IC “positiva”, referenciada como modelo de sucesso a ser seguido. Mas

afinal, o que vem a ser IC? E o que vem a ser uma IC de sucesso?

Este texto trata-se de uma revisão narrativa em forma de ensaio/pesquisa de opinião considerando autores de estudos anteriores em favor de estabelecer relações com a atualidade, temáticas recorrentes com novas perspectivas, contribuindo para área de conhecimento e formação de profissionais envolvidos com a temática. As reflexões foram produzidas buscando subsidiar o referencial teórico de uma tese de doutoramento que avalia no seu desfecho principal à insatisfação corporal de um público constituído, predominantemente, de adultos jovens. O objetivo do texto é propor reflexões acerca da valorização do culto ao corpo na construção da identidade, assim como da imagem corporal.

Conceituando a imagem corporal

O termo IC tem diversas implicações e definições que mostram a magnitude e as diversas opiniões do conceito (*Neagu, 2015*), cuja etapa ou época da história teve seus próprios critérios de avaliação da beleza, em que cada cultura, cada sociedade desenvolve seus próprios julgamentos e conceitos da beleza e da IC, que são influenciadas ou limitadas pelo aspecto biológico, sociocultural e ambiental (*Vaquero, 2013*). Segundo *Ribeiro et al. (2012)* os primeiros pesquisadores da IC foram os neurologistas, com destaque para *Henry Head* e *Paul Schilder*, que começaram a investigar o tema em meados do século XX. Os conceitos de IC foram ancorados por *Paul Schilder (1886-1940)*, médico psiquiatra, filósofo e pesquisador. Este dedicou sua vida aos estudos da formação da IC, através de saberes do campo da fenomenologia, psicologia e psicanálise, tendo como objetivo principal de seus estudos o tratamento de transtornos mentais. Sua principal contribuição para o pensamento psicológico e médico foi o conceito de IC a partir de diversas linhas do conhecimento e ainda, considerando o corpo de forma integrada. *Schilder (1999)* definiu IC como a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, relacionando estes fenômenos à organização cerebral do esquema corporal, à influência do meio na produção da IC e às pulsões, emoções e fantasias. Para o autor, a IC é um conceito capaz de operar com as três estruturas corporais: fisiológica, libidinal e sociológica. A estrutura fisiológica seria aquela responsável pelas organizações anatomofisiológicas do corpo; a estrutura libidinal englobaria um conjunto que compreende as experiências emocionais vividas nos relacionamentos humanos e, por fim, a estrutura sociológica que seria baseada nas relações pessoais e na aprendizagem de valores culturais e sociais. *Secchi et al. (2009)* sugerem ainda que a experiência com a imagem do próprio corpo relaciona-se à experiência de terceiros com seus corpos. O que é ratificado por *Schilder (1999)*, que considera a IC e sua beleza como entidades não rígidas, para o autor, construímos e reconstruímos nossa própria IC, assim como a dos outros. Nestes processos

intercambiamos partes de nossas imagens com as imagens de outros, ou em outras palavras, há uma socialização contínua de IC. Neagu (2015) afirma que a IC não reflete simplesmente a dotação biológica do indivíduo ou do feedback recebido de outras pessoas. Embora esses fatores possam de fato influenciar o nível de satisfação corporal, o que é decisivo seria a forma como o corpo é vivenciado e avaliado pelo sujeito a si mesmo. O resultado depende de fatores pessoais (personalidade, autoestima), fatores interpessoais (família, colegas e mídia), fatores biológicos (características genéticas, aumento do IMC, patologias) e fatores culturais (valores e normas sociais).

Diante deste arcabouço conceitual, entendemos que a IC diz respeito a todas as formas pelas quais uma pessoa experiênciada, concebe, percebe e conceitua seu próprio corpo. É vivência individual e dinâmica que legitima a existência singular e original do ser humano no mundo, é a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos, é a representação mental do nosso próprio corpo (Campana e Tavares, 2009; Pereira et al., 2013; Slade, 1994; Tavares, 2003).

Segundo Thompson (1996, apud CORDÁS, 2004), o conceito de IC apresenta três componentes: o perceptivo, relacionado à percepção do corpo, como por exemplo a uma estimativa do tamanho e peso corporal; o subjetivo, referente à (in)satisfação com a aparência, o que pode implicar em ansiedade e/ou preocupação; e o comportamental, que consiste em atitudes e hábitos relativos aos dois primeiros, ou seja, à percepção e subjetividade relacionadas à aparência corporal. Sendo sua construção influenciada por parâmetros culturais, emocionais e de interação com outros indivíduos, que se introduzem na IC do sujeito (Tavares, 2003). Corroborando com essa perspectiva conceitual, autores consideram a formação da IC como um fenômeno multidimensional e complexo em que há a interação de aspectos sociais, fisiológicos e emocionais/psicológicos (Palma et al., 2014; Schilder, 1999). Schilder (1999) endossa o conceito, adicionando-o como um fenômeno dinâmico, inerente a toda e qualquer experiência corporal vivenciada pelo indivíduo. Formação esta que se modifica continuamente de acordo com estímulos que ocorrem na experiência vivida, mediada por sensações e emoções (Fortes et al., 2013). O conceito de IC intimamente relacionado com aparência, mostra que os indivíduos estão em constante luta pela concretização de modelos impostos pela sociedade, relegando-se a uma dinâmica que tem a ver com a adequação e mensuração do corpo diante das regulamentações (Rodríguez, 2015). Nesse sentido, a IC se desenvolve desde o nascimento até a morte, dentro de uma estrutura complexa e subjetiva, sofrendo modificações que implicam na construção contínua e reconstrução incessante, resultante do processamento de estímulos (Mataruna, 2004).

No decorrer do desenvolvimento da IC há uma íntima ligação desta com a estruturação de identidade, estando ambas enraizadas no seio de um grupo social (Tavares, 2003), que por sua vez contribuem na formação de outras identidades pelo produto resultante de ações e reações do meio, já que pessoas que cercam o indivíduo interferem de modo fundamental e constante na elaboração da IC e da identidade desse indivíduo, uma vez que sua maneira de enxergar forma e tamanho corporal são influenciadas por vários fatores. (Slade, 1994).

Imagem corporal e seus determinantes contemporâneos

Entendemos que a insatisfação da IC e a constante preocupação com as questões ligadas ao corpo, influenciadas por fatores socioculturais, seriam um dos principais motores para a busca de um tipo físico ideal cada vez mais difundido pela cultura ocidental. Segundo Santos et al. (2019), a sociedade se especializa em criar uma massa de consumidores, que podem ser manipulados e influenciados por eficientes técnicas de *marketing*. O advento da publicidade cria outro mercado poderoso, que se encarrega de reforçar a criação de falsas necessidades, embaladas e vendidas em campanhas publicitárias, na qual a propaganda é considerada a “alma do negócio” sem alma. Desta maneira, há os que se apresentam fora dos padrões corporais objetivos, legitimados socialmente, e isto, a depender da forma que julga seu corpo e como lida com isso, pode inferir em uma formação positiva da IC. Porém, independentemente de estar ou não objetivamente dentro destes padrões, há os que em seu próprio campo cognitivo, apresentam uma autoimagem desconfigurada. Em ambas as possibilidades existem os riscos de desencadeamento de transtornos. Desse modo, é imprescindível considerar que a IC se constitui nas experiências de troca, nas relações que o sujeito tem com o mundo, com outros indivíduos. (Palma et al., 2014).

Por ser, a IC, à representação mental do indivíduo sobre seu corpo, esta é capaz de inspirar outras representações e ao mesmo tempo ser influenciada por percepções, impulsos, atitudes e comportamentos sua produção relaciona-se com o desenvolvimento da identidade e é influenciada também por aspectos orgânicos, psíquicos e sociais (Tavares, 2003). Na construção e concomitante reprodução da própria IC “cada indivíduo torna-se, então, o gestor de seu próprio corpo” (Courtine, 1995, p. 86). Ele é responsável por discipliná-lo, moldá-lo e, quando foge às normas, também corrigi-lo. Portanto, há um sentimento de autculpabilidade pelo não enquadramento corporal, o que aumenta a possibilidade de desenvolver transtornos advindos de uma IC negativa.

Algumas atitudes se dão em formatos “positivos”, usualmente associados a comportamentos saudáveis, como prática de exercícios, cuidados com o corpo, relação social

estável e autoestima. Já outras, “negativas”, estão comumente associadas a quadros clínicos como depressão e obesidade (Gonçalves et al., 2012). É notória a grande importância assumida pela IC no cenário contemporâneo, mesmo sendo um elemento reconhecidamente mutável e passível de se desenvolver de formas positivas, apresentam traços vulneráveis associados a traumas e doenças muitas vezes vinculados a padrões impostos e estereótipos sociais. Segundo Pires (2017), comumente a insatisfação com o corpo está associada a fatores sociais e culturais, nas percepções e preocupações, e ainda, nas pressões e padrões veiculados a cultura e meios de comunicação, neste contexto a preocupação com a IC está presente e pode revelar situações que causam transtornos alimentares e problemas de saúde pública (Ceballos-Gurrola et al., 2020).

Diversos outros problemas estão relacionados a distorções da IC, tais como: ansiedade, desordem alimentar, fobias e uso de drogas. Por seus intermédios surgem distúrbios, tais como vigorexia, anorexia, bulimia e ortorexia. Estes transtornos se desencadeiam notadamente pelo forte poder social da moda e da indústria do consumo. O fato de querer parecer igual a um modelo não é um fenômeno propriamente novo, contudo, o corpo entra como peça importante, de destaque, ao ter nas formas de modelagem corporal um caráter de perfeccionismo que só pode ser alcançado através da busca incessante por exercícios físicos, como mostra Goldenberg, e Ramos (2002, p. 30): “a gordura surge como inimiga número um da ‘boa forma’, quase uma doença, especialmente para aqueles que buscam ostentar um corpo ‘sarado’, ícone da ‘cultura da malhação’”.

No cenário contemporâneo o corpo tem representado simbolicamente características como personalidade, caráter e sucesso, deixando poucas saídas para um futuro autônomo que o difere de um instrumento de valioso valor social. Cotidianamente há um bombardeio de informações do tipo: “exercite-se”, “sem dor, sem ganho” (*no pain, no gain*), “seja fitness”, “tenha a pele sempre bronzeada, com a cor do verão” e outras supostas frases de incentivo, que na realidade funcionam como “ordens sutis” ao público consumidor que constantemente se vê instigado a não ficar de fora de/da forma/moda. Essa realidade vai ao encontro das ideias de Goldenberg e Ramos quando afirmam que “para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina” (2002, p. 27). Sob prerrogativas de mais saúde e mais qualidade de vida os indivíduos vão justamente ao encontro das ideologias disseminadas pelas indústrias do consumo. Tais argumentos vão ao encontro da análise feita por Figueiredo et al. (2017) que fizeram uma investigação acerca das representações do corpo feminino em revistas femininas brasileiras, em relação aos novos modelos de corporeidade e identidade. Segundo

os autores, o foco visual nos atributos físicos das modelos, em combinação com as chamadas das revistas nomeando esses atributos e/ou avaliando os produtos anunciados, constroem o vínculo entre o discurso do culto ao corpo e o discurso da comodificação. Concluem que a aquisição de produtos e serviços se torna uma prerrogativa inescapável na vida de mulheres brasileiras que buscam individualmente a promessa de saúde, beleza e sucesso, de acordo com suas capacidades de compra.

Neste contexto vive-se uma era impaciente, com informações diversas, confusas, rápidas e globalizadas. Valores atrelados a conquistas profissionais e pessoais emergem como filosofias de vida, sendo o corpo, nesse cenário, importante veículo facilitador de conquistas. Um corpo belo, jovial e atlético, muitas vezes possui chaves de acesso, passando neste século a ser motivo de cobiça por muitos, que guiados por “astros e estrelas”, sujeitos revelados pela mídia, passam a corresponder todos aos seus chamados de beleza. Nessa cartilha da beleza “o justo é o saudável; o correto é o que se adapta ao programa da vida bem-sucedida” (Costa, 2005, p. 191). São comuns as diversas expressões ideológicas disseminadas pelo consumismo na superação de limites: “para ter um corpo perfeito, basta ter força de vontade” (Malysse, 2002, p. 102), frases como estas funcionam como um chamado, demonstrando constantemente que todos tem potencialidades de conquistar o corpo desejado, desde que não desistam e continuem a seguir as receitas do sucesso. De utilitários da moda, passando por vestimentas, acessórios (cintas), suplementos alimentares, fármacos, chegando até procedimentos estéticos, tudo pode ser usado a favor, no investimento ao ideário corporal. O uso disciplinado do corpo passa a ser o ponto forte e, ao mesmo tempo, a sua fraqueza, já que carrega consigo fobias e frustrações da não adequação corporal.

O termo disciplina em se tratando do corpo representa um vocativo. Ter disciplina com o corpo passa a ser uma qualidade contemporânea almejada por muitos e o incentivo para essa adequação no comportamento chega ao extremo de criar subsídios de disfarce em uma imagem que não agrada aos modelos uniformes do sucesso. E é na busca insana que ganham forma os inúmeros procedimentos mencionados, que prometem eliminar ou camuflar características corporais indesejáveis. Como o sacrifício em busca do corpo belo requer muitos atributos, os que não conseguem caem na desgraça da inadequação corporal e conhecem o lado nocivo do preconceito pelo não enquadramento. Para Costa (2005), este lado nocivo aparece como estigma aos que se desviam da norma somática ideal, na proliferação dos transtornos da IC e na submissão compulsiva a moda publicitária. Corroborando com esta reflexão, o trabalho de Garcia (2017) fez uma análise de imagens

veiculadas por revistas de moda e seus impactos na concepção de corpo. Em seus achados, relata que o corpo mostrado repetidamente em uma padronização de imagens representa uma lógica de dominação oculta, baseada em saberes historicamente construídos sobre o corpo. Em síntese, entende-se que fazer parte de um grupo, ter uma identidade aceita socialmente, encontrar autorrealização através de critérios de beleza como ser magro, “ter curvas” (no caso das mulheres), viver refém dos regimes e dos exercícios físicos de modelagem do corpo e com isso obtendo uma IC do sucesso vem se tornando parte constituinte da natureza dos indivíduos, tornando o fenômeno de culto ao corpo um tema de expressiva relevância, tamanho impacto na saúde e na sociedade contemporânea.

Conclusão

O corpo ao passar por suas dinâmicas mutações sofre influências de várias vertentes que vão integrar sua IC e constituir sua identidade. Por IC entende-se a figura do próprio corpo formada pelo sujeito que pode ser produzida de forma positiva ou negativa. A forma positiva apresenta resultantes benéficas que criam melhorias na saúde global do indivíduo, enquanto a negativa pode criar transtornos e prejuízos a saúde. Os determinantes contemporâneos que impactam na formação da identidade corporal apontam uma busca obsessiva pela IC positiva, que, aliada as tecnologias e ao dinamismo dos modelos corporais do sucesso, coloca a imagem “positiva do sucesso” em uma busca utópica e arriscada, sob prerrogativas de saúde. Medidas de promoção de saúde e prevenção de tais transtornos são necessárias à medida que há uma crescente de insatisfação com a própria IC, principalmente no público jovem e do sexo feminino, muitas vezes fabricado pela própria indústria do consumo, que cria constantes rearranjos corporais que invocam necessárias transformações, adaptações e modelagens através de diferentes hábitos, estilos e práticas corporais. Urge a necessidade dos cuidados da saúde com um olhar para/sobre o corpo, que respeite as diferenças e que valorize o indivíduo na coletividade, encontrando o poder nas diferentes formas de ser/estar no mundo.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências

- Brown, A., e Knight, T. (2015). Mudanças nas imagens da mídia sobre a aparência e o status social das mulheres de 1960 a 2010: uma análise de conteúdo de anúncios de beleza em duas revistas australianas. *Journal of Aging Studies*, 35, 74-83. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2015.08.003>
- Campana, A.N.N.B., e Tavares, M.C.G.C.F. (2009). *Avaliação da imagem corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa*. Phorte Editora.
- Ceballos-Gurrola, O., Medina-Rodríguez, R.E., Juvera-Portilla, J.L., Peche-Alejandro, P., Aguirre-López, L.F., e Rodríguez-Rodríguez, J. (2020). Imagen corporal y práctica de actividades físico-deportivas en estudiantes de nivel secundaria. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 20(1), 252-260. <https://doi.org/10.6018/cpd.355781>
- Cordás, T.A. (2004). Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(4), 154-157. <https://doi.org/10.1590/S010160832004000400003>
- Costa, J.F. (2005). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Editora Garamond.
- Courtine, J.J. (1995). Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura Americana do corpo. In: D.B. Sant'Anna, *Políticas do Corpo*. Editora Estação Liberdade.
- Figueiredo, D.C., Nascimento, F.S., e Rodrigues, M.E. (2017). Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Linguagem em (Dis)curso*, 17(1), 67-88. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-170104-2916>
- Fortes, L.S., Almeida, S.S., e Ferreira, M.E.C. (2013). Imagem corporal e transtornos alimentares em atletas adolescentes: uma revisão. *Psicologia em Estudo (Impresso)*, v.18, 667-677. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400009>
- Gama, C.O. (2016). *A Influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do Ensino Médio* [Dissertação Mestrado em Educação Agrícola. Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1553>
- Garcia, C.L. (2017). *Corpos educados e disciplinados: A educação do corpo na mídia – reflexões a partir da revista Marie Claire* [Dissertação (Educação). Universidade Santo Amaro]. <http://hdl.handle.net/123456789/187>
- Ghiraldelli Jr., P. (2008). *O corpo: filosofia e educação*. Editora Ática.
- Goldenberg, M. (Org.) (2002). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, v. 1* (2ª ed.). Grupo Editorial Record.
- Gonçalves, C.O., Campana, A.N., e Tavares, M.C. (2012). Influência da atividade física na imagem corporal: Uma revisão bibliográfica. *Motricidade*, 8(2), 70-82. [https://doi.org/10.6063/motricidade.8\(2\).716](https://doi.org/10.6063/motricidade.8(2).716)
- Lopes, A.F., e Mendonça, É. de S. (2016). Ser jovem, ser belo: A juventude sob holofotes

na sociedade contemporânea. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 16(2), 20-33.
<https://doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>

Malysse, S. (2002). Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: M. Goldenberg (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, v. 1 (2ª ed.). Grupo Editorial Record.

Mataruna, L. (2004). Imagem Corporal: noções e definições. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 10(71). <https://www.efdeportes.com/efd71/imagem.htm>

Moraes, M.R.C. (2014). *Autocuidado e gestão de si: Hábitos saudáveis na mídia impressa semanal* [Tese Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo].
<https://doi.org/10.11606/t.8.2014.tde-23012015-182017>

Neagu, A. (2015). Body image: A theoretical framework. *Proc. Rom. Acad.*, Series B 17(1), 29-38. <https://acad.ro/sectii2002/proceedingsChemistry/doc2015-1/Art04Neagu.pdf>

Palma, A., Esteves, A.A., Assis, M., Mourão, L., Lüdorf, S.A., e Vilhena, L.M. (2014). Imagem corporal e dependência de exercícios físicos em frequentadores de uma academia de ginástica da cidade do Rio de Janeiro. *Pensar a Prática*, 17(1).
<https://doi.org/10.5216/rpp.v17i1.19799>

Pereira, M. Jr., Campos, W. Jr., e Silveira, F.V. (2013). Percepção e distorção da auto-imagem corporal em praticantes de exercício físico: a importância do exercício físico na imagem corporal. *Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, 7(42), 345-352.
<http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/410>

Pires, V.N.L. (2017). *Associação entre a satisfação corporal e a atividade física em universitários* [Tese Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca].
<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25764>

Ribeiro, P.R.L., Tavares, M.C.G.C.F., e Caetano, A.S. (2012). Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. *Psico-USF*, 17(3), 379-386.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000300004>

Rocha, K.S. (2019). Identidade: revisão teórica sobre um conceito polissêmico. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 23(249), 87-97.
<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/232>

Rodríguez, J.J. (2015). *Actividad física, imagen corporal y condiciones de vida: un abordaje teórico desde los determinantes y la determinación social de la salud* [Disertación Maestría en Actividad Física y Salud. Universidad del Rosario Escuela de Medicina y Ciencias de la Salud]. <http://repository.urosario.edu.co/handle/10336/12126>

Sabino, C. (2002). Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: M. Goldenberg (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, v. 1 (2ª ed.). Grupo Editorial Record.

Santos, M.A., Oliveira, V.H., Peres, R.S, Risk, E.N., Leonidas, C., e Oliveira-Cardoso,

E.A. (2019). Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. *Saúde e Sociedade*, 28(3), 239-252. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902019170035>

Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. Martins Fontes Editora.

Secchi, K., Camargo, B.V, e Bertoldo, R.B. (2009). Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psic. Teor. e Pesq.*, 25(2), 229-236. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000200011>

Slade, P.D. (1994). What is body image? *Behaviour Research and Therapy*, 32, 497-502. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)90136-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)90136-8)

Sueitti, M.A.G., e Sueitti, A.P. dos S. (2015). A corpolatria e os transtornos da imagem corporal. *Protestantismo em Revista*, 37(Ed. Esp. Extra), 102-111. <http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v37i0.2645>

Tavares, M.C.G.C. (2003). *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Editora Manole.

Vaquero, R.A. (2013). Imagen Corporal: revisión bibliográfica. *Nutrición hospitalaria*, 27-35. <http://dx.doi.org/10.3305/nh.2013.28.1.6016>

World Health Organization (1946). *Constitution of the World Health Organization. Basic Documents*. WHO. https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf

World Health Organization (1948). *WHO definition of Health*. https://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0003/152184/RD_Dastein_speech_wellbeing_07Oct.pdf

6.3 ARTIGO 3 - PREVALÊNCIA DE INSATISFAÇÃO CORPORAL EM UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA E METANÁLISE

Este subcapítulo apresenta versão formatada para submissão em revista científica do artigo “Prevalência de insatisfação corporal em universitários no Brasil: revisão sistemática e metanálise”, de autoria de Cláudio Oliveira da Gama, Gláucio Oliveira da Gama, Valéria Nascimento Lebeis Pires, Jose Uelers Braga e Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel

PREVALÊNCIA DE INSATISFAÇÃO CORPORAL EM UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA E METANÁLISE

Autores:

Cláudio Oliveira da Gama

Gláucio Oliveira da Gama

Valéria Nascimento Lebeis Pires

Jose Ueleres Braga

Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel

RESUMO

Introdução: A insatisfação com a imagem corporal e a constante preocupação com as questões ligadas ao corpo têm levado pesquisadores a avaliarem este desfecho apresentando resultados expressivos de prevalências de insatisfação corporal. Esta revisão tem o objetivo estimar a magnitude da insatisfação corporal de universitários no Brasil. **Métodos:** A revisão sistemática acompanhada de metanálise incluiu estudos quantitativos de insatisfação corporal em universitários, considerando subgrupos de sexo, distribuição geográfica, tipos de universidade e pontos de corte do instrumento de aferição utilizado. Foi realizada uma revisão sistemática com enfoque no *Body Shape Questionnaire* (BSQ). **Resultados:** Em 49 artigos verificou-se a prevalência global de IC de 30,2%, com alta heterogeneidade entre os estudos. Quanto aos subgrupos, observou-se 33% de insatisfação no sexo feminino e 5,6% no sexo masculino. Foram encontradas prevalências de 27,9% e 29,1% de insatisfação em universidades públicas e privadas, respectivamente. Nas regiões geográficas os resultados foram de 26,3% na região Sudeste, 30,1% no Nordeste brasileiro, 34,4% na região Sul e 36,2% na região Centro-Oeste. Apesar das características metodológicas de pontos de corte do BSQ, as prevalências foram de 15% nos estudos que utilizaram como ponto de corte BSQ >110 pontos, 37,9% no ponto de corte BSQ > 80 pontos e 40,1% de insatisfação corporal nos estudos com corte ≥ 70 pontos. A metaregressão evidenciou como influenciadoras da heterogeneidade as variáveis de sexo e de ponto de corte do instrumento utilizado ($p= 0,001$). **Discussão:** Quanto aos resultados de prevalência, o sexo feminino apresenta insatisfação corporal 5,89 vezes maior com relação ao sexo masculino. Com relação a características metodológicas, estudos que consideraram a alta sensibilidade do instrumento aplicado (BSQ ≥ 70 pontos) apresentaram

2,67 vezes maior insatisfação corporal quando comparados a estudos que utilizaram classificações de baixa sensibilidade (BSQ > 110 pontos). **Conclusão:** Destaca-se a magnitude da insatisfação corporal entre os universitários, sugerindo que além das diferenças populacionais, a escolha da metodologia adotada exerce papel fundamental e determinante nos resultados obtidos.

Palavras-chave: Imagem corporal; insatisfação corporal; universitários; revisão sistemática; metanálise.

ABSTRACT

Introduction: Dissatisfaction with body image and constant concern with issues related to the body have led researchers to evaluate this outcome, presenting expressive results of prevalence of body dissatisfaction. This review aims to estimate the magnitude of body dissatisfaction among university students in Brazil. **Methods:** The systematic review accompanied by meta-analysis included quantitative studies of body dissatisfaction among university students, considering subgroups of gender, geographic distribution, types of university and cutoff points of the measurement instrument used. A systematic review was carried out with a focus on the Body Shape Questionnaire (BSQ). **Results:** In 49 articles there was an overall prevalence of HF of 30.2%, with high heterogeneity between studies. As for the subgroups, there was 33% of dissatisfaction among females and 5.6% among males. Prevalences of 27.9% and 29.1% of dissatisfaction were found in public and private universities, respectively. In geographic regions, the results were 26.3% in the Southeast region, 30.1% in the Northeast region of Brazil, 34.4% in the South region and 36.2% in the Center-West region. Despite the methodological characteristics of the BSQ cutoff points, the prevalences were 15% in studies that used BSQ >110 points as a cutoff point, 37.9% on the BSQ cutoff >80 points and 40.1% of dissatisfaction body in studies with cutoff ≥ 70 points. The meta-regression evidenced as influencing heterogeneity the variables of sex and cutoff point of the instrument used ($p=0.001$). **Discussion:** Regarding the prevalence results, females have body dissatisfaction 5.89 times higher than males. Regarding methodological characteristics, studies that considered the high sensitivity of the instrument applied (BSQ ≥ 70 points) showed 2.67 times greater body dissatisfaction when compared to studies that used low sensitivity ratings (BSQ > 110 points). **Conclusion:** The magnitude of body dissatisfaction among university students is highlighted, suggesting that, in addition to population differences, the choice of methodology adopted plays a fundamental and determining role in the results obtained.

Keywords: Body image; body dissatisfaction; College students; systematic review; meta-analysis.

Introdução

A imagem corporal é um fator importante na formação da identidade (GAMA, 2016). No Brasil, a imagem do corpo tem recebido atenção nas últimas três décadas, influenciando contextos sociopolítico, cultural e epidemiológico (LAUS et al., 2014). Em estudo sobre fatores associados a imagem corporal de universitários nos EUA, França, Argentina e

Brasil, os universitários brasileiros apresentaram maior insatisfação com a imagem corporal no sexo feminino e maiores preocupações com o peso em relação aos outros países. Neste mesmo estudo, o Brasil foi apontado com expressiva preocupação com atitudes relacionadas ao alcance do ideal corporal por procedimentos estéticos quando comparado aos outros países (SOUZA, 2017).

A imagem ideal do corpo, atualmente, está vinculada à realização pessoal, e cada vez mais indivíduos, frequentemente insatisfeitos com a imagem do seu corpo, buscam o físico ideal (GAMA, 2016). A insatisfação com a imagem do corpo e a constante preocupação com as questões ligadas ao corpo, seriam fatores para a busca de um tipo físico considerado ideal cada vez mais difundido socialmente. Em relação aos universitários, podemos considerá-los, pelo contexto de transição, um público vulnerável à insatisfação corporal, uma vez que a influência sociocultural e os questionamentos de valores e crenças produzem impactos na saúde (BRITO; GORDIA; QUADROS, 2016; PIRES, 2017; GAUDIOSO et al., 2017).

A insatisfação corporal é constituída por aspectos afetivos e cognitivos, componentes da imagem corporal (GARNER; GARFINKEL, 1981; GROGAN, 2008; MIRANDA, 2011; PIRES, 2017). Nas últimas décadas, as investigações sobre a insatisfação corporal teriam se intensificado dada à relação observada com distúrbios alimentares, comportamentais, transtornos mentais e suicídio, principalmente no grupo de adolescentes e adultos jovens.

Na avaliação da prevalência de insatisfação corporal, estudos nacionais têm utilizado escalas de figuras e silhuetas elaboradas por diferentes autores (STUNKARD; SORENSEN; SCHULSINGER, 1983; THOMPSON; GRAY, 1995; KAKESHITA et al., 2008) e o instrumento *Body Shape Questionnaire* (BSQ), desenvolvido por Cooper et al. (1987). Neste estudo privilegiamos o BSQ como instrumento para selecionar os artigos incluídos na revisão.

Esta revisão tem o objetivo estimar a magnitude da insatisfação corporal de universitários no Brasil por meio de revisão sistemática e metanálise, considerando fatores que possam influenciar sua prevalência como sexo, local de residência, tipos de universidade e pontos de corte do instrumento de aferição utilizado.

Material e métodos

Empreendeu-se uma revisão sistemática com metanálise sobre a temática de insatisfação corporal de universitários no Brasil, a qual foi estruturada a partir de diretrizes, com avaliação das publicações realizadas por dois revisões (CG e VP) independentes e solução de discordâncias por consenso ou pelo terceiro revisor (JUB).

Foram realizadas buscas nas bases de dados MEDLINE (via PubMed), EMBASE (via OVID) e LILACS (via BVS). A busca também alcançou a literatura cinza, sendo acessado o Portal de periódicos CAPES, a Biblioteca Eletrônica SCIELO, o buscador Google Acadêmico. Por fim, foi feita seleção de busca por referência cruzada. Não houve restrições quanto ao ano de publicação.

As buscas bibliográficas ocorreram entre os meses de janeiro a março de 2021 compreendendo estudos de prevalência da insatisfação corporal em universitários no Brasil.

A revisão sistemática foi conduzida de acordo com as seguintes etapas: (i) formulação da pergunta de revisão; (ii) elaboração do protocolo de pesquisa e formulários de extração de dados; (iii) seleção dos estudos (rastreamento e seleção propriamente dita): exclusão de títulos repetidos; seleção dos estudos com população brasileira; seleção dos estudos com população brasileira universitária; inclusão de estudos oriundos de outras fontes de busca; leitura completa dos trabalhos selecionados com exclusão dos trabalhos incompatíveis com os critérios de elegibilidade; (iv) extração dos dados; (v) avaliação da qualidade dos estudos; (vi) análise de dados global e por subgrupos (metanálise); identificação de fatores explicativos da heterogeneidade (metaregressão) e (vii) interpretação dos resultados.

A pergunta da revisão foi construída usando a estratégia PICO: P - estudantes universitários brasileiros; I - aferição pelo questionário *Body Shape Questionnaire* (BSQ); C - não se aplica; O - insatisfação corporal.

Para a confecção da estratégia de busca bibliográfica, foram considerados termos MeSH/DeCS nas línguas inglesa e portuguesa considerando estudos sobre a questão de revisão, combinados por operadores booleanos AND e OR da seguinte maneira: “Universitários” AND “Insatisfação Corporal” AND “Prevalência”. No quadro 1, em anexo, encontra-se a estratégia de busca completa.

Seleção dos estudos

A seleção dos estudos ocorreu em duas fases: o rastreamento e a seleção propriamente dita. O rastreamento (*screening*) das publicações considerou estudos com resumo disponível; publicações em português, espanhol e inglês; público-alvo de universitários; estudos que abordaram prevalência da insatisfação corporal. Foram excluídos artigos teóricos e de revisão; teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livros, resenhas críticas, comentários, editoriais, anais e relatórios científicos.

Após a fase de rastreamento e durante a seleção pela leitura de textos completos foram adotados critérios de elegibilidade. Os critérios de Inclusão são: (a) Público-alvo de universitários no Brasil; (b) Estudos com objetivo de avaliar a prevalência de insatisfação corporal em universitários; (c) Estudos com informação sobre a prevalência de insatisfação corporal em universitários ou com dados que permitam cálculo dessa medida. Os critérios de exclusão são: (1) Artigos apenas com análise qualitativa; (2) Artigos que tratavam apenas de validação de instrumentos de avaliação de insatisfação corporal; (3) Artigos que avaliaram exclusivamente percepção corporal (atual - real); (4) Artigos que não informaram o instrumento (validado) ou os critérios utilizados para avaliar insatisfação corporal; (5) Artigos que apresentaram mesma população, ano de coleta, instrumento e classificação do desfecho (sendo selecionado para compor a pesquisa o estudo que apresentou dados mais completos) e (6) Artigos que avaliaram exclusivamente alteração perceptiva da insatisfação corporal pelo instrumento de escala de silhuetas.

Avaliação da qualidade dos estudos

Com interesse em determinar até que ponto os estudos tinham propensão a viés em sua concepção, análise e conduta, os trabalhos selecionados para a inclusão do estudo foram submetidos a avaliação através da ferramenta de avaliação crítica do *Joanna Briggs Institute* (JBI) - lista de verificação de avaliação crítica para estudos de prevalência (MUNN et al., 2015), por dois revisores independentes (CG e VP), sobre a qualidade metodológica. Os resultados desta avaliação permitiram também uma apreciação indireta da qualidade da evidência.

Foram analisados, por intermédio de nove critérios: Procedimentos de amostragem (tipo de amostra, estratégia e tamanho amostral), características populacionais, análise de dados (descrição e/ou relato de perdas), métodos de mensuração do desfecho (treinamento de pessoal, calibração de instrumentos), e análise estatística (estatística apropriada, taxa de

resposta, controle de fatores de confusão). Cada critério recebe um julgamento correspondente a “sim”, “não”, “não claro” ou “não aplicável”, que permite ao combinar todos os critérios, uma síntese global (considerando todos os estudos) e específica (de cada artigo) da qualidade dos trabalhos selecionados para a revisão sistemática.

No tocante à avaliação metodológica de cada estudo, consideramos adequado para qualidade, quando dos nove critérios listados pelo menos seis estavam adequados. Os critérios mais relevantes do instrumento do JBI são: característica populacional ser comparável entre os estudos analisados; a população ser preenchida em sua totalidade por estudantes universitários; instrumento de medição validado (BSQ); dados fornecendo ou permitindo cálculos para medição de prevalência de insatisfação corporal; taxa de resposta e cobertura adequada nos grupos de participantes selecionados.

Análise dos dados

Os dados extraídos dos estudos que fizeram parte da revisão foram tabulados no software Microsoft Excel® (pacote Microsoft Office®, versão 2013, desenvolvido pela Microsoft®) contendo informações sobre os autores, ano de publicação, cidade, estado e região onde se realizou o estudo, características gerais da população e tamanho amostral, delineamento da pesquisa, instrumentos utilizados e principais achados relativos à ocorrência de insatisfação corporal. As análises estatísticas foram realizadas usando os pacotes *meta* e *metaprop* do software R (versão 3.1) com adaptações para a produção específica de gráficos e testes estatísticos.

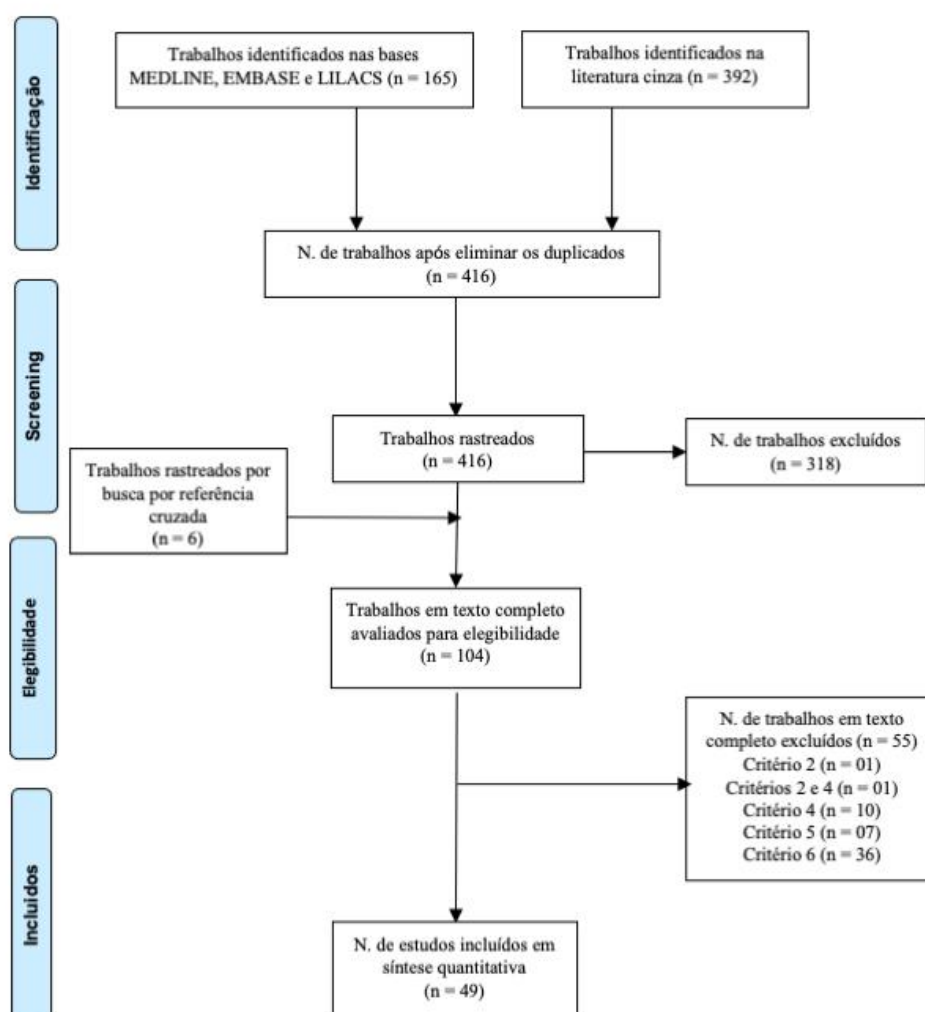
Resultados

A seleção considerou inicialmente leituras de títulos e resumos. Foram selecionados um total de 104 artigos para leitura na íntegra pois atendiam preliminarmente os critérios do estudo. Após aplicação dos critérios de seleção (formulário de elegibilidade) pelos revisores, foram selecionados 49 estudos que forneciam resultados de prevalência da insatisfação corporal pelo BSQ (Figura 1).

Um total de 49 estudos foram selecionados para a revisão sistemática assim como para a metanálise (ALEXANDRE et al., 2013; BANDEIRA et al., 2016; BATISTA et al., 2015, 2017; BENTO et al., 2016; BERNARDINO et al., 2019; BOSI et al., 2006, 2008, 2014; BOSI; UCHIMURA; LUIZ, 2009; BRACHT et al., 2013; CARDOSO et al., 2020; CARVALHO et al., 2013; COSTA; VASCONCELOS, 2010; CRUZ et al., 2018;

DAMASCENO et al., 2011; DI PIETRO; SILVEIRA, 2009; FERRARI et al., 2012A; GARCIA; CASTRO; SOARES, 2010; GAUDIOSO et al., 2017; KESSLER; POLL, 2018; LAUS et al., 2009; LEGNANI et al., 2012; LIZOT; NICOLETTO, 2018; LOFRANO-PRADO et al., 2015; LOPES et al., 2012, 2020; LUSTOSA et al., 2017; MAIA et al., 2018; MAZZAIA; SANTOS, 2018; MIRANDA et al., 2012; MORAES et al., 2016; NASCIMENTO; ARAÚJO, 2019; NETO et al., 2018; NILSON et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2020; PAIVA et al., 2017; PARENTE et al., 2018; PENAFORTE et al., 2018; PIEPER; CORDOVA, 2018; REGIS et al., 2018; REIS; SOARES, 2017; SANTOS et al., 2019; SILVA et al., 2012; SOUSA et al., 2015, 2020; SOUZA; VERRENGIA, 2012; TORAL et al., 2016; VARGAS et al., 2016).

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos



As características dos estudos incluídos estão resumidas em tabelas para melhor sumarização. Os trabalhos tiveram como cerne a imagem corporal/insatisfação corporal, contudo, alguns buscavam temas associados a este desfecho. O uso de medidas de índice de massa corporal (IMC) na forma autorreferida foi comumente utilizado em pesquisas em decorrência da praticidade e do baixo custo, a média de idade dos estudantes variou de 19 a 27,5 anos (Tabela 1).

A respeito da área do conhecimento, a maior parte dos estudos se dedicou em avaliar universitários de cursos da área da saúde, com amostra envolvendo todo o universo de estudantes. Alguns estudos avaliaram uma ou várias universidades (abrangendo também vários cursos). Com relação aos trabalhos que avaliaram especificamente apenas um único curso, o destaque ficou para os cursos de Nutrição (13 estudos), Educação Física e Medicina (5 estudos cada), seguidos por Estética, Psicologia e Enfermagem (1 estudo), estes estudos representaram aproximadamente metade dos estudos presentes na presente revisão (Tabela 1).

Tabela 1 – Características da população dos estudos sobre prevalência da Insatisfação corporal em universitários brasileiros

Identificacao do estudo	Numero participantes	Idade (média/min-max)	Meétodo aferição do IMC	IMC (média)	Cursos universitários
Alexandre et al., 2013	100	22,2/18-31	Autorreferido	23,55	Medicina
Bandeira et al., 2016	300	25,45/17-51	Aferido	22,9	Cursos da área Saúde
Batista et al., 2015	207	22,95/19-45	Autorreferido	23	Estética, Educação Física e Nutrição
Batista et al., 2017	79	24,18/18-43	Não especificado		Estética
Bento et al., 2016	174	20,34/18-26	Aferido	22,82	Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição
Bernardino et al., 2019	72	19/15-25	Aferido		Cursos da área Saúde
Bosi et al., 2006	193	20,9/17-32	Autorreferido	20,8	Nutrição
Bosi et al., 2008	191	21,7/17-	Autorreferido	21,3	Educação Física
Bosi et al., 2014	189	20,8/18-22	Autorreferido	21,5	Medicina
Bosi et al., 2009	175	21,2/17-	Autorreferido	20,08	Psicologia
Bracht et al., 2013	31	23/20-42	Aferido		Nutrição, Educação Física, Pedagogia e Biologia
Cardoso et al., 2020	364	22,8/18-46	Aferido		Cursos da área Saúde
Carvalho et al., 2013	587	20,98/-	Autorreferido		Cursos das áreas Saúde, Exatas e Humanas
Costa e Vasconcelos, 2010	220	20,2/-	Aferido	21,3	Diversos
Cruz et al., 2018	24	22,04/18-25	Aferido	23,58	Nutrição
Damasceno et al., 2011	89	/18-30	Não especificado		Diversos
Di Pietro e Silveira 2009	164	19,65/-	Autorreferido	22,41	Medicina
Ferrari et al., 2012a	832	20,1/-	Autorreferido		Diversos
Garcia et al., 2010	104	22/17-46	Aferido	21,57	Nutrição
Galdioso et al., 2017	95	25,34/-	Não especificado	22,61	Diversos
Kessler e Poll, 2018	225	22,65/18-48	Autorreferido	23,05	Cursos da área Saúde
Laus et al., 2009	127	/18-22	Autorreferido		Cursos das áreas Saúde e Humanas
Legnani et al., 2012	229	25,1/-	Autorreferido	22,66	Educação Física
Lizot e Nicoletto, 2018	130	21,5/17-53	Autorreferido	22,3	Nutrição
Lofrano-Prado et al., 2015	408	19,28/18-23	Aferido	21,64	Cursos da área Saúde
Lopes et al., 2020	154	/18-25	Aferido		Medicina
Lopes et al., 2012	104	27,5/19-45	Autorreferido	24,67	Educação Física, Administração
Lustosa et al., 2017	90	/20-53	Não especificado		Educação Física
Maia et al., 2018	52	23/-	Aferido	23,39	Nutrição
Mazzaia e Santos, 2018	120	21,9/18-48	Aferido	23,3	Enfermagem
Miranda et al., 2012	535	20,82/-	Autorreferido	22,33	Cursos das áreas Saúde, Exatas e Humanas
Moraes et al., 2016	254	21/17-49	Autorreferido		Nutrição
Nascimento e Araújo, 2019	135	24,16/18-54	Aferido	23,77	Cursos da área Saúde
Neto et al., 2018	866	23,1/18-	Autorreferido	22,95	Cursos das áreas Saúde e não Saúde
Nilson et al., 2013	65	/-	Autorreferido	23	Educação Física
Oliveira et al., 2020	45	27,2/21-	Autorreferido		Cursos da área Saúde
Paiva et al., 2017	90	21,4/20-30	Aferido	20,96	Nutrição
Parente et al., 2018	243	/18-30	Não especificado		Cursos das áreas Biológicas e Saúde
Penaforte et al., 2018	141	21,5/18-	Aferido	22,9	Nutrição
Pieper e Cordova, 2018	89	24,66/-	Não especificado		Nutrição, Fisioterapia
Regis et al., 2018	479	22,5/-	Autorreferido	23	Medicina
Reis e Soares, 2017	165	21,06/-	Autorreferido	20,86	Nutrição
Santos et al., 2019	719	21,20/18-59	Não especificado		Diversos
Silva J. et al., 2012	175	21,54/18-	Aferido	21,3	Nutrição
Sousa et al., 2020	26	/18-31	Autorreferido		Nutrição
Sousa et al., 2015	100	27,17/-	Não especificado		Educação Física
Souza e Verrengia, 2012	126	22,15/18-28	Não especificado		Nutrição
Toral et al., 2016	427	22,5/-	Autorreferido		Nutrição
Vargas et al., 2016	339	22,9/-	Autorreferido	23,19	Cursos das áreas Exatas, Humanas e Saúde

Fonte: Os autores (2021)

A despeito das publicações, a maioria estava em língua portuguesa, não apresentaram, no geral, dados de nível socioeconômico, cor, raça e etnia. Sobre o instrumento BSQ, os trabalhos apresentavam informações como número de questões propostas, forma de aplicação, escalas de *likert*, pontos de corte e classificação em níveis de insatisfação (leve, moderada e severa) recomendados pelos elaboradores do questionário.

Todos os estudos eram de delineamento seccional, grande parte ($n = 45$) dos estudos informaram submissão de seus trabalhos a apreciação de comitê de ética em pesquisa (CEP) e apresentam em sua maior parcela amostras por conveniência (não probabilísticas). Ao todo, os estudos incluídos na revisão envolveram 10.848 participantes (1925 indivíduos sexo masculino, 5872 do sexo feminino e 3051 sem especificação) com sua população distribuída pelo extenso território brasileiro, com destaque de estudos realizados na região Sudeste ($n = 23$), Sul ($n = 12$) e Nordeste ($n = 11$) (Tabela 2).

A qualidade metodológica dos estudos foi satisfatória, considerando que 6 dos 9 critérios foram atendidos pelos estudos avaliados. Os critérios que mais foram atendidos são: critério 1 (Foi a estratégia amostral apropriada para representar a população fonte?), critério 4 (Foram participantes do estudo e o seu contexto descritos em detalhe?), critério 5 (Foi a análise de dados conduzida de acordo com a cobertura da amostra identificada?), critério 6 (Foram usados métodos válidos para a identificação da condição de estudo - desfecho?, critério 8 (Foi usada análise estatística apropriada?) e o critério 9 (Foi a taxa de resposta adequada, e se não, foi a baixa taxa de resposta manejada apropriadamente?). Os critérios menos atendidos pelos estudos foram o critério 2 (Foram os participantes do estudo amostrados de forma apropriada?), o critério 3 (O tamanho da amostra é adequado?) e o critério 7 (Foi a condição de estudo (desfecho) medida de modo padronizado, confiável para todos os participantes?). Importa ressaltar que grande parte dos trabalhos não costuma apresentar informações no que diz respeito ao treinamento de pessoal, clareza em relação ao tipo de amostra (aleatória ou conveniência) e tamanho amostral para a seleção dos participantes. O quadro 2 contém as avaliações de cada estudo.

Tabela 2 – Características metodológicas e populacionais dos estudos sobre prevalência da Insatisfação corporal em universitários brasileiros

Identificação do estudo	Sexo			Região geográfica (Estado/Região)	Tipo de universidade	Ponto de corte do BSQ	Prevalência estimada (%)
	M	F	SE				
Alexandre et al., 2013	45	55		São Paulo/Sudeste	Privada	BSQ > 110 pontos	12,0%
Bandeira et al., 2016		300		Ceará/Nordeste	Privada	BSQ > 80 pontos	47,0%
Batista et al., 2015	40	167		Minas Gerais/Sudeste	Ambos	BSQ > 110 pontos	16,9%
Batista et al., 2017		79		Rio Grande do Sul/Sul	Privada	BSQ > 110 pontos	53,2%
Bento et al., 2016		174		Pernambuco/Nordeste	Pública	BSQ > 80 pontos	10,3%
Bernardino et al., 2019	22	50		São Paulo/Sudeste	Privada	BSQ > 80 pontos	30,6%
Bosi et al., 2006		193		Rio de Janeiro/Sudeste	Pública	BSQ > 80 pontos	40,4%
Bosi et al., 2008		191		Rio de Janeiro/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	17,1%
Bosi et al., 2014		189		Rio de Janeiro/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	27,7%
Bosi et al., 2009		175		Rio de Janeiro/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	43,4%
Bracht et al., 2013	5	26		Rio Grande do Sul/Sul	Comunitária	BSQ ≥ 70 pontos	51,6%
Cardoso et al., 2020	69	295		Minas Gerais/Sudeste	Privada	BSQ > 110 pontos	9,1%
Carvalho et al., 2013	311	276		Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	9,4%
Costa e Vasconcelos, 2010		220		Santa Catarina/Sul	Pública	BSQ > 80 pontos	47,3%
Cruz et al., 2018			24	São Paulo/Sudeste	Privada	BSQ > 80 pontos	29,0%
Damasceno et al., 2011		89		Paraná/Sul	Pública	BSQ > 80 pontos	47,2%
Di Pietro e Silveira 2009	93	71		São Paulo/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	13,4%
Ferrari et al., 2012a	485	347		Santa Catarina/Sul	Pública	BSQ > 110 pontos	10,1%
Garcia et al., 2010			104	Rio Grande do Sul/Sul	Pública	BSQ > 80 pontos	39,5%
Galdioso et al., 2017		95		Mato Grosso do Sul/ Centro Oeste	Privada	BSQ > 80 pontos	25,3%
Kessler e Poll, 2018		225		Rio Grande do Sul/Sul	Comunitária	BSQ > 80 pontos	51,1%
Laus et al., 2009		127		São Paulo/Sudeste	Privada	BSQ ≥ 70 pontos	60,6%
Legnani et al., 2012	104	125		Paraná/Sul	Pública	BSQ > 110 pontos	8,3%
Lizot e Nicoletto, 2018			130	Rio Grande do Sul/Sul	Privada	BSQ > 80 pontos	40,8%
Lofrano-Prado et al., 2015	125	283		Pernambuco/Nordeste	Pública	BSQ > 80 pontos	27,9%
Lopes et al., 2020		154		Mato Grosso do Sul/ Centro Oeste	Privada	BSQ > 80 pontos	47,4%
Lopes et al., 2012	104			São Paulo/Sudeste	Privada	BSQ ≥ 70 pontos	17,3%
Lustosa et al., 2017			90	Ceará/Nordeste	Privada	BSQ > 110 pontos	10,0%
Maia et al., 2018		52		Ceará/Nordeste	Pública	BSQ ≥ 70 pontos	46,1%
Mazzaia e Santos, 2018			120	São Paulo/Sudeste	Pública	BSQ > 80 pontos	45,8%
Miranda et al., 2012	245	290		Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	10,1%
Moraes et al., 2016		254		Maranhão/Nordeste	Pública e Privada	BSQ > 110 pontos	30,7%
Nascimento e Araújo, 2019			135	Pernambuco/Nordeste	Privada	BSQ > 110 pontos	14,9%
Neto et al., 2018			866	Minas Gerais/Sudeste	Ambos	BSQ > 80 pontos	41,2%
Nilson et al., 2013	41	24		Rio Grande do Sul/Sul	Pública	BSQ > 80 pontos	18,0%
Oliveira et al., 2020		45		Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	24,4%
Paiva et al., 2017		90		Piauí/ Nordeste	Pública	BSQ ≥ 70 pontos	46,6%
Parente et al., 2018			243	Ceará/Nordeste	Pública	BSQ > 80 pontos	43,2%
Penaforte et al., 2018			141	Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 80 pontos	52,5%
Pieper e Cordova, 2018		89		Rio Grande do Sul/Sul	Privada	BSQ > 80 pontos	51,7%
Regis et al., 2018			479	São Paulo/Sudeste	Pública	BSQ > 80 pontos	34,7%
Reis e Soares, 2017		165		Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 80 pontos	38,8%
Santos et al., 2019			719	Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 110 pontos	14,9%
Silva J. et al., 2012		175		Minas Gerais/Sudeste	Pública	BSQ > 80 pontos	36,6%
Sousa et al., 2020		26		Maranhão/Nordeste	Privada	BSQ > 80 pontos	46,1%
Sousa et al., 2015	70	30		Ceará/Nordeste	Privada	BSQ > 80 pontos	26,0%
Souza e Verrengia, 2012		126		Paraná/Sul	Privada	BSQ > 110 pontos	14,3%
Toral et al., 2016		427		Nacional	Ambos	BSQ ≥ 70 pontos	54,3%
Vargas et al., 2016	166	173		São Paulo/Sudeste	Privada	BSQ ≥ 70 pontos	12,6%

Legenda: SE – sem especificação

Fonte: Os autores (2021).

Quadro 2. Avaliação da qualidade dos estudos, 2021

Autor (ano)	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Critério 5	Critério 6	Critério 7	Critério 8	Critério 9
Alexandre et al., 2013	S	NC	S	S	S	S	NC	S	S
Bandeira et al., 2016	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Batista et al., 2015	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Batista et al., 2017	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Bento et al., 2016	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Bernardino et al., 2019	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Bosi et al., 2006	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Bosi et al., 2008	S	NC	NC	S	S	S	NC	S	S
Bosi et al., 2014	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Bosi et al., 2009	S	NC	S	S	S	S	NC	S	S
Bracht et al., 2013	S	N	NC	S	S	S	NC	S	S
Cardoso et al., 2020	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Carvalho et al., 2013	S	NC	S	S	S	S	NC	S	S
Costa e Vasconcelos, 2010	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Cruz et al., 2018	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Damasceno et al., 2011	S	N	N	S	S	S	NC	S	S
Di Pietro e Silveira 2009	S	N	NC	S	S	S	NC	S	S
Ferrari et al., 2012a	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Garcia et al., 2010	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Galdioso et al., 2017	S	N	NC	S	S	S	NC	S	S
Kessler e Poll, 2018	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Laus et al., 2009	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Legnani et al., 2012	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Lofrano-Prado et al., 2015	S	NC	S	S	S	S	NC	S	S
Lopes et al., 2020	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Lopes et al., 2012	S	N	N	S	S	S	NC	S	S
Lustosa et al., 2017	S	NC	NC	S	S	S	NC	S	S
Neto et al., 2018	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Penaforte et al., 2018	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Pieper e Cordova, 2018	S	N	NC	S	S	S	NC	S	S
Régis et al., 2018	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Santos et al., 2019	S	NC	S	S	S	S	NC	S	S
Silva J. et al., 2012	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Sousa et al., 2020	S	N	NC	S	S	S	NC	S	NC
Sousa et al., 2015	S	NC	NC	S	S	S	NC	S	S
Souza e Verrengia, 2012	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Toral et al., 2016	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Vargas et al., 2016	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Mazzaia e Santos, 2018	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Moraes et al., 2016	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Nascimento e Araújo, 2019	S	NC	NC	S	S	S	NC	S	S
Parente et al., 2018	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Maia et al., 2018	S	S	S	S	S	S	NC	S	NC
Miranda et al., 2012	S	S	S	S	S	S	NC	S	S
Lizot e Nicoletto, 2018	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Nilson et al., 2013	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Paiva et al., 2017	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Reis e Soares, 2017	S	N	S	S	S	S	NC	S	S
Oliveira et al., 2020	S	N	N	S	S	S	NC	S	S

Metanálise dos estudos

A primeira observação feita na análise dos dados foi a grande heterogeneidade dos estudos quando se compara os resultados relativos aos universitários do sexo masculino com aqueles do sexo feminino. A metanálise sem considerar essas diferenças populacionais apontou presença de grande heterogeneidade ($I^2 = 96,8\%$) nos resultados dos estudos com valor estatisticamente significativo ($p < 0,0001$), ainda que não indicasse presença de viés de publicação, o que levantou uma suspeita de que algumas características de subgrupos deveriam ser consideradas. Por isso, decidiu-se inicialmente pela metanálise considerando subgrupos por sexo.

Segundo Coutinho e Braga (2009) a identificação e a explicação de inconsistência entre os resultados observados em diferentes investigações é tao importante para a metanálise quanto a sua integração numérica. Nesta direção, os resultados indicaram que a prevalência combinada no grupo do sexo masculino foi 5,6% com IC95% (2,8; 9,1), de 33 e IC95% (27,8; 38,5) para o sexo feminino e 32,4 IC95% (23,7; 41,8) para o grupo com sexo não especificado (Figura 2). Presume-se que parte da prevalência de insatisfação corporal do grupo sem especificação seja atribuída aos participantes do sexo feminino. Foi usado o modelo de efeitos aleatórios para essa análise. Percebe-se que a prevalência no grupo de mulheres é seis vezes a dos homens e que o grupo sem especificação de sexo tem prevalência semelhante ao grupo feminino. Esses resultados indicam que uma medida combinada de prevalência global de 30,2% IC95% (25,3; 35,2) de insatisfação corporal não deve ser considerada para fins de análise, pois os grupos são muito diferentes e seus resultados não devem ser combinados.

Em seguida, com a intenção de investigar a heterogeneidade, já que seus resultados diferem de modo importante, foram feitas análises de subgrupos baseadas nas características populacionais e metodológicas que poderiam estar associadas a heterogeneidade. Considerou-se as categorias: tipo de universidade e região do Brasil como características populacionais e pontos de corte do instrumento BSQ para características metodológicas dos estudos incluídos na metanálise. A análise de viés de publicação não indicou que seja provável a sua ocorrência. O gráfico de funil também indica simetria na distribuição dos resultados (Figura 3).

Figura 2. Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal segundo sexo de universitários brasileiros

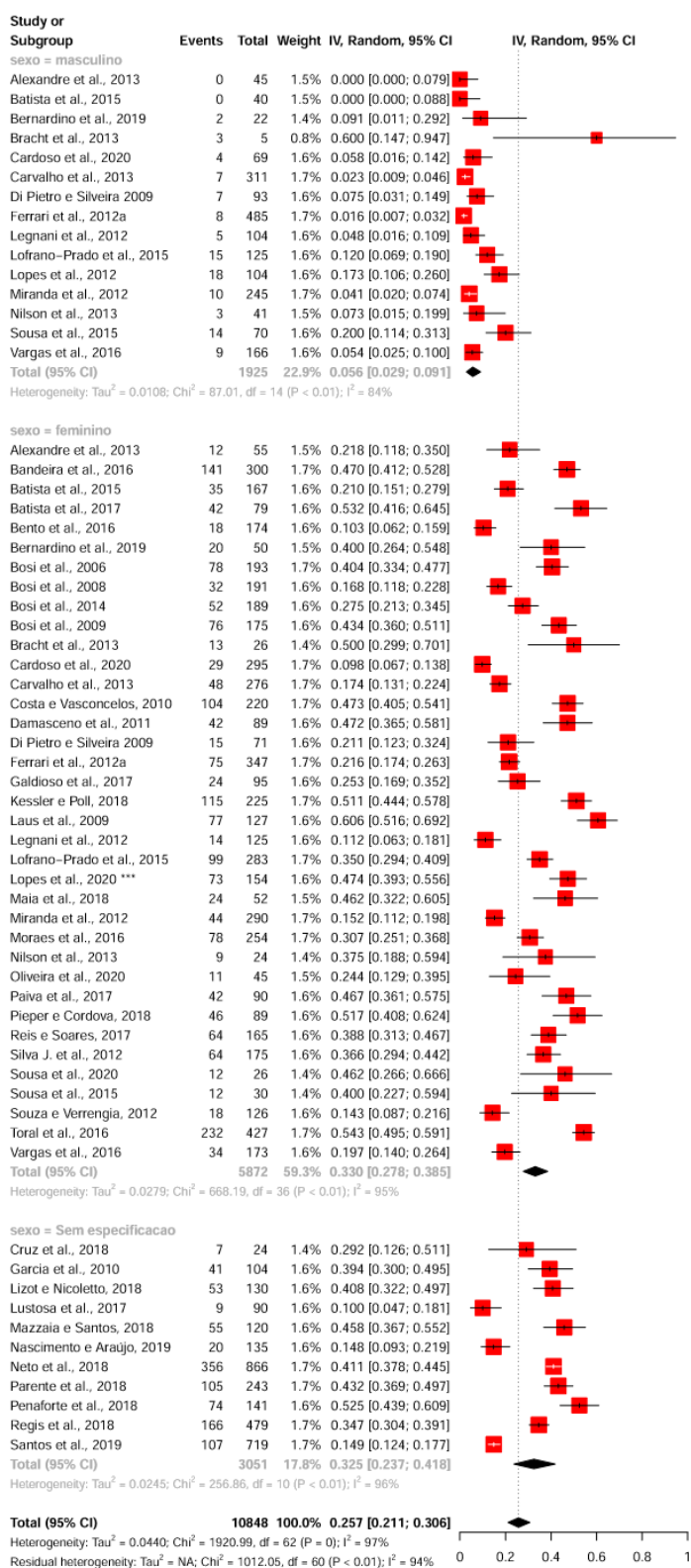
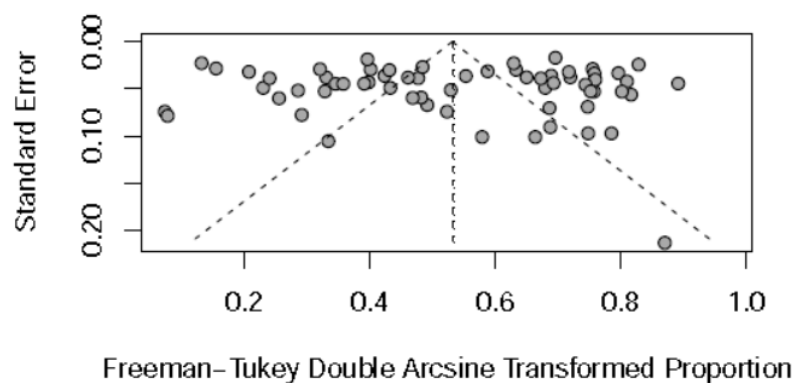


Figura 3. Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal segundo sexo de universitários brasileiros



Em relação a análise de subgrupo por tipo de universidade e localização de residência dos participantes, observa-se que não houve diferenças significativas entre os subgrupos formados por essas categorias de variáveis. A justificativa da análise pelo tipo de universidade se baseou na hipótese de que essa condição pudesse representar um bom marcador de insatisfação por conta das condições socioeconômicas distintas entre alunos de instituições públicas e privadas. Nesse sentido, esperava-se que existisse diferenças entre os dois grupos, reflexo deste fator, onde a insatisfação corporal estivesse, de alguma forma, associada aos aspectos socioeconômicos.

Analisando os gráficos de floresta (figura 4 e 5), em anexo, desses subgrupos foi encontrada grande heterogeneidade ($I^2 > 90\%$) entre os resultados estudos (exceto para o grupo de universidades comunitárias). Também, em anexo, não foi detectada alta probabilidade de viés de publicação no gráfico de funil (figura 6 e 7).

Não foi encontrada diferenças entre prevalências de insatisfação corporal entre estudantes de universidades públicas e privadas, 29,1% com IC95% (21,1; 37,9) privadas e 27,9 IC95% (21,9; 34,4) nas públicas. Considerando a categoria ambos (apenas três estudos fizeram a análise sem distinção de tipo de universidades) esperava-se uma média entre pública e privada, o que se confirmou, 30% IC95% (20,2; 55,2). Dois estudos avaliaram estudantes de universidades comunitárias, para esta análise foi encontrado 51,2 IC95% (45;57,4) de insatisfação corporal (figura 4).

Em relação a localização de residência dos participantes os resultados verificados também não apontam diferenças significativas de prevalência de insatisfação corporal entre as regiões, 26,3 com IC95% (20,1; 33,1) na região Sudeste, 30,1 e IC95% (21,8; 39,2) na

região Nordeste, Sul 34,4 IC95% (21,9; 47,9) e Centro-Oeste 36,2 IC95% (16,4; 58,7) com apenas dois estudos representantes desta região. Foi encontrado apenas um estudo de âmbito nacional (aplicado por meio de questionário online), com 54,3 IC95% (49,6; 59) de insatisfação.

Sobre as características metodológicas evidenciou-se, durante a etapa de construção do presente estudo, que estudos divergiram entre os critérios recomendados para classificar a insatisfação corporal pelo BSQ. Neste sentido, a expectativa era a de que ponto de corte alto pudesse apresentar baixos níveis de prevalência de insatisfação corporal, ao passo que ponto de corte baixo apresentasse maiores níveis.

Considerando os valores BSQ >110 pontos foram encontrados 15% IC95% (11,9; 18,5) de prevalência de insatisfação corporal, ao passo que no ponto de corte intermediário (BSQ > 80 pontos) foi encontrado 37,9 IC95% (33,9; 42), seguido por 40,1 IC95% (22,6; 58,9) do menor corte (BSQ \geq 70), com distribuição simétrica dos estudos, indicativo de ausência de viés de publicação, observados pelo gráfico de funil (figura 8 e 9).

Figura 8. Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal no Brasil segundo ponto de corte do BSQ

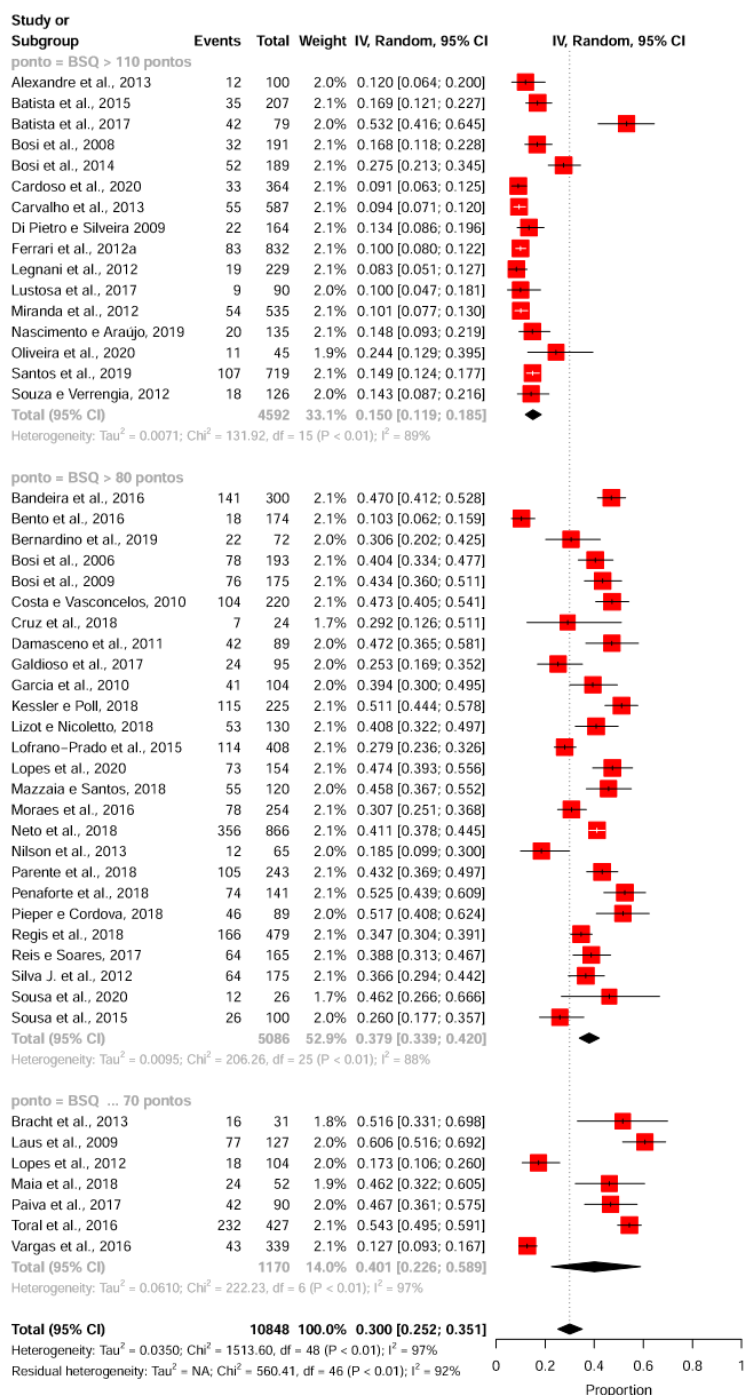
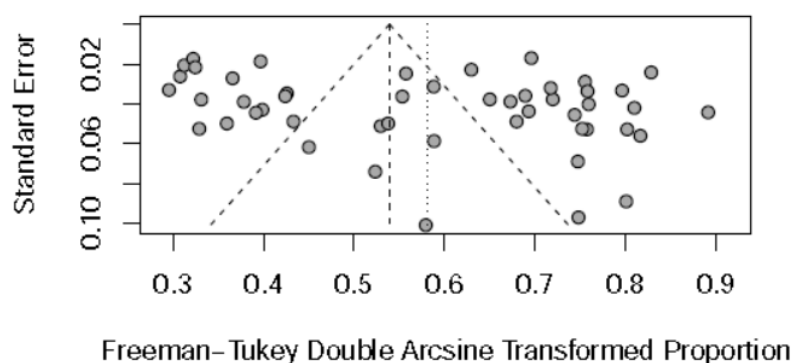


Figura 9. Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal no Brasil segundo pontos de corte do BSQ



Metaregressão

Para identificar a heterogeneidade nos achados, foram aplicadas técnicas estatísticas com o propósito de verificar se as diferenças observadas nos resultados podem ser explicadas ou não pelo acaso. Com o uso da metanálise ficou evidenciado que a característica populacional (sexo) e metodológica (pontos de corte) poderiam explicar as inconsistências encontradas. Compreendendo o subgrupo sexo, existiam as categorias masculino, feminino e a não especificado; dentro da característica ponto de corte foram consideradas as categorias: pontos de corte BSQ ≥ 70 pontos, BSQ > 80 pontos e BSQ > 110 pontos. A metaregressão permite verificar os efeitos isolados de cada aspecto. Essa técnica teve a intenção de responder à pergunta: quais dos aspectos influenciam isoladamente a heterogeneidade e qual sua intensidade?

Os resultados da análise da categoria sexo apontam que o sexo masculino explica a heterogeneidade (coeficiente de -0,29), significando que indivíduos deste sexo tendem a ter menor prevalência em comparação as demais categoriais (sexo feminino e sexo não especificado) com valor estatisticamente significativo ($p= 0,001$).

Em relação ao ponto de corte a categoria de referência foi o BSQ ≥ 70 pontos. Os resultados da análise apontam que a categoria BSQ > 110 pontos está relacionada a baixa prevalência de insatisfação corporal (coeficiente de - 0,24 e $p= 0,001$) (Tabela 3).

Tabela 3 – Coeficientes da metaregressão dos estudos da prevalência de insatisfação corporal de universitários brasileiros

	Coeficiente	Erro padrão	valor de p	Limite Inferior	Limite Superior
intercepto	0,6518	0,119	<0,0001	0,4187	0,885
sexo masculino	-0,291	0,0358	<0,0001	-0,3612	-0,2208
sexo Nao especificado	0,0002	0,0385	0,9967	-0,0754	0,0757
BSQ > 110 pontos	-0,2415	0,0505	<0,0001	-0,3404	-0,1426
BSQ > 80 pontos	-0,0149	0,0506	0,7682	-0,1141	0,0843
regiao Nacional	0,1768	0,1555	0,2555	-0,128	0,4816
regiao Nordeste	-0,0067	0,085	0,937	-0,1734	0,1599
regiao Sudeste	0,0372	0,0856	0,6641	-0,1305	0,2048
regiao Sul	0,0746	0,0872	0,3926	-0,0964	0,2455
universidade Comunitária	0,1151	0,1108	0,2988	-0,102	0,3322
universidade Privada	0,0126	0,0698	0,8566	-0,1242	0,1494
universidade Pública	-0,001	0,067	0,9885	-0,1323	0,1304

Fonte: Os autores (2021)

Como resultado da metaregressão, as categorias BSQ e sexo estão envolvidos com a heterogeneidade. O fato do estudo ser realizado em diferentes regiões do Brasil e o tipo de universidade parece não influenciar a heterogeneidade.

Discussão

Os achados referentes à prevalência global de insatisfação corporal apresentou variação de 8,29 com IC95% (5,0; 12,6) a 60,6% IC95% (51,5; 69,1) (LAUS et al., 2009; LEGNANI et al., 2012). Confrontando estes resultados com a literatura, tal variação é similar a encontrada em revisão integrativa, com ambos os sexos e mesmo instrumento (BSQ) 8,3% a 47,3% (SOUZA; ALVARENGA, 2016). Importa considerar que os resultados gerais apontaram alta discrepância entre as prevalências mínima e máxima por analisar todos os estudos combinados, sem considerar as especificidades de características populacionais e metodológicas.

Em relação ao subgrupo sexo, percebe-se que grande parte dos estudos envolvidos nesta pesquisa avaliaram exclusivamente o sexo feminino. A literatura aponta expressivo número de estudos com este público, apresentando níveis mais altos de distorção. Segundo

autores, mulheres jovens, frequentemente, são levadas a se adequar a um estereótipo corporal predeterminado que exaltam o sucesso alcançado por modelos de corpos que adotam este padrão, somado ao fato de ser o público que mais consome produtos de beleza, por serem mais vulneráveis às pressões dos padrões socioculturais, econômicos e estéticos, constituindo o grupo de maior risco para desenvolver insatisfação corporal (CARVALHO, 2014; DAMASCENO, M.L. et al., 2011).

Atentando para este fator, a variação da prevalência de insatisfação corporal encontrada no presente estudo foi de 0% e IC95% (0; 7,9; 0; 8,8) a 60% (IC 95%; 14,7%-94,7%) no sexo masculino (ALEXANDRE et al., 2013; BATISTA et al., 2015; BRACHT et al., 2013) e 9,8% com IC95% (6,7; 13,8) a 60,6% IC95% (51,6; 69,2) no sexo feminino (CARDOSO et al., 2020; LAUS et al., 2009), somados ao mínimo de 10% IC 95% (4,7; 18,1) e máximo de 52,5% IC95% (43,9; 60,9) da categoria sem especificação de sexo (LUSTOSA et al., 2017; PENAFORTE et al., 2018).

Chama atenção na análise o fato de o sexo feminino apresentar prevalência de insatisfação corporal bem superior em relação ao sexo masculino (5,89 vezes maior), de estudos em que o sexo masculino não apresentou insatisfação (ALEXANDRE et al., 2013; BATISTA et al., 2015) e de um estudo *outliers* apresentando 60% IC95% (14,7; 94,7) de insatisfação na população masculina (BRACHT et al., 2013), sobre este estudo, em particular, os autores realizaram esta avaliação em universidade comunitária localizada na cidade de Rio Grande do Sul – RS, em uma pequena amostra composta por 31 universitários de ambos os sexos, destes, 84% foi composto pelo sexo feminino, de cursos da área da saúde e de pedagogia, somado ao fato de utilizar uma classificação do BSQ de alta sensibilidade (≥ 70 pontos, possível fator associado à alta insatisfação corporal encontrada).

Em relação aos tipos de universidades analisadas no Brasil, foi encontrada prevalência mínima de 9,1% IC95% (6,3; 12,5) e máxima de 60,6 IC95% (51,6; 69,2) nas universidades privadas (CARDOSO et al., 2020; LAUS et al., 2009) e de 8,3% IC95% (5,1;12,7) a 52,5 IC95% (43,9; 60,9) nas públicas (LEGNANI et al., 2012; PENAFORTE et al., 2018).

Estudos realizados na categoria ambas (públicas e privadas) apresentaram três estudos com grande heterogeneidade ($I^2 = 98\%$). Chama a atenção os estudos de Batista et al. (2015) e Toral et al., (2016) que apresentaram vários pontos divergentes que podem supostamente explicá-la. Batista et al. (2015) utilizou o instrumento BSQ > 110 pontos em estudo na região Sudeste, considerando ambos os sexos. Em seus achados, somente o feminino apresentou insatisfação corporal, participaram do estudo estudantes dos cursos de Estética,

Educação física e Nutrição. Toral et al. (2016) realizou um estudo de abrangência nacional, utilizando $BSQ \geq 70$ pontos, considerando a população feminina, todas estudantes de nutrição, por meio do preenchimento de questionário de forma online. Fatores como sexo, curso e ponto de corte poderiam explicar os resultados heterogêneos.

Dois trabalhos (BRACHT et al., 2013; KESSLER; POLL, 2018) foram desenvolvidos em universidades comunitárias, estes estudos representam talvez a pior situação socioeconômica das populações, todavia os poucos estudos encontrados em universitários destas instituições não permitem inferências precisas.

Em consequência, correspondente a categoria tipo de universidade, não foram encontradas grandes diferenças entre públicas e privadas. Em relação ao grupo ambos (não discriminando pública e privada) e ao grupo das comunitárias, o número pequeno dos estudos impediram uma análise precisa do fenômeno.

Neste contexto, destaca-se que não foram encontradas informações específicas e delimitadas de renda e classe social nos trabalhos analisados. A especificação do tipo de universidade não reúne dados suficientes para discutir tal aspecto na presente revisão, desta maneira o marcador socioeconômico não sugere ser um bom indicador para tipo de universidade. Acredita-se que a alta heterogeneidade ($I^2 > 90\%$), mesmo após a categorização em públicas, privadas e ambas, seja um fator que possa ser explicado pelo tipo de curso investigado, uma vez que não parece que o tipo de universidade influencia na variação dos resultados.

No tocante ao extenso território brasileiro, esperava-se que as características regionais pudessem apresentar resultados divergentes, tendo em vista o contexto multicultural e social do país, manifestado nas diferentes formas de comportamentos, hábitos e costumes adotados, destacando as diferentes tradições típicas entre Norte e Sul do Brasil com as características distintas e específicas dos povos de acordo com a miscigenação de vários grupos étnicos (indígenas, português colonizador, negro africano e diversos imigrantes) exponenciadas atualmente com a pluralidade cultural.

Na presente análise não foram encontrados estudos representantes da região Norte do Brasil. Foi verificado que grande parte dos estudos foram representativos da região Sul, Sudeste e Nordeste. A região Sudeste apresentou menor e a Sul a maior prevalência de insatisfação corporal em relação as demais regiões, porém sem valor significativo pelo intervalo de confiança.

A região Centro-Oeste, com apenas dois estudos e com grande heterogeneidade, não permitiu uma inferência precisa sobre seus resultados. No primeiro Galdioso et al. (2017)

encontraram uma prevalência de 25,3% IC95% (16,9; 35,2) com trabalho desenvolvido em instituição privada envolvendo todas as estudantes do sexo feminino, sediada em Ponta Porã- MS, utilizando o BSQ > 80 pontos. Enquanto Lopes et al. (2020) encontraram 47,4 e IC95% (39,3; 55,6) avaliando universitárias de uma instituição privada sediada em Campo Grande – MS, envolvendo estudantes de medicina por meio do BSQ > 80 pontos. Parece que o tipo de curso e a cidade poderiam influenciar nos resultados divergentes de prevalência desta região.

Verifica-se que estudos com menor e maior prevalência da região Sudeste foram influenciados pelo sexo e ponto de corte do instrumento. Cardoso et al. (2020) e Carvalho et al. (2013) utilizaram BSQ > 110 pontos, Laus et al. (2009) utilizaram o BSQ \geq 70 pontos, com sexo exclusivamente feminino.

No gráfico floresta da região Sul chama a atenção as baixas prevalências encontradas, destoantes da maioria dos estudos da região. Ao analisar os dois estudos que apresentaram prevalência mais baixa de insatisfação (FERRARI et al., 2012; LEGNANI et al., 2012) o ponto de corte do BSQ > 110 pontos e o fato dos estudos terem sido realizados com participantes de ambos os sexos sugere influência nos resultados. Soma-se aos indícios o fato de Ferrari et al. (2012) terem realizado seu estudo com grande amostra (considerando cursos e participantes) e Legnani et al., (2012) realizado com a população do curso de Educação Física.

No Nordeste as baixas prevalências também foram evidenciadas, chama atenção a classificação BSQ > 110 pontos em ambos os estudos de menor prevalência, somados a características distintas (BENTO et al 2016; LUSTOSA et al., 2017). Bento et al. (2016) realizaram estudo na cidade de Petrolina, interior do Estado de Pernambuco e Lustosa et al. (2017) tiveram sua amostra composta 90% pelo sexo masculino, avaliando estudantes de Educação Física, todos praticantes de esportes (possível indicador de satisfação corporal).

Os resultados de prevalência relacionados a regiões do Brasil não apontam diferenças significativas. Sugere-se a realização de estudos adicionais que verifiquem a influência de diferentes Estados e municípios nas prevalências de insatisfação. Para isso é necessário que haja volume de estudos em cidades específicas por região em favor de melhor controle e precisão das variáveis avaliadas.

Em relação ao ponto de corte, grande parte (n = 26) classificam a insatisfação corporal por meio da classificação BSQ > 80 pontos, seguido por BSQ > 110 pontos (n = 16) e BSQ \geq 70 pontos (n = 7). Na análise por subgrupos em relação àqueles que adotaram o mesmo critério, houve redução da heterogeneidade, embora ainda tenha se mantido alta e

significativa. Tal achado sugere que, além das características da população (tais como idade, etnia, nível socioeconômico), aspectos individuais e socioculturais podem explicar esta variação. Verifica-se que estudos com alta sensibilidade ($BSQ \geq 70$ pontos) apresentam 2,67 vezes mais chances de ter universitários com maior insatisfação em comparação a estudos com baixa sensibilidade ($BSQ > 110$).

Foi observado alguns estudos *outliers* dentro desta categoria. Em relação a categoria $BSQ > 110$ pontos, o estudo de Batista et al. (2017) encontrou alta insatisfação corporal, tal resultado pode ser explicado pelo tipo de curso avaliado (Estética e Cosmética) e amostra (100% feminina). Em relação ao $BSQ > 80$, o estudo de Bento et al. (2016), já explicitado, foi o destaque. Na categoria ponto de corte $BSQ \geq 70$, dois estudos foram destoantes dos demais (LOPES et al., 2012; VARGAS et al., 2016). No estudo de Lopes et al. (2012), apenas universitários do sexo masculino foram avaliados, por meio dos cursos de Educação Física e Administração. O curso de Administração apresentou o dobro de participantes com insatisfação ($n = 12$), comparado ao curso de Educação Física ($n = 6$), aumentando ainda mais os indícios que o tipo de curso pode supostamente influenciar na insatisfação. Vargas et al. (2016) realizaram estudo com universitários da área de Humanas e Exatas, apenas com o curso de Educação Física como representante da área da Saúde. Os participantes foram similares entre sexos, com 5,4% dos homens insatisfeitos, enquanto 19,7% das mulheres apresentaram insatisfação corporal. Ressalta-se que o estudo foi realizado em Itararé, cidade pertencente ao Estado de São Paulo, pouco populosa, de aproximadamente 50 mil habitantes (população estimada para 2020), localizada na divisa entre o Paraná (IBGE).

Devido a multidimensionalidade do constructo insatisfação corporal este necessita ser olhado de diversos ângulos, havendo recomendações em relação as peculiaridades dos participantes que devem ser consideradas para análise e interpretação dos resultados (TAVARES et al., 2010; LAUS et al., 2014). Na mesma direção dos autores, Souza e Alvarenga (2016) sugerem que estudos probabilísticos de comparação em todo o território nacional, com padronização de instrumentos, sejam realizados para esclarecer pontos ainda desconhecidos sobre diferenças e semelhanças regionais, culturais, econômicas e biológicas quanto aos distúrbios de imagem corporal, baseando-se nas recomendações e destacando os resultados do presente estudo, verifica-se os desafios existentes da temática no Brasil.

Ressalta-se que, até o momento, não foram encontrados estudos nacionais de revisão sistemática desenvolvidos na população de universitários que apresentassem técnica

estatística que permitisse integração dos resultados de estudos independentes de prevalência e que pudessem ser utilizados para comparação com os resultados aqui apresentados.

Chama atenção na metanálise a alta heterogeneidade encontrada, onde mesmo com a análise por subgrupos, se manteve alta. Segundo Coutinho e Braga (2009) uma vez identificada a presença de heterogeneidade esta não deve ser vista como um problema, mas sim como uma oportunidade para investigar. Neste sentido não deve ser ignorada, mas sim explicada. Nos trabalhos analisados foram encontrados algumas buscas por associações, ainda que não sejam escopo do trabalho atual, que podem justificar alguns dos resultados heterogêneos e que indicam caminhos para novos estudos que possam investigá-los.

Em relação a metaregressão realizada, ficou explícito que a heterogeneidade é explicada pela categoria sexo (masculino) e ponto de corte (> 110 pontos). Neste sentido, constata-se ser imprescindível a separação destas categorias nas análises de estudos de insatisfação corporal. A diversidade e variabilidade observada nos padrões metodológicos dos estudos dificultam a comparabilidade entre os trabalhos e podem ser indicativos da carência de estudos de metanálise sobre a temática no Brasil.

Recomenda-se estudos adicionais que ampliem as análises por subgrupos aqui analisadas, verificando a influência de diferentes cursos, turnos, períodos acadêmicos ou áreas do conhecimento nas prevalências de insatisfação corporal. E de estudos que permitam avaliação de insatisfação por meio do instrumento de escala de figuras de silhuetas e de outros fatores que possam estar associados à insatisfação corporal de universitários do Brasil tais como IMC, insatisfação por excesso de gordura, magreza, influência midiática e outros.

Conclusão

Os resultados encontrados neste estudo revelam pontos importantes que devem ser levados em consideração na condução e publicação de um estudo sobre a temática. Destaca-se a gravidade de insatisfação corporal dentro do contexto de universitários no Brasil, com a heterogeneidade se mantendo significativa após a separação por subgrupos, sugerindo que além das diferenças populacionais a escolha da metodologia adotada exerce papel relevante nos resultados obtidos. Ressalta-se a necessidade de estudos longitudinais, que forneçam evidências menos enviesadas no estabelecimento da relação de causalidade. É necessário ainda que pesquisadores da temática informem nas publicações pontos importantes sobre a população do estudo e metodologia empregada, de forma clara e

precisa. Os autores reforçam a importância da análise da satisfação corporal sempre estratificada por sexo, visto as consistentes diferenças entre os grupos. Espera-se que estes achados norteiem pesquisadores e auxiliem gestores na criação de medidas de políticas públicas de saúde e educação em favor de atenuar os efeitos da insatisfação corporal na saúde de universitários.

Referências

- ALEXANDRE, I. M. C. G. P. de et al. Avaliação da imagem corporal em uma amostra de estudantes de medicina. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 15, n. 3, p. 64–67, 24 set. 2013.
- BANDEIRA, Y. E. R. et al. Avaliação da imagem corporal de estudantes do curso de Nutrição de um centro universitário particular de Fortaleza. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 65, n. 2, p. 168–173, 2016.
- BATISTA, A. et al. Dimensão atitudinal da imagem corporal e comportamento alimentar em graduandos de educação física, nutrição e estética da cidade de juiz de fora - MG. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 26, n. 1, p. 69–77, mar. 2015.
- BATISTA, A. D. O. et al. Avaliação da autopercepção da imagem corporal em estudantes de Estética e Cosmética na Ulbra Torres. **Conversas Interdisciplinares**, v. 13, n. 3, 2017.
- BENTO, K. et al. Transtornos Alimentares, Imagem Corporal e Estado Nutricional em Universitárias de Petrolina-PE. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 20, n. 03, p. 197–202, 2016.
- BERNARDINO, M. R. et al. Avaliação da insatisfação da imagem corporal e possíveis transtornos alimentares em estudantes de áreas da saúde de uma faculdade particular de Bauru-SP. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 13, n. 82, p. 888–897, 2019.
- BOSI, M. L. M. et al. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **J. bras. psiquiatr**, v. 55, n. 2, p. 108–113, 2006.
- BOSI, M. L. M. et al. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de educação física. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 1, p. 28–33, 2008.
- BOSI, M. L. M. et al. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 2, p. 243–252, jun. 2014.
- BOSI, M. L. M.; UCHIMURA, K. Y.; LUIZ, R. R. Eating behavior and body image among psychology students. **J. bras. psiquiatr.**, v. 58, n. 3, p. 150–155, 2009.
- BRACHT, C. M. et al. Percepção da autoimagem corporal, estado nutricional e prática de atividade física de universitários do Rio Grande do Sul. **O Mundo da Saúde**, v. 37, n. 3, p. 343–353, 30 set. 2013.

CARDOSO, L. et al. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em estudantes universitários. **J. bras. psiquiatr.**, v. 69, n. 3, p. 156–164, jul. 2020.

CARVALHO, P. H. B. DE et al. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, n. 2, p. 108–114, jun. 2013.

COSTA, L. DA C. F.; VASCONCELOS, F. DE A. G. de. Influência de fatores socioeconômicos, comportamentais e nutricionais na insatisfação com a imagem corporal de universitárias em Florianópolis, SC. **Rev. bras. epidemiol.**, v. 13, n. 4, p. 665–676, dez. 2010.

COUTINHO, E. S.; BRAGA, J. U. Revisão Sistemática e Metanálise. In: Roberto Medronho; Diana Mahul de Carvalho; Katia Vergetti Bloch; Ronir Raggio Luiz; Guilherme Werneck. (Org.). **Epidemiologia**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2009, p. 289-299.

CRUZ, R. T. et al. Verificação do estado nutricional de estudantes do curso de Nutrição das Faculdades Integradas de Bauru-SP com enfoque na ortorexia. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 76, p. 1119–1128, 2018.

DAMASCENO, M. L. et al. Associação entre comportamento alimentar, imagem corporal e esquemas de gênero do autoconceito de universitárias praticantes de atividades físicas. **Rev. bras. ativ. fis. saúde**, v. 16, n. 2, maio 2011.

DI PIETRO, M.; SILVEIRA, D. X. DA. Internal validity, dimensionality and performance of the Body Shape Questionnaire in a group of brazilian college students. **Rev. bras. psiquiatr.**, v. 31, n. 1, p. 21–24, mar. 2009.

FERRARI, E. P. et al. Insatisfação com a imagem corporal e relação com o nível de atividade física e estado nutricional em universitários. **Motricidade**, v. 8, n. 3, p. 52–58, 2012.

GAMA, C. O. da. **A Influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 73 p., 2016.

GARCIA, C. A.; CASTRO, T. G. de; SOARES, R. M. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de nutrição de uma universidade pública de Porto Alegre - RS. **Rev. HCPA & Fac. Med. Univ. Fed. Rio Gd. do Sul**, v. 30, n. 3, p. 219–224, 2010.

GAUDIOSO, C. et al. Imagem corporal e comportamento alimentar em estudantes universitárias. **Psicólogo in Formação**, v. 21:5–18, 2017.

KAKESHITA, I. S. **Adaptação e validação das escalas de silhuetas para crianças e adultos brasileiros**. Tese (doutorado) – Faculdade de filosofia, ciência e letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 118p. 2008.

KESSLER, A. L.; POLL, F. A. Relação entre imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e estado nutricional em universitárias da área da saúde. **J. bras. psiquiatr.**, v. 67, n. 2, p. 118–125, jun. 2018.

LAUS, M. F.; MOREIRA, R. DE C. M.; COSTA, T. M. B. Diferenças na percepção da imagem corporal, no comportamento alimentar e no estado nutricional de universitárias das áreas de saúde e humanas. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 31, n. 3, p. 192–196, dez. 2009.

LAUS, M. F. et al. Body image in Brazil: recent advances in the state of knowledge and methodological issues. **Rev. saúde pública**, v. 48, n. 2, p. 331–346, abr. 2014.

LEGNANI, R. F. S. et al. Transtornos alimentares e imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, n. 1, p. 84–91, mar. 2012.

LIZOT, L. A. B.; NICOLETTO, B. B. Comportamento alimentar e imagem corporal em acadêmicos de Nutrição de uma Universidade privada da Serra Gaúcha. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 76, p. 1141–1149, 2018.

LOFRANO-PRADO, M. C. et al. Eating disorders and body image dissatisfaction among college students. **Conscientia e saúde (Impr.)**, v. 14, n. 3, p. 355–362, set. 2015.

LOPES, I. P. et al. Comportamento alimentar entre estudantes de medicina de uma Universidade privada em Campo Grande – Mato Grosso do Sul / Eating behavior among medical students in a private university in Campo Grande - Mato Grosso do Sul. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 74807–74820, 5 out. 2020.

LOPES, L. C. et al. Autopercepção da imagem corporal entre universitários: uma análise comparativa. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 6, n. 34, 13 out. 2012.

LUSTOSA, R. P. et al. Percepção corporal e compromisso com exercício físico em acadêmicos de Educação Física. **Revista Observatorio del Deporte**, p. 07–14, 7 ago. 2017.

MAIA, R. G. L. et al. Estado nutricional e transtornos do comportamento alimentar entre estudantes do curso de graduação em nutrição no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia, Ceará, Brasil. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 1, p. 135–145, 21 maio 2018.

MAZZAIA, M. C.; SANTOS, R. M. C. Fatores de risco para transtornos alimentares em graduandos de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, n. 5, p. 456–462, 2018.

MIRANDA, V. P. N. et al. Insatisfação corporal em universitários de diferentes áreas de conhecimento. **J. bras. psiquiatr**, v. 61, n. 1, p. 25–32, 2012.

MORAES, J. M. M. et al. Fatores associados à insatisfação corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares entre estudantes de nutrição. **Rev. Pesq. Saúde**. 17 (2) p. 106-111, mai-ago, 2016.

NASCIMENTO, S. B. do; ARAÚJO, Í. L. S. B. de. Perfil antropométrico e insatisfação corporal de estudantes universitários. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 13, n. 82, p. 864–870, 2019.

NETO, A. P. V. et al. Avaliação da satisfação com a imagem corporal e uso de

medicamentos anorexígenos e anabolizantes em estudantes universitários. **Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais - Animais e Humanos**, v. 10, n. Único, 2018.

NILSON, G. et al. Espelho, espelho meu: um estudo sobre autoimagem corporal de estudantes universitários. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 18, n. 1, p. 112–120, 31 maio 2013.

OLIVEIRA, A. P. G. de et al. Transtornos alimentares, imagem corporal e influência da mídia em universitárias. **Rev. enferm. UFPE online**, p. [1-9], 2020.

PAIVA, A. de A. et al. Percepção da imagem corporal e estado nutricional em acadêmicas de nutrição de uma universidade pública. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 12, n. 1, p. 193–206, 3 mar. 2017.

PARENTE, N. de A. et al. Imagem corporal e ambiente familiar em estudantes da saúde: uma comparação entre Brasil e Espanha. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 4, p. 819–837, 29 dez. 2018.

PENAFORTE, F. R. O. et al. Ortorexia nervosa em estudantes de nutrição: associações com o estado nutricional, satisfação corporal e período cursado. **J. bras. psiquiatr**, v. 67, n. 1, p. 18–24, mar. 2018.

PIEPER, T. R.; CORDOVA, M. E. Percepção da imagem corporal e risco de transtornos alimentares em universitárias. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 74, p. 796–803, 15 nov. 2018.

PIRES, Valéria Nascimento Lebeis. **Associação entre a satisfação corporal e a atividade física em universitários**. Tese (Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 108p. 2017.

REGIS, J. M. O. et al. Social anxiety symptoms and body image dissatisfaction in medical students: Prevalence and correlates. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, n. 2, p. 65–73, 2018.

REIS, A. S. dos; SOARES, L. P. Estudantes de Nutrição apresentam risco para transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 21, n. 4, p. 29881–29881, 15 nov. 2017.

SANTOS, V. S. et al. Preocupação com a Imagem Corporal e a Autoestima de Universitários do Interior de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação e Cultura| RBEC| ISSN 2237-3098**, n. 19, p. 95–105, 2019.

SILVA, J. D. et al. Influência do estado nutricional no risco para transtornos alimentares em estudantes de nutrição. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 12, p. 3399–3406, dez. 2012.

SOUSA, F. DAS C. A. et al. Estudo do estado nutricional, imagem corporal e atitudes para transtornos alimentares em acadêmicas de nutrição. **Revista Enfermagem Atual in Derme**, v. 93, n. 31, p. e-020040, 4 set. 2020.

SOUSA, O. G. M. et al. Preocupação com a imagem corporal em discentes do curso de Educação Física. **Cinergis.**, v. 16, n. 4, 1 out. 2015.

SOUZA, A. C. de; ALVARENGA, M. dos S. Insatisfação com a imagem corporal em estudantes universitários – Uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 65, n. 3, p. 286–299, set. 2016.

SOUZA, S.; VERRENGIA, E. C. Autopercepção da imagem corporal e prevalência de comportamentos sugestivos de anorexia nervosa em universitários. **Revista Uningá**, v. 34, n. 1, 20 dez. 2012.

STUNKARD, A. J; SORENSEN, T.; SCHULSINGER, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: KETY, S. S.; ROWLAND, L. P.; SIDMAN, R. L.; MATTHYSSE, S. W. **The genetics of neurological and psychiatric disorders**. New York: Raven Press; p. 115-20, 1983.

TAVARES, M. DA C. G. C. F. et al. Perceptive evaluation of body image: history, reconceptualization and perspectives for Brazil. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 509–518, set. 2010.

THOMPSON, M. A.; GRAY, J. J. (1995). Development and validation of a new body-image assessment scale. **Journal of Personality Assessment**, 64(2), 258-269.

TORAL, N. et al. Eating disorders and body image satisfaction among brazilian undergraduate nutrition students and dietitians. **Arch. latinoam. nutr**, v. 66, n. 2, p. 129–134, jun. 2016.

VARGAS, L. M. et al. Nível de atividade física de estudantes universitários com e sem distúrbio da imagem corporal. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1, 31 mar. 2016.

Anexos

Quadro 1: Descritores e estratégia de busca utilizada segundo bases de dados selecionadas, 2021

Bases	Termos	Estratégia utilizada
MEDLINE	Prevalência	<i>"incidence"[All Fields] OR "incidence"[MeSH Terms] OR "prevalence"[All Fields] OR "prevalence"[MeSH Terms]</i>
	Insatisfação Corporal	<i>"body dissatisfaction"[MeSH Terms] OR ("body"[All Fields] AND "dissatisfaction"[All Fields]) OR "body dissatisfaction"[All Fields] OR ("negative"[All Fields] AND "body"[All Fields] AND "image"[All Fields]) OR "negative body image"[All Fields] OR ("body"[All Fields] AND "image"[All Fields] AND "dissatisfaction"[All Fields]) OR "body image dissatisfaction"[All Fields]</i>
	Universitários	<i>((("college"[All Fields] OR "college s"[All Fields] OR "colleges"[All Fields]) AND ("student s"[All Fields] OR "students"[MeSH Terms] OR "students"[All Fields] OR "student"[All Fields] OR "students s"[All Fields]))) OR ((("academe"[All Fields] OR "academic"[All Fields] OR "academic s"[All Fields] OR "academical"[All Fields] OR "academically"[All Fields] OR "academics"[All Fields]) AND ("student s"[All Fields] OR "students"[MeSH Terms] OR "students"[All Fields] OR "student"[All Fields] OR "students s"[All Fields])))</i>
EMBASE	Prevalência	<i>"incidence"/exp OR "incidence" OR "prevalence"/exp OR "prevalence"</i>
	Insatisfação Corporal	<i>"body dissatisfaction"/exp OR "body dissatisfaction" OR "negative body image"/exp OR "negative body image" OR (negative AND ("body"/exp OR body) AND ("image"/exp OR image))</i>
	Universitários	<i>"college students"/exp OR "college students" OR (("college"/exp OR college) AND ("students"/exp OR students)) OR "academic students" OR (academic AND ("students"/exp OR students))</i>
LILACS	Prevalência	<i>(mh:("Incidência")) OR ("Incidência") OR (mh:("prevalência"))</i>

	<i>OR ("prevalência")</i>
Insatisfação Corporal	<i>(mh:("insatisfação corporal")) OR ("insatisfação corporal") OR (insatisfação corporal) OR (insatisfação da imagem corporal) OR (mh:("imagem negativa do corpo")) OR ("imagem negativa do corpo") OR (mh:("insatisfação com a imagem corporal")) OR ("insatisfação com a imagem corporal") OR (mh:("insatisfação com o corpo")) OR ("insatisfação com o corpo") OR (mh:("insatisfação com o próprio corpo")) OR ("insatisfação com o próprio corpo")</i>
Universitários	<i>(mh:("estudantes")) OR ("estudantes") OR ("universitários") OR ("estudantes universitários") OR (mh:("universidades")) OR ("universidades") OR ("acadêmicos") OR (mh:("Alunos")) OR ("alunos") OR ("graduação")</i>

Figura 4. Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal segundo tipo de universidade brasileira

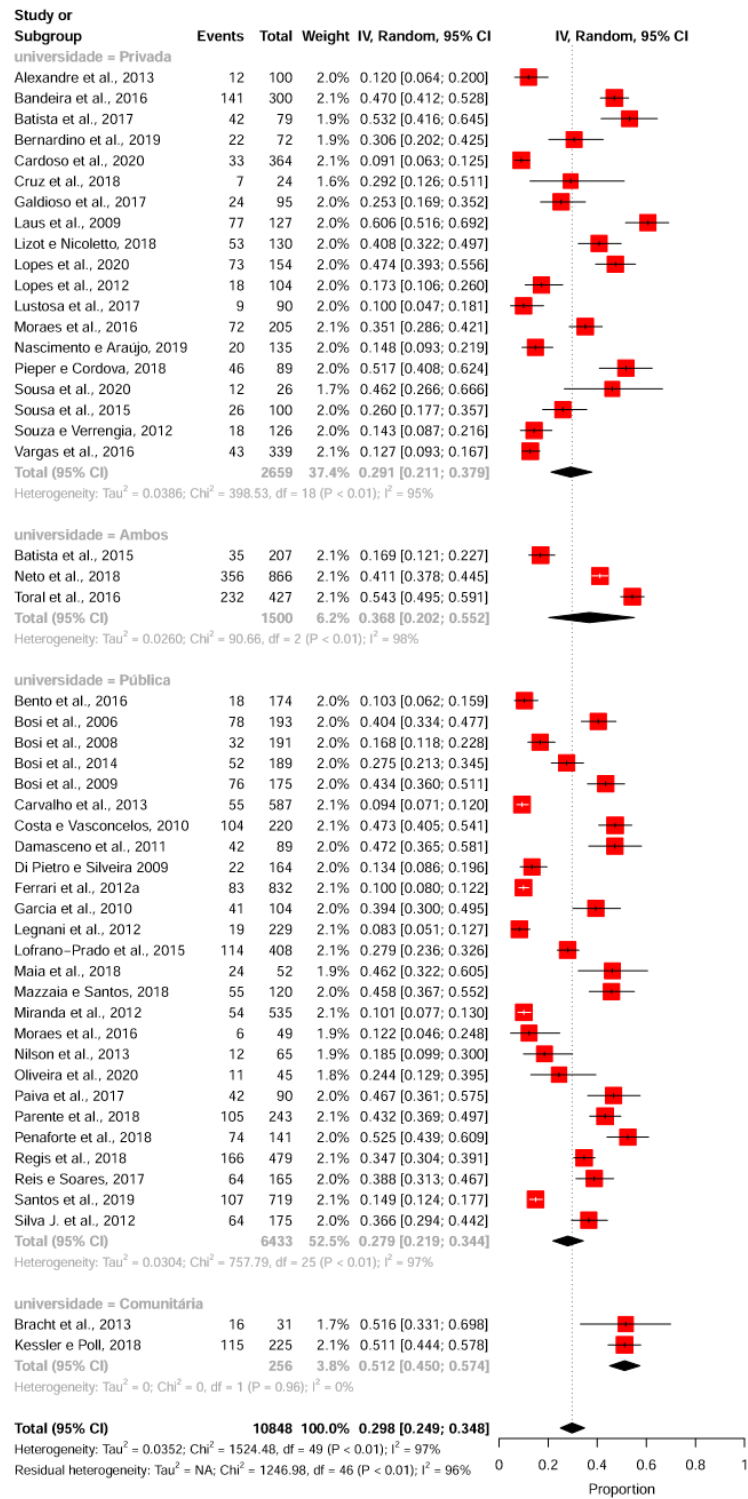


Figura 5. Gráfico de floresta da metanálise da prevalência de insatisfação corporal segundo regiões do Brasil

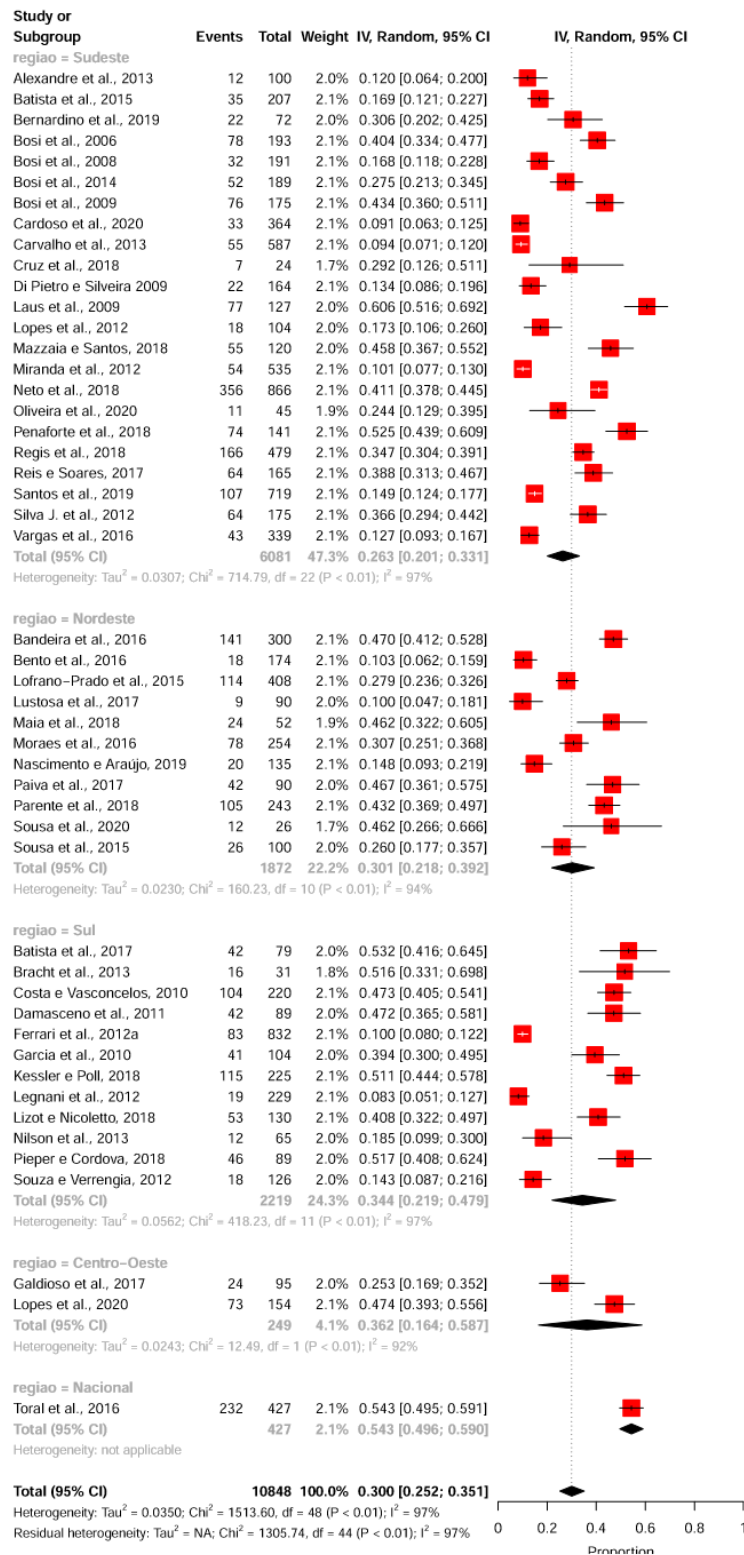


Figura 6. Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal no Brasil segundo tipo de universidade

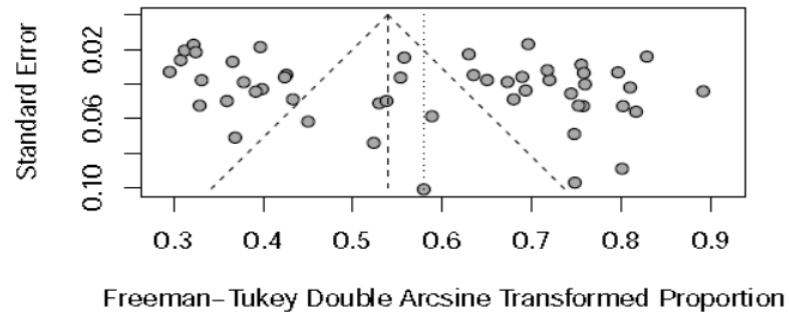
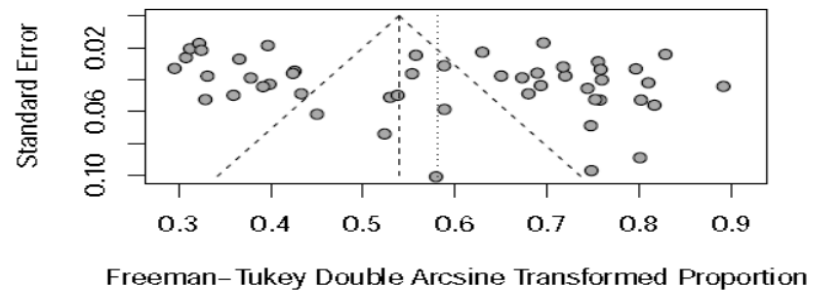


Figura 7. Gráfico de funil dos estudos de prevalência de insatisfação corporal segundo regiões do Brasil



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Antes de positiva, a relação do indivíduo com sua imagem corporal
deve ter consigo um sentimento de responsabilidade afetiva,
moramos em nós, em nosso eu corporal**
Do autor da tese

Percebe-se que atualmente os valores de ter e possuir sobrepõem o indivíduo - o ser e o existir, valores outrora essenciais à vida humana. Há o reconhecimento de uma identidade única e singular fortemente influenciada por instâncias relacionais de ações do coletivo, manifestadas no consumismo, produtivismo e utilitarismo, na construção de identidade relacionada ao corpo, à beleza e à juventude.

Importa ressaltar a existência de múltiplas formas e desejos de adequação aos padrões e idealizações corporais, pois “não ser jovem” envolve questões identitárias: assumir rugas, a idade cronológica e cabelos brancos. A juventude tem atributos buscados por sujeitos que aderem ao consumismo e que podem demarcar certo *status* nas relações sociais, caracterizando uma lógica que conforta e satisfaz o indivíduo sob o ponto de vista do ideal de corpo.

Os determinantes de formação da identidade corporal apontam uma obsessão pelo “ideal”, pela imagem “positiva do sucesso” sob uma perspectiva utópica e arriscada, pautadas por prerrogativas de saúde e bem-estar, individual e coletivo.

Esse trabalho observou, refletiu e analisou sistematicamente um importante fenômeno contemporâneo sobre teorias e conceitos de autores renomados da imagem corporal, tanto nacionalmente, com Campana e Tavares, quanto internacionalmente, com Schilder. Problematizou-se os padrões de beleza atuais. Os instrumentos utilizados nas pesquisas sobre a magnitude da insatisfação com a imagem corporal são o questionário de forma corporal (BSQ) e as escalas de figuras e silhuetas. Apontou-se questões do conhecimento acerca dos conceitos relativos à insatisfação corporal. Foi possível observar uma variedade de definições de insatisfação corporal que podem representar equivocidade das expressões distúrbio, distorção, alteração perceptiva, insatisfação corporal e insatisfação com a imagem corporal. Com base no suporte teórico deste trabalho, o estudo destaca para a avaliação dos aspectos perceptivos (peso, tamanho e forma corporal) os seguintes termos: acurácia da imagem corporal, precisão da estimativa do tamanho corporal e percepção subjetiva da imagem corporal. Para a avaliação dos aspectos atitudinais (crenças, afetos e

comportamentos), distingue-se a insatisfação corporal atitudinal da alteração perceptiva da insatisfação corporal.

Quanto à revisão sistemática, os dados foram reunidos consultando as bases Lilacs, Medline e Embase e literatura cinza com seleção de 49 artigos. Aponta-se prevalência global de 30,2% com IC95% (25,39; 35,27) de insatisfação corporal nos estudantes do Brasil, observando grande heterogeneidade nos resultados dos estudos com a necessidade de discutí-las. A metanálise avançou na análise de subgrupos baseados nas características populacionais e metodológicas. Assim, buscou-se identificar possíveis determinantes da heterogeneidade e indicar possível impacto na equivocidade do uso de conceitos e instrumentos, formas de análises e interpretações da aferição deste fenômeno.

Ficou evidenciado, por meio de metaregressão, que diferenças populacionais como sexo e aferição com pontos de corte distintos dos instrumentos exerceram influência nos resultados dos estudos. Entende-se que a percepção corporal, assim como aspectos do comportamento humano estão diretamente relacionados à cultura e sociedade à qual pertence o indivíduo.

Ainda que a literatura nacional apresente vários estudos com dados de prevalência, esta medida precisa ser melhor discriminada tamanha a heterogeneidade observada na metanálise. É necessário que pesquisadores da temática informem em suas pesquisas pontos importantes sobre a população estudada e metodologia empregada nas publicações e que comparem seus resultados com trabalhos que utilizaram os mesmos critérios, principalmente de características populacionais e metodológicas, destacados no presente estudo.

Destaca-se a necessidade de outras revisões sistemáticas voltadas para o estudo de instrumentos de avaliação, bem como critérios de classificação, visando permitir comparações válidas dos estudos publicados na literatura.

Reitera-se o necessário debate e reflexão com a população alvo do estudo, em especial o público jovem e feminino de estudantes universitários visando fomentar medidas de promoção, prevenção e recuperação de agravos a saúde, muitos destes levantados neste trabalho. Os resultados do manuscrito da revisão sistemática reforçam a necessidade de outros estudos metanalíticos sobre prevalência da alteração perceptiva da insatisfação corporal aferida pela escala de silhuetas. Entende-se que uma visão ampliada da insatisfação corporal aferida por estes dois instrumentos permitirá uma análise ampla do fenômeno.

Nosso estudo também apresenta questões relevantes para o programa de investigação deste silencioso (sob o ponto de vista de ações em saúde) problema de saúde. Assim, intervenções mais efetivas poderão ser sugeridas com direcionamentos para uma ação

planejada e integrada de redes assistenciais, tanto profissionais que atuam na ponta (professores e profissionais de saúde) quanto elaboradores de políticas públicas (gestores) por meio de ações de educação em saúde. Estes profissionais lidam diretamente com técnicas, tratamentos e manejos do corpo e da saúde mental em ambientes distintos, desempenhando papéis na formação de valores culturais, sociais e educacionais no público de universitários. Salienta-se que estes profissionais devem agir com discernimento e se manifestarem sempre criticamente em relação a modismos ditados pela indústria da beleza.

Algumas limitações do trabalho não puderam ser evitadas. A começar pelo delineamento dos estudos avaliados, é conhecido na literatura as fragilidades de estudos epidemiológicos seccionais no que diz respeito a capacidade de inferir causalidade (causalidade reversa). Por fim, os trabalhos incluídos em nossa revisão não passaram por uma avaliação rigorosa em relação ao tamanho amostral e sua validade (interna e externa), o que pode fragilizar algumas hipóteses, mas que foi suprida pelo número relevante e expressivo de estudos da síntese quantitativa.

Contudo, à luz destas limitações, refletimos:

A avaliação e a compreensão da Imagem Corporal são possíveis, mas é leviano afirmar que a Imagem Corporal de um sujeito ou de um grupo é isso ou aquilo. O pesquisador deve reconhecer, como fizeram Schilder, Fisher e tantos outros grandes estudiosos do tema, a incapacidade de visualizar o fenômeno completamente: o que vem à tona são os traços mais marcantes, mais estáveis. É importante saber disso para que o pesquisador não saia rotulando “distúrbios da Imagem Corporal” que precisam ser tratados, consertados. Ou ainda, de forma ingênua, negar a dimensão da história e do momento atual, afirmando que não é possível avaliar a Imagem Corporal. (CAMPANA; TAVARES, 2009, p. 19).

Diante de limitações, assertivas e complexidade do tema, os autores encontram-se satisfeitos com a contribuição deste produto para a literatura científica desta importante temática no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, B.; VAZ, A. F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, p. 199-223. 2008.
- ALEXANDRE, I. M. C. G. P. de et al. Avaliação da imagem corporal em uma amostra de estudantes de medicina. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 15, n. 3, p. 64–67, 24 set. 2013.
- ALMEIDA, R. S. de. **A Experiência Social do Grupo de Jovens**. In: Mundo Jovem: um jornal de idéias. Editora da PUCRS. Porto Alegre. Ano 48, nº403, fevereiro/10. p.16. 2010.
- ALVARENGA, M. S.; PHILIPPI, S. T; LOURENÇO, B.H.; SATO, P.M.; SCAGLIUSI, F.B. Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras. **J. Bras. Psiquiatr.** 59(1):44-51, 2010.
- ALVES D., PINTO, M., ALVES, S., MOTA, A.; LEIRÓS, V. Cultura e imagem corporal. **Motricidade Fundação Técnica e Científica do Desporto**, 5 (1), 1-20, 2009.
- ASSÊNSIO, C. B.; OLIVEIRA JÚNIOR, J. G. Linguagem e ritual-Pierre Bourdieu. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015.
- BANDEIRA, Y. E. R. et al. Avaliação da imagem corporal de estudantes do curso de Nutrição de um centro universitário particular de Fortaleza. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 65, n. 2, p. 168–173, 2016.
- BATISTA, A. et al. Dimensão atitudinal da imagem corporal e comportamento alimentar em graduandos de educação física, nutrição e estética da cidade de juiz de fora - MG. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 26, n. 1, p. 69–77, mar. 2015.
- BATISTA, A. D. O. et al. Avaliação da autopercepção da imagem corporal em estudantes de Estética e Cosmética na Ulbra Torres. **Conversas Interdisciplinares**, v. 13, n. 3, 2017.
- BENTO, K. et al. Transtornos Alimentares, Imagem Corporal e Estado Nutricional em Universitárias de Petrolina-PE. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 20, n. 03, p. 197–202, 2016.
- BERNARDINO, M. R. et al. Avaliação da insatisfação da imagem corporal e possíveis transtornos alimentares em estudantes de áreas da saúde de uma faculdade particular de Bauru-SP. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 13, n. 82, p. 888–897, 2019.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril, 2004.
- BOSI, M. L. M. et al. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **J. bras. psiquiatr**, v. 55, n. 2, p. 108–113, 2006.

BOSI, M. L. M.; LUIZ, R. R.; UCHIMURA, K. Y.; OLIVEIRA, F. P. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de educação física. **J. Bras. Psiquiatr.** 57(1):28- 33, 2008.

BOSI, M. L. M., UCHIMURA, K. Y., LUIZ, R. R. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de Psicologia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 58(3), 150-155, 2009.

BOSI, M. L. M. et al. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 2, p. 243–252, jun. 2014.

BRACHT, C. M. et al. Percepção da autoimagem corporal, estado nutricional e prática de atividade física de universitários do Rio Grande do Sul. **O Mundo da Saúde**, v. 37, n. 3, p. 343–353, 30 set. 2013.

BRAGA, Ana Claudia Raposo. **Body shape questionnaire em universitários no Sul de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado Interinstitucional). Universidade do Vale do Sapucaí. Universidade Federal de São Paulo. Pouso Alegre, MG, 81p., 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, n. 98, p. 44- 46.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Situação alimentar e nutricional no Brasil: Excesso de peso e obesidade da população adulta na Atenção Primária à Saúde**. Brasília – DF:MS, 2020.

BRITO, B. J. Q; GORDIA, A. P.; QUADROS, T. M. B. Estilo de vida de estudantes universitários: estudo de acompanhamento durante os dois primeiros anos do curso de graduação. **Medicina (Ribeirão Preto)**, 2016; 49 (4): 293-302.

BROWN, A.; KNIGHT, T. Mudanças nas imagens da mídia sobre a aparência e o status social das mulheres de 1960 a 2010: uma análise de conteúdo de anúncios de beleza em duas revistas australianas. **Journal of Aging Studies**, 35, 74-83, 2015.

CAMPANA, A. N. N. B.; TAVARES, M. C. G. C. F. **Avaliação da imagem corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa**. São Paulo: Phorte, 2009.

CAMPANA, A. N. N. B.; TAVARES, M. C. G. C. F. Avaliação da imagem corporal: Notas Essenciais para uma Boa Prática de Pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 31 n. 3, pp. 375-380, jul-Set, 2015.

CARDOSO, L. et al. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em estudantes universitários. **J. bras. psiquiatria**, v. 69, n. 3, p. 156–164, jul. 2020.

CARVALHO, P. H. B. de et al. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. **Jornal Brasileiro de**

Psiquiatria, v. 62, n. 2, p. 108–114, jun. 2013.

CARVALHO, Pedro Henrique Berbert de; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Imagem corporal em homens: instrumentos avaliativos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, p. 277-285, 2014.

CEBALLOS-GURROLA, O.; MEDINA-RODRÍGUEZ, R. E.; JUVERA-PORTILLA, J. L.; PECHE-ALEJANDRO, P.; AGUIRRE-LÓPEZ, L. F.; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, J. Imagen corporal y práctica de actividades físico-deportivas en estudiantes de nivel secundaria. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, 20(1), 252-260, 2020.

CONTI, Maria Aparecida. Os aspectos que compõem o conceito de imagem corporal pela ótica do adolescente. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.** [online]. vol.18, n.3, pp. 240-253, 2008.

CONTI, M. A.; CORDÁS, T. A.; LATORRE, M. R. D. O. A study of the validity and reliability of the Brazilian version of the Body Shape Questionnaire (BSQ) among adolescents. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** 9 (3): 331–338, 2009.

CONTI, Maria Aparecida; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira. Estudo de validação e reprodutibilidade de uma escala de silhuetas para adolescentes. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 699-706, Dec. 2009.

COOPER, P.; TAYLOR, M. J.; COOPER, Z.; FAIRBURN, C. G. – The development and validation of the body shape questionnaire. **International Journal of Eating Disorders**. 6: 485-94, 1987.

COQUEIRO, R. S.; PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; BARBOSA, A. R. Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. **Revista Psiquiátrica Rio Grande do Sul**. Florianópolis. Vol. 30. Num. 1. p. 31-38, 2008.

CORDÁS, T. A, CASTILHO, S. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista Psiquiátrica Biológica**. São Paulo. Vol. 2. Num.1. 1994. p. 17-21.

CORDÁS, T. A, NEVES, J. E. Escalas de avaliação de transtornos alimentares. **Rev. Psiq. Clin.** 1999;26(1):154-7.

CORDÁS, T. A. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 2004; 31(4), 154-157.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 244p, 2005.

COSTA, L. C. F.; VASCONCELOS, F. A. G. de. Influência de fatores socioeconômicos, comportamentais e nutricionais na insatisfação com a imagem corporal de universitárias em Florianópolis, SC. **Rev. bras. epidemiol**, v. 13, n. 4, p. 665–676, dez. 2010.

COSTA, A. C. P. ; TORRE, M. C. M. D.; ALVARENGA, M. dos S. Atitudes em relação ao exercício e insatisfação com a imagem corporal de frequentadores de academia. **Revista**

Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 29, p. 453-464, 2015.

COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura Americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 81-114, 1995.

COUTINHO, E. S.; BRAGA, J. U. Revisão Sistemática e Metanálise. In: Roberto Medronho; Diana Mahul de Carvalho; Katia Vergetti Bloch; Ronir Raggio Luiz; Guilherme Werneck. (Org.). **Epidemiologia**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2009, p. 289-299.

CRUZ, P. P.; NILSON, G.; PARDO, E. R.; FONSECA, A. O. Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude. In: Seminário internacional fazendo gênero - corpo, violência e poder. 2008. **Anais eletrônicos**. Florianópolis – SC, 2008.

CRUZ, R. T. et al. Verificação do estado nutricional de estudantes do curso de Nutrição das Faculdades Integradas de Bauru-SP com enfoque na ortorexia. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 76, p. 1119–1128, 2018.

DALL'AGNOL, M.; PEZZI, F. Estado nutricional e imagem corporal de praticantes de exercício físico regular de uma academia da Serra gaúcha. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 12, n. 76, p. 1051-1060, 1 jan. 2019.

DAMASCENO, V. O. et al. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 11, n. 3 mai/jun, 2005.

DAMASCENO, M. L.; SCHUBERT, A.; OLIVEIRA, A. P.; SONOO, C. N.; VIEIRA, J. L. L.; VIEIRA, L. F. Associação entre comportamento alimentar, imagem corporal e esquemas de gênero do autoconceito de universitárias praticantes de atividades físicas. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**. 16(2), 138-143, 2011.

DAMASCENO, V. O.; VIANNA, J. M.; NOVAES, J. S.; LIMA, J. R. P.; FERNANDES, H. M.; REIS, V. R. Relationship between anthropometric variables and body image dissatisfaction among fitness center users. **Revista de Psicología del Deporte**, v.20, n.2, p. 367-82, 2011.

DAMASCENO, V. O.; LIMA, J. R. P. de ; VIANNA, J. M. ; SILVA, A. C. ; SILVA, S. F. . Insatisfação com a imagem corporal e variáveis antropométricas de praticantes de atividades em academia. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 17, p. 1-3, 2012.

DI PIETRO, M. C.; SILVEIRA, D. X. **Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala BSQ - “body shape questionnaire” em uma população de estudantes universitários** [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2001.

DI PIETRO, M. C.; SILVEIRA, D. X. Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala Body Shape Questionnaire em uma população de estudantes universitários brasileiros. **Rev. Bras. Psiquiatr.** [online]. vol.31, n.1, pp.21-24, 2009.

FERRARI, E. P. et al. Insatisfação com a imagem corporal e relação com o nível de

atividade física e estado nutricional em universitários. **Motricidade**, v. 8, n. 3, p. 52–58, 2012.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; NASCIMENTO, Fábio Santiago; RODRIGUES, Maria Eduarda. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Linguagem em (Dis)curso**, 17(1), 67-88. 2017.

FORTES, L. de S.; ALMEIDA, S. de S.; FERREIRA, M. E. C. Imagem corporal e transtornos alimentares em atletas adolescentes: uma revisão. **Psicologia em Estudo (Impresso)**, v. 18, p. 667-677, 2013.

FOUCAULT, Michel. “Poder–corpo”. In: Machado, R. (Org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 145-152.

FOUCAULT, M. “Os recursos para o bom adestramento”. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 153-72.

FREIRE, Simone Cardoso; FISBERG, Mauro. Adaptação da Escala de Silhuetas Brasileiras para uso digital. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 4, pág. 211-215, outubro de 2017.

GAMA, C. O. da. **A Influência dos padrões contemporâneos de corpo para estudantes do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 73 p., 2016.

GARCIA, Carmen Lúcia. **Corpos educados e disciplinados: A educação do corpo na mídia – reflexões a partir da revista Marie Claire**. Dissertação (Educação). Universidade Santo Amaro, São Paulo, 99 p., 2017.

GARNER, D. M.; GARFINKEL, P. E. Body image in anorexia nervosa: Measurement theory and clinical implications. **International Journal of Psychiatry in Medicine**, 2, 263-284, 1981.

GARDNER, R. M.; STARK, K.; JACKSON, N. A.; FRIEDMAN, B. N. Development and validation of two new scales for assessment of body image. **Percept Mot Skills**, 89(3 Pt 1):981-93, 1999.

GAUDIOSO, C. et al. Imagem corporal e comportamento alimentar em estudantes universitárias. **Psicólogo inFormação**, v. 21:5–18, 2017.

GHIRALDELLI, J. R. P. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2008.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, v.1, 414p., 2002.

GONÇALVES, C. O.; CAMPANA, A. N.; TAVARES, M. C. Influência da atividade física

na imagem corporal: Uma revisão bibliográfica. **Motricidade**, Vila Real, v. 8, n. 2, p. 70-82, 2012.

GROGAN, S. **Body Image: Understanding Body Dissatisfaction in Men, Women, and Children**. East Sussex: Routledge, 2008.

HIRATA, E. **Influências de Padrões de Corpo e da Comparação Social na Imagem Corporal. Dissertação** (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

JAEGER, M. B.; CÂMARA, S. G. Media and Life Dissatisfaction as Predictors of Body Dissatisfaction. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, 25(61), 183–190, 2015.

KAKESHITA, S. I; ALMEIDA, S. S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção de autoimagem em universitários. **Rev. saúde pública**, 40 (nº3), 2006.

KAKESHITA, I. S. **Adaptação e validação das escalas de silhuetas para crianças e adultos brasileiros**. Tese (doutorado) – Faculdade de filosofia, ciência e letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 118p. 2008.

KEHL, M. R. As máquinas falantes. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 243-259, 2003.

KESSLER, A. L.; POLL, F. A. Relação entre imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e estado nutricional em universitárias da área da saúde. **J. bras. psiquiatr**, v. 67, n. 2, p. 118–125, jun. 2018.

LANGOSKI, J. É. et al. Influência do Tempo de Dedicção ao Curso Sobre Condutas de Saúde de Acadêmicos Universitários / Influence of Course Time Dedication on Health Actions of University Students. **Saúde em Foco**, v. 3, n. 2, p. 105–118, 7 abr. 2017.

LAUS, M. F.; MOREIRA, R. DE C. M.; COSTA, T. M. B. Diferenças na percepção da imagem corporal, no comportamento alimentar e no estado nutricional de universitárias das áreas de saúde e humanas. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 31, n. 3, p. 192–196, dez. 2009.

LAUS, M. F. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, 2013.

LAUS, M. F. et al. Body image in Brazil: recent advances in the state of knowledge and methodological issues. **Rev. saúde pública**, v. 48, n. 2, p. 331–346, abr. 2014.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

LEGEY S., LAMEGO M. K., LATTARI E., CAMPOS C., PAES F., SANCASSIANI F., et al. Relationship among body image, anthropometric parameters and mental health in physical education students. **Clin. Pract. Epidemiol. Ment. Health**. 12, 177–187, 2016.

- LEGNANI, R. F. S.; LEGNANI, E.; PEREIRA, E. F.; GASPAROTTO, G. S.; VIEIRA L. F.; CAMPOS, W. Transtornos alimentares e imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p.84-91, jan./mar. 2012.
- LIMA, F. É. B. et al. Percepção da imagem corporal em universitários de educação física. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 14, n. 87, p. 608–616, 3 nov. 2020.
- LIZOT, L. A. B.; NICOLETTO, B. B. Comportamento alimentar e imagem corporal em acadêmicos de Nutrição de uma Universidade privada da Serra Gaúcha. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 76, p. 1141–1149, 2018.
- LÔBO, I. L. B. et al. Body image perception and satisfaction in university students. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 22, 2020.
- LOFRANO-PRADO, M. C. et al. Eating disorders and body image dissatisfaction among college students. **Conscientiae saúde (Impr.)**, v. 14, n. 3, p. 355–362, set. 2015.
- LOPES, Amliz Ferreira; MENDONÇA, Érika de Sousa. Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Rev. Subj.** Fortaleza, v.16, n. 2, p. 20-33, ago. 2016.
- LOPES, I. P. et al. Comportamento alimentar entre estudantes de medicina de uma Universidade privada em Campo Grande – Mato Grosso do Sul. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 74807–74820, 5 out. 2020.
- LOPES, L. C. et al. Autopercepção da imagem corporal entre universitários: uma análise comparativa. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 6, n. 34, 13 out. 2012.
- LUSTOSA, R. P. et al. Percepção corporal e compromisso com exercício físico em acadêmicos de Educação Física. **Revista Observatorio del Deporte**, p. 07–14, 7 ago. 2017.
- MAIA, R. G. L. et al. Estado nutricional e transtornos do comportamento alimentar entre estudantes do curso de graduação em Nutrição no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia, Ceará, Brasil. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 1, p. 135–145, 21 maio 2018.
- MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, v. 1. 79-137p., 2002.
- MARANGONI, A. B. et al. Validade de medidas antropométricas autorreferidas em adolescentes: sua relação com percepção e satisfação corporal. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 60, n. 3, p. 198–204, 2011.
- MARTINS, C. R.; GORDIA, A. P.; SILVA, D. A. S.; QUADROS, T. M. B. D.; FERRARI, E. P.; TEIXEIRA, D. M.; PETROSKI, E. L. Body Image dissatisfaction and associated factors among college students. **Estudos de Psicologia (Natal)**, 17(2), 241-246, 2012.

- MARTINS, B. G.; SILVA, W. R.; CAMPOS, J. A. D. B. Preocupação com a forma do corpo de graduandos de Farmácia-Bioquímica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 64, p. 32-39, 2015.
- MATARUNA, L. Imagem Corporal: noções e definições. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, año 10, n 71, 2004.
- MAZZAIA, M. C.; SANTOS, R. M. C. Fatores de risco para transtornos alimentares em graduandos de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, n. 5, p. 456-462, 2018.
- MEDEIROS, T. H.; CAPUTO, E. L.; DOMINGUES, M. R. Insatisfação corporal em frequentadoras de academia. **J. Bras. Psiquiatr.**, 66(1): 38-44, 2017.
- MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Young**. Estocolmo: v. 4, nº 2, p. 3-14, 1996.
- MIRANDA, Valter Paulo Neves, et al. Insatisfação corporal em adolescentes brasileiros de municípios de pequeno porte de Minas Gerais. **J. Bras. Psiquiatr.**, v. 60, n.3, p.190-7, 2011.
- MIRANDA, Valter Paulo Neves. et al. Insatisfação corporal em universitários de diferentes áreas de conhecimento. **J. Bras. Psiquiatr.**, v.61, p, 25-32, jan., 2012.
- MORAES, J. M. M. et al. Fatores associados à insatisfação corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares entre estudantes de Nutrição. **Rev. Pesq. Saúde**, 17 (2) p. 106-111, mai-ago, 2016.
- MORAES, M. R. C. **Autocuidado e gestão de si: Hábitos saudáveis na mídia impressa semanal**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 325p., 2014.
- MUNN, Z.; MOOLA, S.; LISY, K.; RIITANO, D.; TUFANARU, C. Orientação metodológica para revisões sistemáticas de estudos epidemiológicos observacionais relatando dados de prevalência e incidência. **Int. J. Evid. Based Healthc.** 2015;13(3):147-153.
- NASCIMENTO, D. E.; AFONSO, M. R. Os corpos na sociedade contemporânea. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, año 18, n 190, 2014.
- NASCIMENTO, S. B. do; ARAÚJO, Í. L. S. B. de. Perfil antropométrico e insatisfação corporal de estudantes universitários. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 13, n. 82, p. 864-870, 2019.
- NEAGU, A. Body image: A theoretical framework. *Proc. Rom. Acad., Series B*, 17(1): 29-38, 2015.
- NETO, A. P. V. et al. Avaliação da satisfação com a imagem corporal e uso de medicamentos anorexígenos e anabolizantes em estudantes universitários. **Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais - Animais e Humanos Interdisciplinary Journal of Experimental Studies**, v. 10, n. Único, 2018.

- NILSON, G. et al. Espelho, espelho meu: um estudo sobre autoimagem corporal de estudantes universitários. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 18, n. 1, p. 112–120, 31 maio 2013.
- OLIVEIRA, A. P. G. de et al. Transtornos alimentares, imagem corporal e influência da mídia em universitárias. **Rev. enferm. UFPE online**, p. [1-9], 2020.
- PAIVA, A. de A. et al. Percepção da imagem corporal e estado nutricional em acadêmicas de Nutrição de uma universidade pública. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 12, n. 1, p. 193–206, 3 mar. 2017.
- PAIXÃO, J. A.; LOPES, M. F. **Saúde em Debate**. v. 38, nº 101, p. 267-276, 2014.
- PALMA, Alexandre et al. Imagem corporal e dependência de exercícios físicos em frequentadores de uma academia de ginástica da cidade do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, v. 17, n.1, mar. 2014.
- PARENTE, N. de A. et al. Imagem corporal e ambiente familiar em estudantes da saúde: uma comparação entre Brasil e Espanha. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 4, p. 819–837, 29 dez. 2018.
- PENAFORTE, F. R. O. et al. Ortorexia nervosa em estudantes de nutrição: associações com o estado nutricional, satisfação corporal e período cursado. **J. bras. Psiquiatr.**, v. 67, n. 1, p. 18–24, mar. 2018.
- PEREIRA, M. Jr.; CAMPOS, W. Jr.; SILVEIRA, F. V. Percepção e distorção da auto-imagem corporal em praticantes de exercício físico: a importância do exercício físico na imagem corporal. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 7. n. 42, p. 345-352, 2013.
- PETRY, N. A.; PEREIRA JÚNIOR, M. Avaliação da insatisfação com a imagem corporal de praticantes de musculação em uma academia de São José-SC. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 13. n. 78. p.219-226. Mar./Abril. 2019.
- PIEPER, T. R.; CORDOVA, M. E. Percepção da imagem corporal e risco de transtornos alimentares em universitárias. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 74, p. 796–803, 15 nov. 2018.
- PIRES, Valéria Nascimento Lebeis. **Associação entre a satisfação corporal e a atividade física em universitários**. Tese (Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 108p. 2017.
- RECH, C. R.; ARAÚJO, E. D. S.; VANAT, J. R. Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 24(2), 285-292, 2010.
- REGIS, J. M. O. et al. Social anxiety symptoms and body image dissatisfaction in medical students: Prevalence and correlates. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, n. 2, p. 65–

73, 2018.

REIS, A. S. dos; SOARES, L. P. Estudantes de nutrição apresentam risco para transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 21, n. 4, p. 29881–29881, 15 nov. 2017.

RIBEIRO, Patrícia Russo Leite; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes; CAETANO, Aletha Silva. Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. **Psico-USF**, Itatiba, v. 17, n. 3, p. 379-386, Dec. 2012.

ROCHA, K. S. Identidade: revisão teórica sobre um conceito polissêmico. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 23, n. 249, p. 87-97, 14 fev. 2019.

RODRÍGUEZ, J. J. **Actividad física, imagen corporal y condiciones de vida: un abordaje teórico desde los determinantes y la determinación social de la salud**. 2015. 90f. Disertación (Maestría en Actividad Física y Salud) Universidad del Rosario Escuela de Medicina y Ciencias de la Salud, Bogotá, 2015.

ROSEN, J. C. The nature of body dysmorphic disorder and treatment with cognitive behaviour therapy. **Cognitive and Behaviour Practice**, 2, 143-166, 1995.

SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, v. 1. 139-188p., 2002.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. (Org.). **Corpo e história**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004, v.1. p. 3-23.

SANTOS, V. S. et al. Preocupação com a Imagem Corporal e a Autoestima de Universitários do Interior de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação e Cultura, RBEC**, n. 19, p. 95–105, 2019.

SANTOS, V. M.; MEZZAROBBA, C. A percepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. **Lecturas: Educación Física Y Deportes**, 18(182), 87-97, 2013.

SANTOS, M. A. dos; OLIVEIRA, V. H. de; PERES, R. S.; RISK, E. NAME; LEONIDAS, C.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. de. Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saúde e Sociedade**, 28(3), 239-252. 2019.

SAYÃO, M. N. **As Diretrizes Curriculares e a formação em Educação Física no contexto das transformações contemporâneas do corpo**. 291 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 294p., 2014.

SCAGLIUSI, F. B., ALVARENGA, M., POLACOW, V., CORDÁS, T. A., QUEIROZ, G. K. O., COELHO, et al. Concurrent and discriminant validity of the Stunkard's figure rating scale adapted into Portuguese. **Appetite**, 47, 77-82, 2006.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: As energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brigido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 229-236, jun. 2009.

SILVA, T. R.; SAENGER, G.; PEREIRA, E. F. Fatores associados à imagem corporal em estudantes de Educação Física. **Motriz**, 17(4), 630-639, 2011.

SILVA, D. A. S.; PEREIRA, I. M. M.; OLIVEIRA, A. C. C. de. Impacto da escolaridade materna e paterna na percepção da imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. **Motricidade**, 8(2), 22-31, 2012.

SILVA, J. D. et al. Influência do estado nutricional no risco para transtornos alimentares em estudantes de nutrição. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 12, p. 3399-3406, dez. 2012.

SILVA, R. S.; FERREIRA, V. L. Avaliação da autoimagem em frequentadores de academias no interior do Rio Grande do Sul. Encontro: **Revista de psicologia**. V. 16, n 24, p. 23-30, 2013.

SILVA, G. L. **Influência da mídia sobre o comportamento alimentar e imagem corporal em universitários**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Vitória de Santo Antão, 75f. 2018.

SLADE, P. D. What is body image? **Behaviour Research and Therapy**, 32, 497-502, 1994.

SOUSA, F. das C. A. et al. Estudo do estado nutricional, imagem corporal e atitudes para transtornos alimentares em acadêmicas de nutrição. **Revista Enfermagem Atual in Derme**, v. 93, n. 31, set. 2020.

SOUSA, O. G. M. et al. Preocupação com a imagem corporal em discentes do curso de Educação Física. **Cinergis.**, v. 16, n. 4, out. 2015.

SOUZA, A. C.; ALVARENGA, Marle dos Santos. Insatisfação com a imagem corporal em estudantes universitários – Uma revisão integrativa. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 286-299, Sept. 2016.

SOUZA, A. C. **Relações entre atividade física, corpo e imagem corporal entre universitários da Argentina, Brasil, Estados Unidos da América e França**. Dissertação (Mestrado de Nutrição em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOUZA, C. Z. V. G. **Juventude e Contemporaneidade: possibilidade e limites**. Última Década Nº20, cidpa Viña Del Mar, Junio, pp.47-69, 2004.

SOUZA, M. C. D. F. P. de; SOUZA, L. V. e, BARROSO, S. M., SCORSOLINI-COMIN, F. Padrões alimentares e imagem corporal em mulheres frequentadoras de academia de atividade física. **Psico-USF**, Itatiba, v. 18, n. 3, p. 445-454, dez. 2013.

SOUZA, S.; VERRENGIA, E. C. Autopercepção da imagem corporal e prevalência de comportamentos sugestivos de anorexia nervosa em universitários. **Revista Uniná**, v. 34, n. 1, 20 dez., 2012.

SUEITTI, M. A. G.; SUEITTI, A. P. dos S. A corpolatria e os transtornos da imagem corporal. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo. v. 37, Ed. Esp. Extra. p. 102-111, jun. 2015.

STUNKARD, A. J; SORENSEN, T.; SCHULSINGER, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: KETY, S. S.; ROWLAND, L. P.; SIDMAN, R. L.; MATTHYSSE, S. W. **The genetics of neurological and psychiatric disorders**. New York: Raven Press; p. 115-20, 1983.

TAVARES, M. C. G. C. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri, SP: Manole, 2003.

TAVARES, M. C. G. C. F. et al. Avaliação perceptiva da imagem corporal: história, reconceituação e perspectivas para o Brasil. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 509-518, Sept., 2010.

TESSMER, C. S.; SILVA, M. C.; PINHO, M. N.; GAZALLE, F. K.; FASSA, A. G. Insatisfação corporal em freqüentadores de academia. **R. bras. Ci. e Mov.** 14(1): 7-12, 2006.

THOMPSON, M. A.; GRAY, J. J. Development and validation of a new body-image assessment scale. **Journal of Personality Assessment**, 64(2), 258-269, 1995.

THOMPSON, J. K. - **Body Image, Eating Disorders and Obesity**. Washington D.C.: **American Psychological Association**, 1996.

TORAL, N. et al. Eating disorders and body image satisfaction among brazilian undergraduate nutrition students and dietitians. **Arch. latinoam. nutr**, v. 66, n. 2, p. 129-134, jun. 2016.

VAQUERO, C., R.; ALACID, F; MUYOR, J. M., LOPEZ, M. P. A. **Imagen corporal: revisión bibliográfica**. *Nutr Hosp*; 28(1):27-35, 2013.

VARGAS, L. M. et al. Nível de atividade física de estudantes universitários com e sem distúrbio da imagem corporal. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1, 31 mar. 2016.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILHENA, L. M.; SANTOS, T. M.; PALMA, A.; MURÃO, L. **Avaliação da imagem corporal em professores de educação física atuantes no *fitness* na cidade do Rio de Janeiro**. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 449-464, abr./jun. 2012.

VOLPE, A. C. C. et al. Estima e satisfação com a imagem corporal em estudantes de Medicina. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v.

13, n. 77, p. 61–67, 11 fev. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Constitution of the World Health Organization. Basic Documents.** WHO. Geneva, 1946.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO definition of Health**, 1948.

APENDICE: PERSPECTIVAS DE ESTUDOS DE IMAGEM CORPORAL NO PÓS-PANDEMIA: NOTAS DO AUTOR

Laus et al. (2014) em seu trabalho apontam o caráter incipiente de estudos de imagem corporal no Brasil cuja iniciativa que mais se destaca é a disponibilização de instrumentos de avaliação essenciais para o avanço das pesquisas nessa área. Importante ressaltar que alguns grupos específicos estão sendo estudados extensivamente, enquanto outros estão sendo relativamente negligenciados.

O ano de 2020 nos deixou muitas surpresas, infelizmente nem todas foram positivas e nos deixam marcas que refletirão no campo científico. Com a pandemia de Covid-19 as relações humanas passaram a se dar em um formato diversificado, por meio de recursos tecnológicos. Indivíduos na atualidade têm se comunicado com certa naturalidade por meios digitais, extrapolando estas relações para o ensino e a pesquisa científica nada foi diferente, aulas remotas têm sido a melhor, senão em muitos cenários a única alternativa, bem como o fazer ciência, em especial com pesquisas que envolvem experimentos. Antes com pesquisas práticas, idas a campo e ensaios clínicos, atualmente tem se elevado as propostas de revisões narrativas, integrativas e até mesmo robustas revisões sistemáticas, bem como as aplicações de instrumentos de pesquisa via meios digitais. Neste contexto, aplicativos ganharam destaques: WhatsApp, Instagram e Facebook (para interação social), Go To Meeting, Google Meets, Zoom, Skype, Hangouts (para reuniões), Youtube (para visualização de vídeos), Google Drive, Forms, planilhas, Zotero, Mendeley e Endnote (para auxiliar pesquisas) e Microsoft Teams e Google Classroom (para aulas na modalidade EAD), dentre muitos outros, e vem aumentando o leque de novidades.

Em se tratando da temática da presente pesquisa, as perspectivas para o campo da imagem corporal deverão se adaptar às mudanças. Instrumentos como as Escalas de figuras e silhuetas e questionários como o BSQ (destacado em nosso estudo) ganharão formatos cada vez mais dinâmicos e chamativos com o auxílio da tecnologia, indícios não faltam, como a proposta adaptação da Escala de silhuetas para o meio digital (FREIRE; FISBERG, 2017), por exemplo.

Atualmente aplicativos criam avatares (representação da figura humana na internet) com realismo que impressionam e nos dão um direcionamento para os rumos que estudos de percepção irão caminhar.

As aplicações dos instrumentos de pesquisa, antes feitas de forma presencial, têm comumente sendo realizadas por meio de links que direcionam o entrevistado para o

preenchimento de questões que envolvem as problemáticas de pesquisa (tanto do método qualitativo tal qual do quantitativo). Até mesmo as bancas de trabalhos acadêmicos, antes com seus rituais realizados de forma presencial, atualmente se rendem aos práticos recursos tecnológicos. Seguramente, o pós-pandemia nos revelará com mais notoriedade aprendizados impostos pelo Covid-19. E com ele nos re/moldaremos aos novos formatos que passarão a vigorar.

Somado aos aspectos positivos há inúmeros negativos, o período pandêmico tem levantado alguns aspectos sobre a temática de imagem corporal e despertam a atenção no campo da saúde tais como: diminuição da prática de atividades físicas, aumento do sedentarismo e obesidade, aumento dos índices de transtornos de ansiedade, distúrbios alimentares e depressão, maior tempo de lazer passivo (o que vem carregado de hábitos viciosos, como maior tempo de tela e de uso de computadores, Smartphones e Tablets). O que fatalmente influenciará em maiores preocupações com o corpo e incidirá na insatisfação corporal.

A saúde pública brasileira, em especial, profissionais que atuam na ponta, gestores das três esferas de governo e cientistas têm grande desafio pela frente. Hoje com a pandemia e a posteriori com seus impactos teremos novos desdobramentos, formas de se viver e novos modos e maneiras de se fazer pesquisa.

ANEXO A: CERTIFICADO DE ACEITE DE PUBLICAÇÃO, ARTIGO 1: CORPO, BELEZA E JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE: APONTAMENTOS REFLEXIVOS.



Certificación

Por la presente certificamos fue aprobado y se publicará en el número de 279 de agosto del presente año, el artículo

Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos

de **Cláudio Oliveira da Gama, Gláucio Oliveira da Gama, Valéria Nascimento Lebeis Pires, Jose Ueleres Braqa y Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel** en Lecturas: Educación Física y Deportes, revista digital.

Nuestra producción es la primera en su temática en idioma español en configurarse en la World Wide Web, publica artículos con interés científico o didáctico, inéditos y originales, que atraviesan un proceso previo de revisión anónima por pares. Además, su contenido es indizado en Dialnet Plus (Universidad de La Rioja, España), cuenta con registros en el Catálogo de LATINDEX versión 2.0 (UNAM, México), CAPES y CEV (Brasil), Google Académico, Carhus Plus+ (Generalitat de Cataluña), REDIB, LatinRev (FLACSO), ERIH PLUS, BINPAR y Malena (CALCYT-CONICET, Argentina), Dimensions (EE.UU.), REBIJUN (España) y PKP-Index. Dichos artículos aparecen en nuestra base de datos bibliográfica y solo se publican en formato digital.

Este aporte profesional altamente calificado contribuye con el desarrollo y expansión de la publicación que se inició en marzo de 1997.

A la fecha se han publicado 276 números, la totalidad de los cuales está a disposición de cualquier navegante que desee consultarlos en <http://www.efdeportes.com>.

En Buenos Aires, a los 11 días del mes de mayo de 2021.

Lic. Tulio Guterman
Director

EFDEPORTES.COM
INFORMACIÓN Y CAPACITACIÓN

Guiricéaga 448 4º A - 1414 - Buenos Aires - Argentina

WhatsApp: +549 11 66608047 · (54-11) 4866-6279 · E-mail: efdeportes@gmail.com

ANEXO B: CERTIFICADO DE ACEITE DE PUBLICAÇÃO, ARTIGO 2: CORPO, IDENTIDADE E IMAGEM CORPORAL: UMA REVISÃO NARRATIVA



Certificación

Por la presente certificamos fue aprobado y se publicará en el número de 278 de julio del presente año, el artículo

Corpo, identidade e imagem corporal: uma revisão narrativa

de **Cláudio Oliveira da Gama, Gláucio Oliveira da Gama, Valéria Nascimento Lebeis Pires y Elvira Maria Godinho de Seixas Maciel** en *Lecturas: Educación Física y Deportes, revista digital*.

Nuestra producción es la primera en su temática en idioma español en configurarse en la World Wide Web, publica artículos con interés científico o didáctico, inéditos y originales, que atraviesan un proceso previo de revisión anónima por pares. Además, su contenido es indizado en Dialnet Plus (Universidad de La Rioja, España), cuenta con registros en el Catálogo de LATINDEX versión 2.0 (UNAM, México), CAPES y CEB (Brasil), Google Académico, Carhus Plus+ (Generalitat de Cataluña), REDIB, LatinRev (FLACSO), ERIH PLUS, BINPAR y Malena (CAICYT-CONICET, Argentina), Dimensions (EE.UU.), REBILIN (España) y PKP-Index. Dichos artículos aparecen en nuestra base de datos bibliográfica y solo se publican en formato digital.

Este aporte profesional altamente calificado contribuye con el desarrollo y expansión de la publicación que se inició en marzo de 1997.

A la fecha se han publicado 275 números, la totalidad de los cuales está a disposición de cualquier navegante que desee consultarlos en <http://www.efdeportes.com>.

En Buenos Aires, a los 17 días del mes de abril de 2021.

Lic. Tulio Guterman
Director

EFDEPORTES.COM
INFORMACIÓN Y CAPACITACIÓN

Germolaga 448 4º A - 1414 - Buenos Aires - Argentina

WhatsApp +54911-68605047 · (54-11) 4856-6279 · E-mail: efdeportes@gmail.com